

MÍRIAM GOMES AVELAR DE MORAIS

**O PSICOPEDAGOGO NA VISÃO DO FORMADOR DO
PEDAGOGO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
PSICOPEDAGOGO ENTRE PROFESSORES DO CURSO DE
PEDAGOGIA**

Goiânia

Setembro de 2010

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação

Míriam Gomes Avelar de Moraes

**O PSICOPEDAGOGO NA VISÃO DO FORMADOR DO
PEDAGOGO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
PSICOPEDAGOGO ENTRE PROFESSORES DO CURSO DE
PEDAGOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Doutora Joana Peixoto.

Goiânia

Setembro de 2010

M827p Morais, Miriam Gomes Avelar de.

O psicopedagogo na visão do formador do pedagogo : representações sociais do psicopedagogo entre professores do curso de pedagogia / Miriam Gomes Avelar de Morais. – 2010.

214 f.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joana Peixoto”.

1. Psicopedagogia – psicopedagogos – representações sociais. 2. Professores – formação. I. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. II. Peixoto, Joana. III. Título: Representações sociais do psicopedagogo entre professores do curso de pedagogia. IV. Título.

CDU: 371.132(043.3)

37.013.77

MIRIAM GOMES AVELAR DE MORAIS

**O PSICOPEDAGOGO NA VISÃO DO FORMADOR DO
PEDAGOGO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
PSICOPEDAGOGO ENTRE PROFESSORES DO CURSO DE
PEDAGOGIA**

Dissertação defendida no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para obtenção do título de Mestre em Educação, em 30 de Setembro de 2010, pela banca examinadora constituída pelas seguintes professoras:

**Profa. Dra. Joana Peixoto / PUC-Goiás
(Orientadora)**

**Profa. Dra. Elianda F. Arantes Tibali / PUC-Goiás
(Membro)**

**Profa. Dra. Mércia Rosana Chavier / UEG
(Membro Convidado)**

DEDICATÓRIA

Aos meus amados pais, William e Márcia, toda minha admiração e afeto.

Ao meu companheiro, Leonardo, e aos meus filhos, Murilo, Marcela, Mateus e Mariana, pelo amor, paciência, compreensão e incentivo. Amo vocês!!

À Profª Drª Joana Peixoto, pela orientação e dedicação.

À todos os psicopedagogos que buscam engrandecer o percurso desta profissão no nosso país.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho contém a contribuição de pessoas muito importantes que, de alguma forma, se fizeram presentes durante seu desenvolvimento. A todos o meu reconhecimento e profunda gratidão:

À Deus, em especial, por estar comigo a cada minuto, com seu amor e cuidado.

Aos meus pais, William e Márcia, por tudo que fizeram por mim, pela dedicação e esforço, pelo incentivo e apoio no transcorrer desta jornada.

Ao meu esposo, Leonardo, por me acompanhar e incentivar no percurso, por muitas vezes árduo, na construção deste trabalho.

Aos meus filhos, Murilo, Marcela, Mateus e Mariana, por existirem.

Aos meus irmãos, pela torcida e apoio em todas as horas.

Ao Professor Geraldo Faria, pela disposição em me ajudar e pelas sábias palavras.

Aos meus amigos, pela amizade, apoio, incentivo e pelas orações.

À minha amiga, Kênia Ribeiro, companheira de mestrado e trabalho, que muito me auxiliou na busca de novos conhecimentos.

À Professora Ms. Cristiene Alencar, pela amizade, apoio, disponibilidade e, por ter sido uma pessoa altamente significante nessa caminhada.

À Professora Dr^a Joana Peixoto, pela orientação, por compartilhar suas idéias e reflexões que muito contribuíram para meu aperfeiçoamento.

À Professora Dr^a Elianda Tiballi pelas orientações e participação na banca de qualificação.

À Professora Dr^a Mércia Rosana Chavier por aceitar ao convite de fazer parte da banca examinadora.

A todos os professores que gentilmente aceitaram participar desta pesquisa.

Meu muito obrigada!!!!

“Amo ao Senhor, porque Ele ouviu a minha voz e as minhas súplicas. Porque inclinou para mim os seus ouvidos, invocá-lo-ei enquanto eu viver.” (Salmo 116: 1-2)

RESUMO

MORAIS, Míriam Gomes Avelar. **O psicopedagogo na visão do formador do pedagogo:** representação social do psicopedagogo entre professores do curso de Pedagogia. 2010. 130 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica da Goiás, Goiânia, 2010.

A presente pesquisa se propôs a investigar as representações construídas pelos formadores de pedagogos sobre o papel profissional do psicopedagogo. A relevância da pesquisa reside no fato de que se acredita que as representações sociais expressam a maneira como as pessoas percebem e interpretam o mundo, pois o que se pretende aqui é conhecer a opinião de um determinado grupo a respeito de uma identidade profissional. Para esta investigação, buscou-se uma fundamentação teórica baseada na contribuição de diferentes autores colaboradores na construção do corpo teórico da Psicopedagogia. A proposta metodológica teve como base a pesquisa de abordagem qualitativa, envolvendo a pesquisa bibliográfica e de campo. A escolha da forma de realização dessa pesquisa foi almejando um processo de reflexão onde teoria, epistemologia e metodologia possam formar um círculo contínuo e influenciar-se mutuamente, oferecendo um entendimento da complexidade das dinâmicas subjetivas. A coleta de dados foi realizada por meio da associação livre de palavras e de entrevistas individuais semi-estruturadas. Esses instrumentos foram aplicados junto a professores do curso de Pedagogia de duas universidades de Goiânia, estado de Goiás. Para analisar os dados utilizou-se a técnica da análise de conteúdo. Os resultados indicam que, por um lado existem aqueles que reconhecem um papel específico do profissional psicopedagogo em sua atuação interventiva nos sintomas das dificuldades de aprendizagem. E por outro lado, aqueles que criticam ou questionam a existência desse profissional. Observa-se que esse último grupo revela não ter conhecimento da prática e nem da formação do psicopedagogo. As impressões dos sujeitos pesquisados foram agrupadas em três grandes classes de discursos, que correspondem às tendências de representações: uma classe que considera o psicopedagogo como um profissional que não possui lugar ou papel definido, uma que representa o psicopedagogo como profissional que duplica seu campo de ação profissional com o psicólogo e o pedagogo e por fim, uma que concebe o profissional como aquele que possui um espaço sócio-profissional e formativo em construção e que possui uma relevância social atual.

Palavras chaves: Psicopedagogia. Psicopedagogo. Representações Sociais.

ABSTRACT

MORAIS, Míriam Gomes Avelar. The psychopedagogue in the sight of the professor of pedagogy: social representation of psychopedagogue between teachers of Pedagogy. 2010. 130 pages. Essay (Mastering in Education) – Pontifícia Universidade Católica da Goiás, Goiânia, 2010.

This study aims to investigate the perceptions of educators that teachers have about professional role and Psychopedagogy psychopedagogists. The relevance of the research lies in the fact that it is believed that social representations express the way some people perceive and interpret the world, because what is intended here is to know the opinion of a particular group on a professional identity. For this study, we sought a theoretical framework based on the contribution of different contributing authors in constructing the theoretical body of Educational Psychology. The methodology was based on qualitative research, involving a literature search and field. The choice of how this survey was targeting a process of reflection where theory, epistemology and methodology can form a continuous circle and influence each other, providing an understanding of the complexity of the dynamics of subjectivity. Data collection was performed by means of free association and individual semi-structured. These instruments were administered to teachers at the Faculty of Education at two universities in Goiânia, state of Goiás to analyze the data we used the technique of content analysis. The results indicate that, on the one hand there are those that recognize a specific role of the professional in their work psychopedagogists intervening in the symptoms of learning disabilities. And on the other hand, those who criticize or question the existence of a trader. Observe that this latter group revealed it had no knowledge of the practice nor the formation of psychopedagogists. The impressions of the study subjects were grouped into three major classes of speech, which correspond to representations of trends: a class that considers the psychopedagogists as a professional who has no place or role set, which represents a professional who doubles as psychopedagogists your field professional action with the psychologist and educator, and finally, one that sees the work as one that includes the socio-professional training in construction and has a social relevance today.

Keywords: Educational Psychology. Psychopedagogists. Social Representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS DA PSICOPEDAGOGIA	13
1.1- Origens da Psicopedagogia	14
1.2- Definição de Psicopedagogia	16
1.3- História da Psicopedagogia no Brasil	20
1.4- O Movimento dos Psicopedagogos no Brasil	22
1.5- Psicopedagogia Clínica	25
1.6- Psicopedagogia Institucional	27
1.7- Psicopedagogia e Pesquisa	30
1.8- Psicopedagogia e Aprendizagem	31
1.8.1- Níveis de Aprendizagem	34
1.8.2- Aprendizagem Escolar	36
1.8.3- Dificuldades de Aprendizagem	38
1.8.4- Fatores que Interferem na Aprendizagem	41
CAPÍTULO II – A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	45
2.1- Considerações Teóricas.....	45
2.2- Considerações Metodológicas	51
2.3- A Teoria das Representações Sociais e a Identidade Profissional	53
CAPÍTULO III – COMO OS FORMADORES DE PEDAGOGOS REPRESENTAM O PSICOPEDAGO	55
3.1- Os Sujeitos da Pesquisa	56
3.2- Os Procedimentos Metodológicos	57
3.3- Associação Livre de Palavras	60
3.4- As Entrevistas	65

3.4.1 Os papéis atribuídos ao psicopedagogo	66
3.4.2 A área de atuação do psicopedagogo	68
3.4.3 A formação do psicopedagogo	73
3.4.4 O resultado da prática psicopedagógica	76
3.5- Discussão dos Resultados	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
ANEXOS	92

INTRODUÇÃO

Do que me ofereceram desde a infância, a escola sempre ocupou um lugar proeminente. De diferentes formas, meus pais descortinaram diante de mim o valor devido à Educação. Minha vida foi inspirada na luta de minha mãe, professora da rede estadual e minha fiel incentivadora. Sempre sonhei em ser professora.

Cresci com essa vontade e comecei muito cedo nessa profissão, com 15 anos de idade comecei a trabalhar como professora, porém já tinha certeza e convicção de ter optado pelo curso certo, Pedagogia.

Por intencionar fazer o melhor para meus alunos, simultaneamente à necessidade de adquirir conhecimento a respeito da teoria que norteia o projeto pedagógico da escola em que trabalhava, eu tinha “ansiedade” em querer aprender mais sobre: o papel do professor na sala de aula; o processo de ensino e aprendizagem; a formação de conceitos na criança e seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Foi então que, após a conclusão do curso de Pedagogia, decidi pela Especialização em Psicopedagogia, também na Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Acreditava que esse curso contemplaria a finalidade que tenho de estar constantemente inserida, e atualizada, no mundo da Educação, pois busco compreendê-la como educadora, procuro rever e redimensionar meus conhecimentos, a fim de implementar minha formação profissional e contribuir com a transformação social, por meio do exercício de uma prática educativa e pedagógica mais qualificada.

A realidade ultrapassou minhas expectativas e então comecei a trabalhar na área da Psicopedagogia. Hoje, trabalho no Centro Municipal de apoio à inclusão – CMAI – como psicopedagoga, atendendo, atualmente, em média trinta crianças e adolescentes que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Cada vez mais, a Psicopedagogia tem conquistado seu espaço em estudos e pesquisas relacionadas ao processo de aprendizagem. No entanto, enfrenta objeções por alguns profissionais. Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo abordar uma reflexão sobre as representações relacionadas ao psicopedagogo e seu papel. A preocupação em relação ao tema nasce do interesse em conhecer os significados simbólicos presentes nas representações sociais que os formadores de pedagogos têm a respeito da Psicopedagogia e do papel do psicopedagogo, buscando um conhecimento mais sistematizado.

O intento em pesquisar sobre o assunto e a ênfase nesse estudo residem no fato de que um número, relativamente grande, de pessoas não tem conhecimento do que seja Psicopedagogia, quem é o psicopedagogo e qual sua função. Ainda em processo de construção de seu corpo teórico, a Psicopedagogia busca atender aos atuais problemas enfrentados no processo de ensino e aprendizagem e contribuir na busca, por meio de pesquisas, de uma melhor compreensão desses processos. Este trabalho trata de um estudo pessoal para ampliar meus conhecimentos sobre este campo e quem sabe, contribuir na descoberta de novos dados, e para o conhecimento de outros, em relação à Psicopedagogia. É, portanto, a partir da vertente psicossociológica de Moscovici, do estudo das Representações Sociais, que a pesquisa será desenvolvida.

Esta teoria permite ter acesso a um conhecimento socialmente elaborado por meio de interações cotidianas, em uma situação em que os indivíduos se encontram diante de uma nova informação, tornando-a familiar e coerente com o sistema de valores do referente grupo social.

O campo selecionado foram duas universidades tradicionais de Goiânia e os sujeitos escolhidos foram os formadores de pedagogos. Pela necessidade de limitar o campo empírico, optou-se pelo campo da Pedagogia por perceber que muitos profissionais dessa área procuram uma pós-graduação em Psicopedagogia após terminarem o curso de graduação.

A escolha se deu a partir de uma listagem com nomes e dados para contatos de cerca de cinquenta professores recebida pela instituição A, posteriormente selecionou-se dentre esses, sete sujeitos sem um critério específico. Na Instituição B foi permitido pelo coordenador do departamento de educação, abordar os professores que estivessem ali presentes e concordassem em participar da pesquisa, resultando num total de sete sujeitos que se dispuseram a fazer parte deste trabalho. O número de sujeitos entrevistados não foi definido inicialmente, mediante a amostra encontrada foi separado um número de quatorze sujeitos no total que foram analisados.

Os instrumentos para coleta de dados foram a associação livre de palavras e a entrevista semi-estruturada. Foi utilizada a Análise de Conteúdo do discurso e resultados obtidos com os sujeitos da pesquisa.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro trata de um breve histórico da aprendizagem, e há um levantamento geral sobre as dificuldades de aprendizagem e uma reflexão teórico conceitual da Psicopedagogia, ressaltando o papel

do psicopedagogo. O segundo capítulo aborda a Teoria das Representações Sociais como perspectiva teórica que possibilita uma análise das narrativas partindo de seus elementos simbólicos e suas expressões abordando questões relacionadas ao método de trabalho. O terceiro capítulo contém uma análise interpretativa, realizada a partir das quatorze entrevistas com professores universitários de cursos de Pedagogia, buscou-se a identificação de como tais profissionais percebem o psicopedagogo, sua formação e suas funções.

Assim, o intento é apresentar a análise das representações sociais dos professores pesquisados a respeito do psicopedagogo e de sua atuação profissional.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS DA PSICOPEDAGOGIA

O objetivo deste capítulo é discutir o embasamento epistemológico e teórico da Psicopedagogia e o papel do psicopedagogo. A Psicopedagogia é uma área de conhecimento, pesquisa e aplicação que se preocupa com os processos de ensino e aprendizagem humana. Assim serão discutidas, primeiramente, questões relacionadas à origem, à definição e à história da Psicopedagogia no Brasil. Em seguida serão consideradas questões relacionadas à Psicopedagogia Clínica e Institucional, à pesquisa no contexto deste campo de trabalho e à aprendizagem. Esta última é um tema complexo, pois existem vários fatores que interferem nesse processo e a Psicopedagogia vem caminhando no sentido de contribuir para uma melhor compreensão do processo de aprendizagem.

Bossa (1994) ressalta o caráter interdisciplinar da Psicopedagogia no sentido de que, enquanto área de estudo, busca conhecimentos em outros campos, criando seu próprio objeto. A Psicopedagogia não é, portanto, uma aplicação da Psicologia à Pedagogia. Trata-se da constituição de uma nova área que não somente recorre aos conhecimentos das duas áreas, mas também de outras, como a Medicina, a Fonoaudiologia, a Linguística.

Ainda conforme a autora, a Psicopedagogia considera a singularidade do indivíduo ou grupo e busca o sentido particular de suas características e suas alterações, segundo as circunstâncias da história e do mundo sociocultural dos mesmos. Entende-se, portanto, que esse é o objeto de estudo da Psicopedagogia, *o sujeito aprendendo*. A concepção de sujeito está relacionada ao momento histórico e sua correspondente concepção de aprendizagem. E desta participam questões biológicas, afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio, podendo influenciar ou serem influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio.

De acordo com Bossa (1994, p. 23), o psicopedagogo deve “saber como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende.”

Nesse sentido, Capra (1982) afirma que nossa sociedade encontra-se numa crise análoga. Percebem-se numerosas manifestações todos os dias nos jornais, como inflação, desemprego, crise energética, crise na assistência à saúde, poluição e outros desastres ambientais e uma onda crescente de violência e crimes.

[...] tudo isso são facetas diferentes de uma só crise, que é, essencialmente, uma crise de percepção. Tal como a crise da física na década de 20, ela deriva do fato de estarmos tentando aplicar os conceitos de uma visão de mundo obsoleta – a visão de mundo mecanicista da ciência cartesiana-newtoniana – a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos. Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece (CAPRA, 1982, p. 14).

A perspectiva do autor é de um novo paradigma, uma nova visão da realidade. É nessa percepção que a Psicopedagogia trabalha, pensando o sujeito numa dimensão onilateral da realidade. Neste sentido, a Psicopedagogia considera a sociedade como um todo, a família, a escola, as instituições sociais, como fatores incutidos no processo de aprendizagem do sujeito.

1.1 Origens da Psicopedagogia

Ao se tratar do termo Psicopedagogia se faz necessário conhecer a sua origem. Nesse sentido será traçado o percurso da Psicopedagogia e os desafios que essa especificidade vem encontrando para ocupar um espaço significativo na evolução e no auxílio às questões de aprendizagem e seus entraves.

Segundo os estudos de Mery (1985), no início do século XX, os trabalhos de Théodore Heller, chamado “Pai da Pedagogia Curativa”, contribuíram para ampliar os estudos da Pedagogia no sentido da patologia e da terapêutica, com influência das correntes pedagógicas e psicológicas da época. Em 1930, Anna Freud¹ publicou “*Iniciação à Psicanálise para Educadores*”, buscando apresentar os resultados de suas pesquisas aos pedagogos, pois acreditava que o conhecimento da criança propiciado pela psicanálise poderia ajudar o educador em sua tarefa.

¹ Anna Freud era psicanalista, filha de Sigmund Freud. Conhecida como uma das personalidades mais importantes da psicanálise infantil.

Nesse período, tanto na França como na Europa Central, cresciam as iniciativas privadas em pedagogia terapêutica. Conforme Mery (1985), H. Hofer, professora primária e médica, fundou centros médico-pedagógicos. Em 1923 foi criado em Paris um “Serviço Social para a infância em Perigo Moral”. Em 1929, esse mesmo serviço abriu uma clínica de observação e de reeducação dirigida pelo Dr. E. Minkowski. Este último fundou em 1936, em Paris, um centro de observação e de reeducação inspirado nos dados psicopedagógicos mais recentes da Pedagogia Curativa.

A Segunda Guerra Mundial pôs fim à maioria dos trabalhos e organizações, inclusive a “Sociedade de Pedagogia Curativa” que se constituiu entre 1920 e 1928. Após a guerra, em 1945, foi elaborado um projeto com uma nova visão de assistência às crianças inadaptadas: o centro psicopedagógico, para beneficiar pais, crianças e educadores com as contribuições da psicanálise e da pedagogia curativa.

Com o objetivo de auxiliar crianças que tinham dificuldades de comportamento em suas atividades e relações, tanto na escola quanto na família, visando na medida do possível, sua readaptação através de um acompanhamento psicopedagógico, os fundadores do primeiro centro procuraram utilizar os conhecimentos oriundos da Psicologia, especialmente da psicanálise, bem como da Pedagogia. Acreditavam que a cooperação Psicologia-Pedagogia permitiria atingir um melhor conhecimento da criança e de seu meio, para uma melhor ação reeducadora.

O primeiro centro psicopedagógico foi aberto em Paris, em 1946, com objetivo de realizar um trabalho em parceria entre o médico e o pedagogo. O mesmo ocorreu depois em outros centros, sendo que alguns chegaram a desenvolver um trabalho multidisciplinar, com uma equipe de médicos, de psicólogos, psicanalistas e pedagogos.

Em 1948, um segundo centro foi criado em Estrasburgo, dirigido por J. Boutonier e M. Debesse. Nesse mesmo ano foi criada uma Associação dos Centros Psicopedagógicos. Segundo Mery (1985), a Pedagogia Curativa praticada nesses centros foi definida por Debesse como sendo “o tratamento de crianças ou adolescentes inadaptados que, embora inteligentes, têm maus resultados escolares”.

A Pedagogia Curativa Escolar, como nomeou Debesse a partir de 1964, foi criada para auxiliar crianças em situações de fracasso escolar e situa-se entre os métodos que favorecem a readaptação do aluno num quadro pedagógico já existente, por uma intervenção individual.

Esse tipo de auxílio preocupava-se em fazer a criança adquirir conhecimento e também favorecer o desenvolvimento de sua personalidade, era um tratamento apoiado em dados da Psicologia Clínica, aliado a uma ação pedagógica para se ter um conhecimento mais preciso da criança.

A intenção aqui não é de falar dos diferentes tipos de “pedagogia terapêutica”, mas mostrar que a Pedagogia Curativa está nas bases da associação entre a Medicina, a Psicanálise e a Pedagogia, o que provavelmente irá marcar a origem da Psicopedagogia. Nesse contexto Debesse (in Mery, 1985) afirma que “A pedagogia curativa (bem como esses outros tipos de reeducação), se situa no interior daquilo que chamamos hoje em dia de psicopedagogia” (DEBESSE, 1954, p. 97).

Com relação à pedagogia de apoio, colocada em prática no início do ano escolar em 1977, a pedagogia curativa escolar individual conserva sua originalidade. Com efeito, a primeira deve “via de regra ser realizada pelos professores em suas classes”, ao passo que a segunda é praticada nos centros psicopedagógicos por um pessoal especializado nesta forma de reeducação (MERY, 1985, p. 13).

Percebe-se, portanto, que a Pedagogia Curativa encontra-se relacionada à origem da Psicopedagogia e influencia tanto a criação da profissão como a definição de seu papel. No entanto, por meio de estudos, pesquisas e contribuição de vários autores, foram redefinidos conceitos e funções. Essa área de conhecimento hoje está mais voltada para os processos de aprendizagem. Para melhor compreensão desta questão, serão abordadas as teorias da Aprendizagem, assunto que constitui objeto de estudo deste capítulo.

1.2 Definição de Psicopedagogia

A Psicopedagogia é uma área de estudo relativamente nova que ainda está construindo seu corpo teórico e segundo Bossa (1994) nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem e suas dificuldades, tendo um caráter curativo e preventivo, conforme já explicitado. A autora faz referência a vários pensadores para demonstrar a complexidade do termo Psicopedagogia.

Para Kiguel, a aprendizagem é o ponto focal da Psicopedagogia. Segundo ele,

O objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo da aprendizagem humana, seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como a influência do meio (família, escola e sociedade) no seu desenvolvimento (KIGUEL apud BOSSA, 1994).

Mas já há autores, como Neves, que definem como objeto de estudo da Psicopedagogia o processo de aprender articulado ao de ensinar:

A psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando em conta as realidades internas e externas da aprendizagem, tomadas em conjunto. E mais procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, colocando em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhes estão implícitos (NEVES apud BOSSA, 1994).

Há ainda os autores que vão definir a Psicopedagogia de acordo com a área de atuação do profissional. Assim,

O objeto de estudo da psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo (considera como objeto de estudo o ser humano em desenvolvimento, enquanto educável. Localiza as possibilidades do aprender, num sentido mais amplo). Terapêutico (considera o objeto de estudo a identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem) (GOLBERT apud BOSSA, 1994).

Mas, é frequente a referência à origem da Psicopedagogia vinculada à saúde (Medicina e Psicologia) e a posterior busca de identidade.

A psicopedagogia que inicialmente foi uma opção subsidiária da medicina e da psicologia perfilou-se como um conhecimento independente e complementar possuída de um objeto de estudo, o processo de aprendizagem e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios (VISCA apud BOSSA, 1994).

De acordo com o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia – ABPp (2010),

Psicopedagogia é campo de atuação em educação e saúde que lida com o processo de aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio – família, escola e sociedade – no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia.

Bossa (1994) demonstra que a definição do objeto de estudo da Psicopedagogia passou por mudanças, em diferentes períodos históricos que repercutem nas produções

científicas. Atualmente a Psicopedagogia trabalha com uma concepção de processo de aprendizagem que considera a interferência de um aparelho biológico com disposições afetivas e intelectuais que vão interferir na forma de relação do sujeito com o meio, essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições sócio-culturais do sujeito e por consequência pelo seu meio. Dessa forma, numa visão mais ampliada do sujeito, a Psicopedagogia considera a aprendizagem um processo complexo centrado no indivíduo e na sua relação com o meio sócio-cultural.

Scoz et al (1999), definem Psicopedagogia como uma área, que estuda e lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades e que deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. Esta ação profissional desempenha papel importante sobre os problemas reais de aprendizagem, e vem ampliando e contribuindo, não somente para o atendimento clínico, mas também para a diminuição dos problemas de aprendizagem nas escolas e conseqüentemente para a redução dos altos índices de fracasso escolar.

A Psicopedagogia não se limita ao estudo da atividade psíquica da criança e dos princípios que dela decorrem, mas abrange todo o processo de aprendizagem da criança, assim como do adolescente ou adulto. A Psicopedagogia é, portanto, um campo de atuação que integra saúde e educação e lida com o conhecimento, sua ampliação, sua aquisição, suas possibilidades e seu desenvolvimento por meio de múltiplos processos.

Para Bourdieu (1984, 1990) um campo é um microcosmos social estruturado por relações de força. Cada participante ocupa uma posição no seio do campo, a qual é determinada pela distribuição do capital simbólico próprio ao campo. Mas esta posição não é fixa e evolui no tempo em função das lutas entre os agentes. As diferentes posições que os agentes ocuparão sucessivamente constituirão sua trajetória individual. Esta trajetória é, de fato, fruto da conjugação entre a estrutura do campo e as disposições de seus agentes, seus *habitus*, relativamente autônomos em relação a sua posição. Assim, em função das disposições constitutivas de seus *habitus* e da estruturação presente no campo, os agentes optarão por uma ou outra estratégia, que determinará os efeitos de suas ações no interior do mesmo. Buscamos aqui compreender a trajetória da Psicopedagogia como um campo em estruturação, no sentido proposto por Bourdieu.

Nesta perspectiva, além dos aspectos já levantados, verificamos que a Psicopedagogia está ligada historicamente à Educação, Medicina e Psicologia, pois

trabalha com os fenômenos da aprendizagem humana, É uma área que apresenta fundamentação em estudos nas áreas da Psicanálise, Psicologia Social, Epistemologia Genética e busca também conhecimentos em outras áreas, como a Neurologia, Linguística, Sociologia, dentre outras, como já citado anteriormente. Ainda assim, possui a sua especificidade, constituindo-se em nova área, com seu corpo teórico próprio.

Segundo Bourdieu (1984, p. 89),

Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos (não se poderia motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidas por quem não foi formado para entrar neste campo (cada categoria de interesses implica a indiferença em relação a outros interesses, a outros investimentos, destinados assim a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou nobres, desinteressados)

Pode-se considerar que prevalece a ideia de que, o objetivo da Psicopedagogia é estudar o ser humano em toda sua dimensão. É um olhar diferenciado para o ser na sua pluridimensionalidade, ou seja, no aspecto cognitivo, afetivo, cultural, suas relações sociais vinculares e seu organismo. A Psicopedagogia considera que as dificuldades de aprendizagem não são geradas por uma única causa, pois o processo de aprender relaciona-se ao funcionamento do sujeito, incluindo instâncias ligadas ao seu aparato orgânico, relações vinculares, funcionamento da inteligência, condições ambientais de aprendizagem, e fatores relacionados à instituição escolar, como por exemplo a metodologia e a qualidade da mediação. Enfim, existe todo um contexto interacional e pessoal que precisa ser contemplado ao analisar a etiologia dos problemas de aprendizagem.

A definição de campo adotada por Bourdieu implica na ideia de autonomia: o seu conceito de campo refere-se a diferentes espaços da vida ou da prática social que possuem estrutura própria e certa autonomia. A seguir, será apresentado um breve histórico da Psicopedagogia e sua dinâmica no Brasil, buscando identificar elementos para a caracterização da especificidade própria a seu campo.

1.3 História da Psicopedagogia no Brasil

O *Sedes Sapientiae*², uma antiga instituição e um espaço caracterizado por uma visão multidisciplinar de reflexão, de formações, serviços e ações em defesa dos direitos humanos, foi a responsável por iniciar o primeiro curso de formação clínica e institucional em Psicopedagogia.

O curso foi criado e fundado por uma equipe de profissionais, dentre eles educadores, pedagogos e psicólogos que tinham como ponto comum as formações com base no psicodrama e na psicologia humanista. Este grupo fundador era constituído por Maria Alice Vassimon, Consuelo de Assis Carvalho, Sonia Maria Madi Rezende, Vera Maria Rossetti Ferreti, Maria Tereza Lopes e Eloísa Quadros Fagali. Esta última escreveu um artigo sobre os dados históricos da Psicopedagogia, no qual buscaram-se informações aqui relatadas.

A equipe se constituiu em 1979, proposta por madre Cristina, diretora na época daquele instituto, com o objetivo de aperfeiçoar a formação do pedagogo e ampliar a identidade deste profissional. Essas fundadoras³ do curso tinham uma visão integrada da pessoa que aprende e que orienta a aprendizagem, levando em consideração os diferentes aspectos (afetivos, psicomotores, cognitivos, e sociais).

A situação educacional no momento de criação deste curso estava marcada por movimentos de educadores em busca de uma melhor compreensão sobre os problemas de aprendizagem, num período de alterações políticas e socioeducacionais, em que se intensificou o quadro de dificuldades.

A equipe montou o primeiro projeto para formação em Psicopedagogia com diálogos e elaborações e a proposta inicial era o atendimento nas escolas públicas, mas as construções e as supervisões foram se ampliando gradativamente para o atendimento clínico, visando satisfazer às demandas dos alunos.

² O Instituto *Sedes Sapientiae* é uma instituição localizada em São Paulo, com mais de trinta anos de existência, com trabalhos voltados para saúde mental, educação e filosofia – www.sedes.org.br

³ Segundo os relatos de Eloísa Quadros Fagali (2007, p. 22), a educadora Maria Alice, parceira de madre Cristina, foi fundadora do GETEP (Grupo de Estudo em Psicodrama), Consuelo Carvalho era psicóloga e psicodramatista, Vera Maria e Sonia Maria eram pedagogas e psicomotricistas, atuantes nas escolas públicas, como coordenadoras e professoras, e na clínica com a orientação psicomotora, Maria Tereza era professora de matemática e psicodramatista, Eloísa Fagali, pedagoga que atuava em consultório clínico, orientando crianças e adolescentes com problemas de aprendizagem.

Muitos dos projetos realizados pela equipe do curso do Instituto Sedes foram desenvolvidos, inicialmente, com base nas articulações entre o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Os processos cognitivos se baseavam na abordagem construtivista e na epistemologia de Piaget. A compreensão das relações afetivas fundamentava-se na Psicologia do desenvolvimento, com uma abordagem humanista fenomenológica e no psicodrama de Moreno, valorizando a construção em grupo, mediada pelo psicodrama e outras dinâmicas lúdicas. A expressão corporal e as orientações iniciais, com foco na psicomotricidade. A construção da linguagem do pensamento matemático baseava-se na abordagem construtivista segundo Piaget e algumas contribuições das oficinas de Freinet. Os processos de alfabetização e de construção do pensamento eram desenvolvidos em oficinas práticas em que se associavam os aspectos afetivos e cognitivos. Fagali (2007) relata que essas propostas foram se consolidando na prática e na teoria, adquirindo mais resistência, e ainda complementa que

Na trajetória do curso, ao longo do tempo, ocorreram novas ampliações e redefinições em que a estrutura curricular e a equipe de profissionais foram se constituindo com novas configurações do curso, com o nome de Psicopedagogia clínica e institucional, sem perder as suas matrizes de identidade, presentes desde as suas origens (FAGALI, 2007, p. 24).

Depois desse momento, algumas ampliações ocorreram. Na área de linguagem, aprofundaram-se os fundamentos de Vygotsky. No enfoque psicológico, ampliaram-se as reflexões sobre as relações afetivas, os desejos, instintos e os mitos, ao levar em consideração as interações conscientes e inconscientes segundo a concepção de Carl Jung. Abriu-se espaço posterior para as contribuições psicanalíticas segundo Freud. No entanto, a postura fenomenológica mantinha-se como pano de fundo e eixo. Abriu-se espaço para as contribuições das teorias de Wallon e para o aprofundamento das práticas em Arteterapia na aprendizagem. Sem excluir as contribuições de Piaget, as dinâmicas psicodramáticas e a abordagem corporal estiveram presentes nas matrizes iniciais. O enfoque social e cultural, articulados aos problemas psicoeducacionais, psicopedagógicos e neurofisiológicos foram se aperfeiçoando. Segundo relato de Fagali,

[...] muitos projetos evoluíram e se desdobraram na área clínica e educacional: clínica dos Sedes Sapientiae, escolas públicas, abrigos, ongs, hospitais e ambulatórios [...] Os cursos de formação se desdobraram, construindo uma grande rede no Brasil, com foco na formação em Salvador (Bahia: parceria Sedes-Cetis), em Uberlândia (Minas), em São Luís

(Maranhão), com novas formações em Psicopedagogia, implantadas por profissionais pioneiros locais” (FAGALI, 2007, p. 25).

A Psicopedagogia estava, porém, inclusa em diferentes projetos na área da Saúde, contribuindo para a formação continuada de enfermeiros e o trabalho direto com as crianças doentes. Em 1994 ampliam-se as supervisões em relação aos trabalhos psicopedagógicos desenvolvidos no Centro de Apoio a Crianças e Adolescentes com Câncer, no setor de oncologia do Departamento de Pediatria da Universidade Federal de São Paulo. Em 1997, desdobram-se novas supervisões em Postos de Saúde. Atualmente existem inúmeros trabalhos psicopedagógicos realizados tanto na área da saúde, como nas instituições escolares como nas empresas.

Como psicopedagoga, Fagali (2007) enfatiza que há grandes desafios para conquistas nos setores de pesquisa e de formação continuada, que visam à continuidade de cursos e supervisões, priorizando o trabalho em parceria com as instituições que se dedicam à formação de profissionais e ao trabalho de apoio às crianças, adolescentes e adultos, nas diferentes situações de aprendizagem.

1.4 O movimento dos psicopedagogos no Brasil

A Associação Brasileira de Psicopedagogia – ABPp – foi fundada em 1980, após a fundação da Associação Estadual de Psicopedagogos de São Paulo – AEP-SP. A ABPp foi fundada por um grupo de alunas do curso de Reeducação Psicopedagógica do Instituto Sedes Sapientiae. Estas duas associações foram criadas com o objetivo de aprofundar estudos sobre os processos de aprendizagem e os problemas deles decorrentes, discutir sobre a formação, a identidade, o papel e o campo de atuação do psicopedagogo, e promover discussões amplas no âmbito nacional, agregando profissionais por meio de Encontros de Psicopedagogos. Este último objetivo foi melhor atingido após a criação da ABPp.

Segundo Scoz & Barone (2007), iniciou-se um vantajoso relacionamento entre o grupo de psicopedagogos em São Paulo e outros estados, como o Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais, possibilitando trocas importantes, enriquecimento mútuo e a sedimentação do sentimento de uma identidade profissional. A Psicopedagogia assumia um compromisso social com a redução dos altos índices de

fracasso escolar⁴, sempre valorizando uma concepção multidisciplinar para a compreensão dos processos e dos problemas de aprendizagem.

Conforme relato das autoras, em 1984, no primeiro Encontro de Psicopedagogos, promovido pela ABPp, tornou-se pública a necessidade de um trabalho psicopedagógico que atendesse às camadas menos favorecidas de nossa sociedade, enfatizando também o diálogo interdisciplinar entre profissionais de várias áreas do conhecimento, contemplando uma visão abrangente dos processos de aprendizagem.

Outro fato que surgiu posteriormente na Associação de Psicopedagogia foi a preocupação com a prevenção dos problemas de aprendizagem nas escolas, propondo-se uma ação psicopedagógica voltada não só para os processos de aprendizagem, mas também para o ensino. Essa intenção, além de tentar evitar a evolução dos problemas de aprendizagem, é condizente com um dos princípios vigentes na atualidade (SCOZ & BARONE, 2007, p. 94).

Na segunda metade da década de oitenta, evidencia-se, mais uma vez, o trabalho da ABPp na constituição da Psicopedagogia no Brasil, enquanto área de conhecimento e de atuação. Foi elaborado um documento que contou com a participação de inúmeros psicopedagogos oriundos de diversos estados; de coordenadores de cursos de Psicopedagogia já existentes naquela época, de presidentes de sessões estaduais da Associação; e também da professora e psicopedagoga argentina Sara Paín, cuja experiência na área muito contribuiu e enriqueceu a discussão. A elaboração deste documento se estendeu até o IV Encontro de Psicopedagogia, em 1990, então publicado na revista *Boletim* da ABPp em seus números 18 e 19. Esse documento norteou as grades curriculares de vários cursos de Pós-Graduação Lato Sensu que começaram a surgir nas Faculdades e Universidades brasileiras.

Atualmente a Psicopedagogia conta com inúmeras possibilidades de formação: cursos de graduação em São Paulo e Rio Grande do Sul; pós-graduação em *lato sensu* em inúmeros estados brasileiros; e áreas de concentração em Psicopedagogia em um curso de pós-graduação *stricto sensu* – Psicologia Educacional, no Centro de Estudos

⁴ Os dados do INEP (2007) mostram o fracasso das ações da escola pública no Brasil da seguinte forma: 41% dos alunos que ingressam na 1ª série do Ensino Fundamental não conseguem terminar a 8ª série. E dos que entram no Ensino Médio, 26% não conclui e leva em torno de 10,2 anos e 3,7 anos respectivamente para concluírem.

FIEO, em São Paulo, onde são abrangentes as possibilidades de aprofundamentos de estudos e de pesquisas científicas nessa área de conhecimento.

Em 2007, a ABPp reuniu os coordenadores dos cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu* em Psicopedagogia no Brasil, no intuito de acompanhar a trajetória, abrir possibilidades de integração e decisões futuras.

Ao visar uma aprendizagem bem sucedida, a Psicopedagogia tem se aprofundado nos estudos do processo de aprendizagem e se preocupado em contribuir para a inserção de pessoas na dimensão sócio-cultural crítica, reflexiva e transformadora de nossa sociedade.

Segundo Noffs (2009) logo após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de nº 9394/96, os psicopedagogos que já tinham seu trabalho legitimado assumem o desafio de propor a regulamentação de sua profissão junto ao Congresso Nacional sob a orientação parlamentar do Deputado Barbosa Neto em 1997, resultando em parecer positivo na Comissão de educação e de Trabalho. Em 2008, a Deputada Federal por Goiás, Profª Raquel Teixeira propôs à ABPp a representação do Projeto de Lei no Congresso Nacional com as devidas atualizações. A representação do Projeto de Lei resultou em uma nova conquista, a graduação em Psicopedagogia.

Esta conquista foi possível devido ao compromisso de cursos de formação acadêmica em qualificar as graduações de nível superior. Atualmente, o Rio Grande do Sul, São Paulo, João Pessoa entre outros estados já têm aprovado seus cursos de Psicopedagogia pelos órgãos reguladores do ensino Superior, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais e pelo Ministério da Educação – INEP/MEC.

Enfim, a Psicopedagogia trabalha com as diferentes etapas do desenvolvimento da aprendizagem e busca subsidiar a escola, a família e a comunidade em busca de uma visão mais ampla sobre o processo de aprender. Considera-se o tema relevante, pois a Psicopedagogia contribui para um processo de ensino-aprendizagem com qualidade, para a construção do conhecimento e para a Educação.

Essa área busca estudar as relações com o conhecimento, a vinculação com a aprendizagem e as significações contidas no ato de aprender. Para Bossa (1994), esse campo de conhecimento estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende, como essa varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, preveni-las e tratá-las.

Para isso, a Psicopedagogia propõe práticas educativas preventivas e terapêuticas nos campos clínico e institucional. Porém, conforme Barbosa (2001) deve-se tomar o cuidado de não perder a visão de totalidade da Psicopedagogia. Não podemos fabricar dentro de uma disciplina a fragmentação que descaracterize a própria disciplina. Quando se falar em Psicopedagogia Clínica, Institucional, Empresarial ou Hospitalar, deve ser considerado que se trata de uma mesma disciplina, agindo em âmbitos distintos, mas levando em conta as relações existentes entre os mesmos.

1.5 Psicopedagogia Clínica

O trabalho clínico envolve a relação entre o sujeito, sua história pessoal e sua modalidade de aprendizagem, buscando compreender o que o impede de aprender. Esse é um trabalho desenvolvido por meio do diagnóstico e da intervenção. O diagnóstico psicopedagógico é um processo inicial em atitude investigadora, ou seja, é o momento em que o psicopedagogo procura o sentido da problemática do sujeito que lhe é encaminhado. A intervenção psicopedagógica é um processo que contribui para que o aprendiz consiga resgatar a identificação com o conhecimento e com a possibilidade de aprender.

Através do diagnóstico o psicopedagogo poderá ter informações relevantes acerca do educando, em seus aspectos afetivos, cognitivos, sociais, sua modalidade de aprendizagem e o vínculo com o objeto de conhecimento. Esse conhecimento irá nortear o profissional na sua investigação para o levantamento de hipóteses explicativas de causas das dificuldades de aprendizagem.

Para se chegar a um diagnóstico, o psicopedagogo tem para seu uso, instrumentos próprios da Psicopedagogia, são eles, as provas projetivas, provas operatórias, provas pedagógicas, entrevistas com o próprio sujeito, a família e a escola.

No processo de intervenção o psicopedagogo tem um leque de escolhas dos recursos e procedimentos a serem usados. São usadas atividades sistematizadas, brincadeiras e jogos que trabalham e desenvolvem alguns aspectos necessários para que a aprendizagem aconteça. São eles, a organização do pensamento, a percepção, a atenção sustentada, a linguagem, as emoções, a memória, a motricidade, a persistência, a autonomia, a tolerância à frustração, a iniciativa, diante do objeto de conhecimento.

Os jogos ou brinquedos também proporcionam à criança a noção e respeito às regras. Nesse contexto, Vygotsky (1998) defende que

O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade (VYGOTSKY, 1998, p. 131).

Para Fernández (2001) o jogar, o aprender e o trabalho criativo nutrem-se da mesma seiva e apropriam-se do mesmo saber-sabor. E ainda ressalta que os processos de aprendizagem são construtores de autoria. Com essa experiência de prazer pela autoria, a aprendizagem é dramatizada no corpo, sendo o sujeito autor do ato de ensinar e de aprender.

De acordo com Amaral (2001), a intervenção psicopedagógica orienta-se por parâmetros que conduzem o desenvolvimento do trabalho, dentre eles destacam-se: 1) a re-significação das fantasias relacionadas ao ato de aprender; 2) a restauração do vínculo que o sujeito estabelece com o objeto de conhecimento; 3) a reconstrução da auto-imagem do sujeito, enquanto aprendiz, e 4) a reparação do vínculo do sujeito com o ensinante.

Segundo Fernández (1991, p. 52), “não aprendemos com qualquer um, aprendemos com quem outorgamos confiança e direito de ensinar”. Em meio à importância dessa relação, é relevante elencar, nesse estudo, alguns procedimentos que assegurem o vínculo afetivo com a figura daquele que ensina: construir um clima de relacionamento interativo com o sujeito; dar suporte para que o sujeito descubra suas potencialidades; saber o momento em que é necessário calar e ouvir; voltar alguns passos atrás para estimular passos adiante; motivar e valorizar a interação aluno/aluno e aluno/professor no processo de aprendizagem e propiciar transformações no modo de pensar.

Considera-se relevante ressaltar a importância do trabalho psicopedagógico também com sujeitos portadores de deficiências. Uma pesquisa realizada por Pinheiro & Capellini (2009) relata que, entre as crianças observadas, foi percebido que não apresentam dificuldades de aprendizagem aquelas que apresentaram desempenho superior nas habilidades auditivas do que aquelas que apresentam dificuldades de aprendizagem. Constatou-se que os processos auditivos interferem diretamente na

decodificação da informação, acarretando atrasos no desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula. Os autores concluíram com a pesquisa que

O desempenho superior apresentado pelos grupos submetidos à intervenção por meio do treinamento das habilidades auditivas sugere que o trabalho com enfoque nas habilidades alteradas pode auxiliar significativamente o aprendizado do escolar em sala de aula, visto que o mesmo terá a oportunidade de desenvolver habilidades fundamentais para o aprendizado em leitura e escrita, facilitando a percepção e a compreensão auditiva no âmbito da sala de aula (PINHEIRO & CAPELLINI, 2009, p. 239).

O trabalho interventivo muito contribui para o desenvolvimento de habilidades e potencialidades do sujeito, trabalho difícil de ser realizado pelo professor em sala de aula, além da necessidade de receber preparo específico para este atendimento clínico.

1.6 Psicopedagogia Institucional

A Psicopedagogia Institucional pretende prevenir os problemas de aprendizagem, utilizando-se da investigação da instituição escolar e de seus processos didáticos e metodológicos, as relações e interações, e outros. Ela analisa a dinâmica escolar com todos os profissionais nela inseridos, descobrindo os possíveis problemas e intervindo para que a escola se reestruture.

Percebe-se que algumas escolas não estão preparadas para lidar de forma adequada com as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Muitas vezes tais dificuldades são inerentes ao processo de aprendizagem.

De acordo com Weiss (1994), o profissional especializado em Psicopedagogia Institucional funciona como um assessor psicopedagógico, fazendo um levantamento, para compreender e analisar as práticas escolares em suas relações com a aprendizagem. Junto com os demais profissionais da escola promoveria a construção de novas práticas produtoras de melhor aprendizagem, processando uma troca de saberes e ações que promovam transformações na escola e nos próprios profissionais. Este profissional pode também realizar um trabalho de apoio pedagógico ou mesmo clínico, no espaço da escola e por indicação da equipe escolar, assim como o trabalho de prevenção de fracassos na escola.

Conforme Santos (2008), pode-se ampliar o conhecimento de atitudes que favoreçam a aprendizagem escolar: propor desafios ao alcance do aluno; monitorar a distância entre a linguagem utilizada na aula e a linguagem natural do aluno; oferecer as ajudas necessárias diante das dificuldades; garantir um ambiente compartilhado de ensino em que o aluno se sinta parte ativa do processo; inserir o hábito de reconhecimento de pequenos sucessos progressivos; garantir que o aluno possa mostrar-se progressivamente autônomo no estabelecimento de objetivos, no planejamento das ações que o conduzirão a eles.

A escola deve ser um local que prepare seus alunos para a vida, para exercer sua cidadania, para constituir-se enquanto profissional capaz de desempenhar suas funções com competência. Deve proporcionar uma formação que estimule a inteligência, a criatividade e a responsabilidade social.

Esse conjunto de atitudes compõe uma relação de respeito e confiança mútua. É a partir desse contexto acolhedor que se dá a aprendizagem acadêmica significativa. A Psicopedagogia Hospitalar é uma especialização da Psicopedagogia que procura dar suporte e apoio de aprendizagens e reaprendizagens ao paciente interno, priorizando o processo de humanização e promoção da saúde.

O livro “*Psicopedagogia hospitalar*”, de Olívia Porto (2008) muito contribuiu para as explicações contidas neste tópico, pois a autora pretende abordar sobre o processo de humanização, pois considera que

O homem é um ser social, necessita de outros para conviver em nossa sociedade. A comunicação é feita por palavras, gestos, escritas, enfim, por trocas, afeto, amor, raiva e todos os sentimentos pertinentes à espécie humana. A vida é um constante movimento e, quando paramos, deixamos de sentir com todas as nossas forças o sopro da vida (PORTO, 2008, p. 21).

A proposta da Psicopedagogia Hospitalar é de proporcionar um espaço de mediação entre os pacientes, familiares, profissionais e todos os sujeitos envolvidos no processo do tratamento médico-hospitalar, contribuindo para o estabelecimento de um ambiente de humanização deste tratamento, de forma que tais sujeitos possam aprender com a experiência vivenciada.

Conforme Porto (2008), o ambiente hospitalar exclui atividades da rotina de qualquer pessoa, seja ela criança, adolescente, adulto ou idoso. A singularidade de cada sujeito fica restrita a um número de prontuário, de enfermaria ou leito. Pacientes que

ficam internados por um longo tempo, geralmente deprimem-se e seu sistema imunológico pode ser afetado e sua recuperação mais longa.

Pensar nessas necessidades que um paciente tem é pensar na possibilidade de Humanização. Segundo a autora, deve-se tomar o cuidado de preservar os direitos que o paciente tem à privacidade, ao sigilo, ao consentimento informado e à auto-estima. Ainda relata que a Humanização começa na porta de Entrada da Unidade com o intuito de esclarecer e informar as necessidades dos usuários; na manutenção das instalações para que estejam sempre limpas; na lavanderia para que esteja em bom estado de utilização e conservação, garantir materiais esterilizados e condições assépticas de roupas de cama, de Enfermagem, Centro Cirúrgico e nas demais dependências; nas equipes médicas, de Enfermagem, Assistência Social, Nutrição, Psicologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia e demais equipes para que possam repensar e reavaliar suas práticas por meio de dinâmicas com psicopedagogos hospitalares. Esse trabalho transdisciplinar garante a Humanização no hospital e na saúde. Porém para que este trabalho funcione de forma eficiente, o psicopedagogo precisa se empenhar e é indispensável à organização e empenho de toda a Comunidade hospitalar na busca de melhorias nos serviços da saúde.

No estado de Goiás, mais precisamente em Goiânia, Felon (2007) relata sua prática de psicopedagoga com adolescentes, no Hospital das Clínicas da UFG, desde 1989. Este trabalho é realizado pelo NECASA – Núcleo de Estudos e Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente da UFG. Segundo a autora este programa “tem por finalidade estudar, pesquisar, planejar, coordenar e executar atividades assistenciais e educativas referentes à adolescência” (FENELON, 2007, p. 81). A equipe é formada por assistentes sociais, enfermeiros, médicos, psicopedagogos, psicólogos e nutricionistas.

A Psicopedagogia Empresarial se preocupa em desenvolver projetos sócio-educativos, atua diretamente com o inter-relacionamento dos sujeitos envolvidos com o aprendizado e o desempenho real dos funcionários.

Costa (2009) possui experiência de trabalho psicopedagógico em uma empresa com 300 funcionários e contribui para melhor compreensão do papel do psicopedagogo nesse campo:

Dentro da organização, o psicopedagogo procura atuar na superação das dificuldades de relacionamento de um grupo, cabendo também a ele levar a empresa a diminuir as fragmentações entre setores e a trabalhar de forma

interdisciplinar. Por meio de intervenções, o psicopedagogo irá auxiliar um determinado grupo, observando como reagem em diversos momentos de trabalho, como funcionam juntos ou separadamente, como lidam com suas frustrações e erros (COSTA, 2009, p. 15).

É relevante observar, portanto, a necessidade que o psicopedagogo tem de receber uma formação que o capacite para atuar nos diferentes campos e de pesquisar, buscando obter um conhecimento cada vez mais amplo do processo de aprendizagem.

1.7 Psicopedagogia e Pesquisa

A Psicopedagogia busca aprofundar seu campo de estudo e atuação, para uma melhor percepção global do fato educativo e compreensão dos objetivos da Educação e da finalidade da escola, possibilitando, assim uma ação transformadora. A Psicopedagogia procura construir seu próprio corpo teórico e compreender melhor os processos de aprendizagem, buscando conhecimentos em diferentes áreas.

Num primeiro momento, a Psicopedagogia esteve mais voltada à busca de metodologias que melhor atendessem aos portadores de dificuldades, portanto há autores que se definem “contra” a patologização do processo de aprendizagem do sujeito, contra a vitimização do mesmo, fazem movimentos para tirar nomes de doenças da Psicopedagogia, e buscam uma delimitação dessa área de conhecimento, de forma a distingui-la do campo da Pedagogia e da Psicologia. Da mesma forma, tais autores se posicionam de maneira a considerar a aprendizagem como um processo sócio-histórico e cultural, destacando o papel da educação e da educação escolar de forma contextualizada. Assim o psicopedagogo atua num meio social e econômico contraditório e o processo de aprendizagem, em todos os seus aspectos, recebe influência destas contradições. Ou seja, o estímulo à aprendizagem, o acompanhamento da atividade cognitiva do aluno e as chamadas dificuldades de aprendizagem (algumas das áreas de atuação do psicopedagogo) são elementos carregados destas contradições e não podem ser reduzidos a questões de ordem pessoal ou individual. As pesquisas realizadas na área da Psicopedagogia muito têm contribuído para melhor compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano.

1.8 A Psicopedagogia e a Aprendizagem

O núcleo específico de todo aprendizado refere-se ao conhecimento construído pelo sujeito. Logo, é importante retomar algumas teorias da origem do conhecimento, ou Teorias da Aprendizagem. A evolução das tecnologias da informação provoca mudanças culturais na aprendizagem e, juntamente com essas mudanças, produziram-se diferentes modelos e teorias. Embora as tradições da aprendizagem reprodutiva tenham dominado a cultura da aprendizagem durante anos (muitos séculos), por serem as que melhor respondiam às demandas sociais da época, houve enfoques alternativos e bastante distintos, sobre a aquisição do conhecimento. Serão citados aqui três grandes enfoques sobre a origem do conhecimento: racionalismo, empirismo e construtivismo.

Os estudos de Pozo (2002) bem contribuem para elucidar essas teorias. A primeira teoria elaborada sobre a aprendizagem de que se tem notícia é outorgada a Platão, que, no século IV a.C., em sua obra *A República*, expôs o mito da caverna. Segundo este mito, nós, homens, estamos acorrentados aos nossos sentidos, só podemos ver as sombras dos objetos projetadas nas paredes da caverna porque nossas correntes nos impedem de ver diretamente os objetos. Ou seja, as idéias puras que todos nós temos internamente desde nosso nascimento é que constituem a origem de todo conhecimento. O conhecimento é sempre a sombra, o reflexo de algumas idéias inatas, que constituem nossa racionalidade humana. Dessa forma, para o racionalismo clássico de Platão, a aprendizagem tem uma função muito limitada; na realidade não aprendemos nada realmente novo, a única coisa que podemos fazer é refletir, usar a razão, para descobrir esses conhecimentos inatos que jazem dentro de nós.

Desta forma, o Racionalismo considera que o sujeito constrói o conhecimento por reflexo de estruturas inatas e aprender é atualizar o que já existe dentro de nós. Já nascemos com tudo que precisamos saber, o que nos faz crescer são nossas idéias e experiências. Essa idéia nega, portanto, relevância à aprendizagem e não condiz com investigações psicológicas que mostram o potencial de aprendizagem da espécie humana, capaz de gerar e adquirir conhecimentos e novas habilidades que dificilmente poderiam estar programadas em nossos genes.

Uma idéia oposta ao racionalismo, a tradição empirista, foi iniciada por Aristóteles, aluno destacado da Academia de Platão. Aristóteles gostava de observar a natureza e, inclusive, de fazer experiências com ela. Para ele, a origem do conhecimento

estava na experiência sensorial, que nos permite formar as idéias a partir da associação entre as imagens proporcionadas pelos sentidos. Ao contrário de Platão, Aristóteles achava que ao nascermos somos uma *tabula rasa*. É, portanto, a nossa experiência que vai criando impressões sobre a tábua, impressões que, ao se unirem acabam dando lugar às idéias, que constituem o verdadeiro conhecimento. Segundo Aristóteles, aprendemos mediante as *leis da associação*, pela proximidade, semelhança e contraste.

As leis ou princípios da chamada aprendizagem associativa foram se reformulando e se precisando mais com o tempo, em parte pelos filósofos empiristas britânicos, como Locke ou Hume (séculos XVII-XVIII) e principalmente, no século XX, pelas teorias psicológicas da aprendizagem, em especial o comportamentalismo, mas a concepção da aprendizagem como um processo associativo perdurou até nossos dias. Essa concepção da aprendizagem, retomada pela psicologia científica, se baseia na chamada “teoria da cópia” (Leahy e Harris, 1985), segundo a qual o conhecimento aprendido não é senão uma cópia da estrutura real do mundo, a marca que as sensações deixam na “tabula” inicialmente imaculada.

A teoria da aprendizagem que predominou em psicologia durante muitas décadas, o comportamentalismo, pode ser entendida como um *associacionismo comportamental*, no qual o que se associam são estímulos e respostas, sendo os mecanismos associativos, segundo os autores, a proximidade, a repetição, a contingência. O Empirismo considera que tudo que o sujeito aprende é reflexo da estrutura do ambiente (teoria Ambientalista).

Se para o racionalismo nosso conhecimento é só o reflexo de estruturas inatas, e aprender é atualizar o que desde sempre, sem sabê-lo, sabemos; para o empirismo, nosso conhecimento é somente o reflexo da estrutura do ambiente, e aprender é reproduzir a informação que recebemos. Em troca, para o construtivismo o conhecimento é sempre uma interação entre a nova informação que nos é apresentada e o que já sabíamos, e aprender é construir modelos para interpretar a informação que recebemos (...) aprendizagem é sempre uma construção e não uma mera réplica da realidade (POZO, 2002, p. 48).

Uma outra teoria do conhecimento é a Construtivista. Para ela, o conhecimento é uma interação entre a nova informação e o conhecimento que já existe, e aprender é construir modelos para interpretar a realidade. A idéia é construir e não reproduzir modelos. A seguir serão abordados alguns autores e tendências que marcaram esta teoria.

Os gestaltistas estudaram a importância da percepção no processo de aprendizagem. A Gestalt é uma abordagem construtivista que acredita que a aprendizagem ocorre quando as condições facilitam a percepção. Segundo esta perspectiva, para aprender, precisamos “mexer” na nossa percepção, ter um olhar diferente, essa é a chamada lei da percepção e do pensamento.

Já Piaget escreveu sobre o desenvolvimento cognitivo como construção individual do conhecimento, pois para o autor, todo conhecimento é uma construção resultante das ações do sujeito. De acordo com Piaget, há três tipos de conhecimento: o conhecimento físico, o conhecimento lógico-matemático e o conhecimento social. Por razões diferentes, cada um deles requer as ações do sujeito, sendo estas ações um sistema aberto. A resposta do ambiente contribui para um processo constante de reorganização mental. Sua visão teórica é interacionista: o homem é produto de uma bagagem genética que se desenvolve no meio social.

Outro autor relacionado à teoria Construtivista é Vygotsky que estudou a construção social do conhecimento. Para este teórico, o homem é um ser ativo, histórico e social. Há uma relação de mediação entre o sujeito e a sociedade, no processo de aprendizagem. O sujeito se constrói socialmente, a partir de suas relações com a realidade e com os outros homens, ou seja, o homem é construído pelas mediações contidas no meio social, pela história da humanidade e pela cultura que ela carrega. Por isso, Vygotsky considera que o homem é um ser histórico-social: se faz indivíduo humano apropriando-se da produção histórica da humanidade nas relações com os outros homens.

Aprendizagem, segundo esta teoria, é um processo de construção que se dá na interação permanente do sujeito com o meio que o cerca. Meio este expresso inicialmente pela família, depois pelo acréscimo da escola, ambos permeados pela sociedade em que estão.

Estamos de acordo com esta teoria que considera a aprendizagem como um processo ativo e construtivo entre o indivíduo e o objeto de conhecimento, estabelecendo ligações entre conhecimentos anteriores e novos, que resulta em descobertas de novos significados e ampliação da compreensão do mundo. A aprendizagem está presente desde os primeiros instantes de nossas vidas, como aprender a respirar, sugar o peito, engatinhar, andar, falar, e se estende por toda a vida do sujeito.

Só se para de aprender, quando se morre. Aprender é, então, o principal instrumento de sobrevivência.

A adesão a esta teoria, em função de sua vinculação à definição de espaço da Psicopedagogia e do papel do psicopedagogo, remete a duas questões que serão tratadas a seguir: os diferentes níveis que configuram o processo de aprendizagem e as conseqüências desta perspectiva teórica para a aprendizagem escolar.

1.8.1 Níveis de aprendizagem

Segundo Jorge Visca (1987), pode-se analisar a aprendizagem em quatro níveis: **Protoaprendizagem**, que são as primeiras aprendizagens, aquelas que ocorrem com a mãe, ou seja, a primeira interação. É o período em que se constroem as relações vinculares. A criança chega ao mundo com seu substrato biológico, produto de influências de transmissão hereditária e as derivadas das reações afetivas da mãe. Nesse período a criança pode desenvolver a confiança, segurança, aceitação, iniciativa e autonomia, porém vai depender desta relação vincular e interacional.

Deuteroaprendizagem são as aprendizagens que ocorrem com o grupo familiar (pai, mãe, irmãos ou outras pessoas que moram na casa, objetos, animais.), envolvendo os valores, limites e visão do mundo e da vida. Neste período, a criança amplia o número e a complexidade de contatos, que resultam em modificações. “Se o pai grita com a mãe, se despreza o trabalho do lar, se os animais, livros, etc. são valorizados ou não, tudo vai influir para que a criança configure seu estilo de aprender a aprender” (VISCA, 1987, p.77).

Aprendizagem Assistemática envolve habilidades e saberes informais, ou seja, nessa fase o sujeito aumenta o vocabulário, aprende a brincar, dividir, esperar a vez, ampliar repertório de condutas, aprende com outras crianças, adultos, grupos ou comunidade.

Aprendizagem Sistemática é aquela que se opera pela interação com as instituições educativas, mediatizadoras da sociedade como órgãos especializados para transmitir os conhecimentos, atitudes e destrezas que a sociedade estima necessárias para a sobrevivência, capazes de manter uma relação equilibrada entre a identidade e a mudança. Essa seria a aprendizagem escolar, planejada, sistematizada.

Aprendizagem é um termo muito amplo e complexo, que se refere à aquisição de uma conduta, ao domínio de um procedimento, à conquista de algo que passa a ser patrimônio de nossa ação; refere-se a algo específico, não importando sua amplitude (MACEDO, 1994, p. 131).

Se a aprendizagem é um processo amplo e complexo, merece, portanto, uma visão mais ampla, ou seja, considerar as diferentes dimensões do processo de aprendizagem biológica, cognitiva e social. Nesse sentido Pain (1985) afirma que a aprendizagem constitui um efeito e um lugar de articulação de esquemas, que coincidem um momento histórico, um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito associado a tantas outras estruturas teóricas.

Para elucidar melhor, considera-se importante a contribuição da autora ao dizer que para haver aprendizagem, quatro estruturas se articulam: o organismo, o corpo, as estruturas cognitivas e as estruturas simbólicas.

O **organismo** envolve fatores biológicos, orgânicos, ou seja, tudo que o sujeito apresenta quando nasce, por exemplo: sistema nervoso, respiratório, e outros, e tem a função de manutenção e sobrevivência do indivíduo. Assegura que haja uma temperatura constante, boa oxigenação, que os órgãos dos sentidos possam receber as sensações do meio ambiente, reconhecer sinais, ou seja, toda uma série de mecanismos que permitem um funcionamento orgânico estável, além de possuir a função de automatizar as aprendizagens. Quando uma aprendizagem está suficientemente exercitada e alcançou um bom nível de interiorização, passa a ser automatizada, e fica inscrita no organismo. Porém, a aprendizagem ficará inscrita se não houver uma lesão ou algum problema.

O **corpo** é uma instância construída, ou seja, seu funcionamento é aprendido, acumula experiências, adquire novas agilidades. Nenhuma aprendizagem deixa de passar pelo corpo. Sara Paín (1988) diz que “o corpo coordena ao mesmo tempo os movimentos e as sensações e faz eco com sentimentos.”

É no corpo que existem sentimentos como medo, repulsa, afeto, culpa, raiva, agrado, etc. Sendo assim, o prazer de aprender está no corpo. Quando o aluno aprende, ele sente prazer com esta conquista.

A **inteligência** refere-se à estrutura lógica e o cognitivo do sujeito, que são construídos mediante as experiências. A inteligência permite a organização e a construção da objetividade, aquilo que está fora do sujeito e aquilo que ele conseguirá

juntar. Para aprender, o sujeito deve ter uma estrutura cognitiva adequada ao nível de compreensão solicitada e também um ambiente facilitador. A experiência, a estimulação, a ação sobre os objetos são aspectos importantes para o desenvolvimento da inteligência.

O **desejo** inclui o simbólico e o subjetivo, os vínculos, afetos e emoções, enfim, o psicológico. Esse aspecto é que faz as pessoas diferentes, pois cada um vive sua experiência, vê o objeto de conhecimento de forma diferente. Contudo, para que um indivíduo aprenda, é preciso existir o desejo de aprender. O desejo impulsiona nossa curiosidade de encontrar respostas e querer fazer novas perguntas.

Como já foi mencionado, a aprendizagem é um processo vincular, ou seja, acontece com o estabelecimento de vínculo entre o ensinante e o aprendente. Referente a essa afirmação, Fernández (2001) relata que a aprendizagem tem um caráter subjetivo, pois o aprender implica desejo que deve ser reconhecido pelo aprendente e pelo ensinante. De acordo com a autora “o desejar é o terreno onde se nutre a aprendizagem”. Daí a importância do investimento na manifestação do desejo de saber.

1.8.2 Aprendizagem escolar

Aprender é ou deveria ser um processo natural, dinâmico, contínuo, reflexivo, pessoal, global, gradativo e cumulativo, que resulta em uma complexa atividade mental. Portanto, considera-se que, para que ocorra a aprendizagem, vários processos devem estar envolvidos, como a mediação, o pensamento, a percepção, a atenção, as emoções, a memória, a motricidade, os conhecimentos prévios, a persistência.

Vygotsky (1998), quando enfatiza que o “único bom ensino é o que adianta ao desenvolvimento”, deixa claro a necessidade da revisão de questões pedagógicas e psicopedagógicas no processo ensino-aprendizagem na e além da instituição escolar.

A escola tem a função de formar o cidadão e inseri-lo na cultura por meio do conhecimento. Relacionado a este pensamento Pozo (2002, p. 32) afirma que “podemos dizer que em nossa cultura a necessidade de aprender se estendeu a quase todos os rincões da atividade social”. Portanto, uma boa escola deve ser estimulante para o aprendente; por essa razão, concorda-se que a função básica dos profissionais da área de educação deve ser a de melhorar as condições de ensino, conhecer a forma e os

processos com que os alunos aprendem, favorecer o acesso às novas tecnologias, processar e selecionar informações, desenvolver valores, criar novas linguagens de comunicação, valorizar o trabalho em equipe, fornecer meios para que o aluno tenha autonomia no pensar e possa superar dificuldades já instaladas, contribuir para não agravar os problemas de aprendizagem nascidos ao longo da história pessoal do aluno⁵.

É preciso considerar que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. Para elucidar este fato, os pensamentos de Vygotsky (1998) muito contribuem, pois este autor afirma que

[...] o aprendizado das crianças começa muito antes de elas freqüentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho (VYGOTSKY, 1998, p. 110).

Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história. Tal fato confirma as diferenças nos níveis de aprendizagem. Uma criança que recebeu mais estímulos, principalmente na linguagem, teve mais contato com o objeto, desenvolveu a persistência e iniciativa, com certeza terá mais facilidade para aprender no ambiente escolar do que uma criança que não teve oportunidade de desenvolver tais aspectos.

Porém afirmar que esta ou aquela criança está apresentando dificuldades de aprendizagem por este motivo, pode-se correr o risco de patologizar o processo de aprendizagem ou “vitimizar” o aluno. As dificuldades de aprendizagem não são geradas por uma única causa. É preciso considerar a aprendizagem como um processo sócio-histórico e cultural, destacando o papel da educação e da educação escolar de forma contextualizada. A intenção não é focar no motivo, mas o que se pode fazer para facilitar o processo de aprendizagem do educando, já que descobrir o sintoma facilita a ação interventiva.

⁵ Essa função do educador se distingue da do clínico que terá por obrigação intervir, buscando remover as causas profundas que levaram ao quadro do não-aprender.

1.8.3 Dificuldades de aprendizagem

De acordo com Sisto (2001), o campo das dificuldades de aprendizagem delimita-se, oficialmente, a partir de 1963. Ainda que observado no mundo inteiro, é marcadamente de origem norte-americana e canadense, pois no dia 6 de abril deste mesmo ano, um grupo de pais reuniu-se em Chicago por terem algum filho, que sem razão aparente manifestava dificuldades persistentes na aprendizagem da leitura. Preocupados com o problema, convidaram profissionais de diferentes áreas – médicos, neurologistas, psicólogos – para buscar soluções e/ou explicações para o fato de seus filhos não aprenderem a ler, como também para a criação de serviços educativos eficientes que tratassem o problema de seus filhos.

De fato, essas crianças não eram atendidas pela chamada educação especial, voltada, então, para quadros de atraso mental, deficiência auditiva, visual, motora, etc. Até então, especialistas referiam-se a elas como crianças com lesão cerebral ou crianças com disfunção cerebral mínima, com dislexia, entre outros. Foi nesse contexto que o psicólogo Samuel Kirk, que estava trabalhando com crianças com atraso mental, dificuldades da linguagem e da leitura, propôs que esses inexplicáveis obstáculos, observados na aprendizagem da leitura, poderiam ser chamados de *dificuldades de aprendizagem (learning disabilities)*, pois se referiam a problemas de aprendizagem acadêmica.

Embora o estudo das dificuldades de aprendizagem tenha se originado e solidificado nos Estados Unidos e Canadá, o estudo dessa problemática foi se alastrando e adquirindo importância na Europa e outros países. No Brasil, as dificuldades de aprendizagem como categoria dentro da educação especial ainda não tem sido muito considerada. O que se percebe é essa dificuldade como parte da concepção geral de necessidades educativas especiais, cuja manifestação mais sobressalente é o fracasso escolar.

Provavelmente as dificuldades de aprendizagem sempre ocorreram, mas a partir da data acima indicada, recebeu dos estudiosos uma unificação terminológica e uma limitação de campo, já que a unificação conceitual tem percorrido um longo caminho, com debates, polêmicas, acertos e desacertos. Por isso, não se pode deixar de lado certos fatos e interpretações interessantes sobre a história das dificuldades de aprendizagem.

No final do século XIX, passou-se a dar mais atenção e importância à aprendizagem do indivíduo. Aprender tem cada vez mais se tornado uma necessidade para o indivíduo completar possibilidades de desenvolvimento, e dessa forma, assumir seu lugar na sociedade.

Dentro desse contexto, vêm se avolumando também pesquisas dedicadas ao estudo e compreensão do fracasso escolar sob a ótica das dificuldades de aprendizagem. Pergunta-se então, o que são consideradas dificuldades de aprendizagem na sociedade de hoje? De algumas definições encontradas, considera-se que esses são comportamentos comuns aos alunos com esse problema:

[...] baixo aproveitamento escolar em leitura, ditado, cálculo – no ensino fundamental e em disciplinas nucleares do ensino médio – etiologia disfuncional do sistema nervoso central, disfunções no processo de informações por ruptura dos processos psicológicos superiores; perpetuação dos distúrbios de aprendizagem ao longo da vida; problemas de percepção, integração, elaboração e de expressão, acarretando problemas de linguagem; problemas conceituais, envolvendo processos de raciocínio, de pensamentos hipotéticos, dificuldades interacionais, desmotivação, hiperatividade, impulsividade, desorientação espacial, repercussão multidifuncional dos distúrbios de aprendizagem, isto é, coexistência de outros problemas emergentes dessas condições de dificuldades (FONSECA, 1987, pp. 225-226 apud Sahda Marta Ide).

Nos estudos e pesquisas de Rotta (2006), constata-se que o percentual de crianças com dificuldade para a aprendizagem pode chegar a 50%, e que as causas primárias, entre elas dislexias, discalculias, dispraxias, disgnosias, déficit de atenção e hiperatividade, têm importante papel na gênese dessas dificuldades. No entanto, não são as únicas, não podendo ser esquecidas as causas não primárias da dificuldade para aprender, incluindo aí os problemas físicos, psicológicos, socioeconômicos e pedagógicos.

A investigação das causas das dificuldades de aprendizagem depara-se com uma multiplicidade de fatores de diferentes ordens. Por muito tempo, fatores individuais, tais como problemas neurológicos e/ou psicológicos, foram utilizados para explicar os índices alarmantes de fracasso escolar.

No Brasil, particularmente durante a década de 70, foi amplamente difundido o rótulo de Disfunção Cerebral Mínima para as crianças que apresentavam como sintoma proeminente, distúrbios na escolaridade. [...] Tal concepção organicista e linear apresentava uma conotação nitidamente patologizante, uma

vez que todo indivíduo com dificuldades na escola era considerado portador de disfunções psiconeurológicas, mentais e/ou psicológicas (KIGUEL, 1991, p. 24).

Atualmente, parece estar superada a visão de que a insuficiência está na criança. Próximo aos anos 80 essa visão tem se mostrado cada vez mais interdisciplinar quanto ao processo de aprendizagem e suas dificuldades. Para Bourdieu e Passeron (1975), a escola se restringe a legitimar a cultura dominante, uma cultura de classes que respalda os favorecidos, marginalizando, conseqüentemente, os que apresentam características culturais diferentes. Ou seja, a imposição de uma cultura dominante promove fatores internos à escola que interferem na aprendizagem dos alunos.

A história sócio-cultural de nosso país sempre foi marcada pela alienação das classes populares em relação às classes dominantes. É conhecido e percebido o descaso existente em relação aos mais necessitados. A nossa história social mostra que a criança sofre vários tipos de preconceitos, exclusão, maus tratos, sendo vítimas de estigmas e rótulos no interior das instituições sociais. Muitos atribuem as dificuldades enfrentadas pelas crianças à incapacidade pessoal, concebendo-as como fadadas ao fracasso pela incapacidade de aprender, deixando de considerar questões que embasam esta realidade. Mas considera-se que projetar o fracasso escolar nessas condições, permite à escola tirar sua responsabilidade e participação.

É importante considerar que não existe uma única causa ou um fator exclusivo que possa determinar as dificuldades de aprendizagem. Os fatores biológicos, familiares, de natureza individual, ligadas à escola e à tarefa, não aparecem isoladamente no desempenho da criança, formam um todo único em cada caso.

Sisto (2001) define dificuldades de aprendizagem como sendo:

[...] um grupo heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração e cálculo, em pessoas com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras, ou desvantagens culturais. Geralmente não ocorre em todas as áreas de uma só vez e pode estar relacionada a problemas de comunicação, atenção, memória, raciocínio, coordenação, adaptação social e problemas emocionais (SISTO, 2001, p. 33).

É importante alertar que se tome o cuidado de não considerar toda dificuldade de aprendizagem como problema escolar, pois a dificuldade de aprendizagem é um fator comum e previsível, mas devem se tomar as devidas providências para que seja superado o problema e não resulte em fracasso escolar. A escola não pode fugir da responsabilidade que tem de garantir aos alunos uma formação intelectual, ética e cultural que se dá por meio do conhecimento e saber trabalhar pedagogicamente as diferentes formas de aprender do educando.

1.8.4 Fatores que interferem na aprendizagem

Considerando o que foi até aqui abordado, uma dificuldade de aprendizagem não deve ser vista como uma patologia e sim como um obstáculo que pode estar dificultando este processo. Visca (1991) classifica esses obstáculos como sendo: epistêmico, epistemofílico, epistemológico e funcional. O obstáculo **epistêmico** refere-se à estrutura cognitiva do sujeito, que deriva do nível de operatividade da estrutura cognitiva alcançada, ou seja, ninguém pode aprender além do que sua estrutura cognitiva permite. O obstáculo **epistemofílico** refere-se ao vínculo afetivo que o aprendiz estabelece com os objetos e situações de aprendizagem. Um vínculo inadequado pode impedir ou dificultar a aprendizagem. O obstáculo **epistemológico** está relacionado ao meio cultural em que o aprendiz está inserido. Quando uma criança de um meio cultural desfavorecido é inserida em outro com melhores condições, poderá apresentar o que denominamos de obstáculo epistemológico. Outro exemplo é de crianças que acompanham os pais em países diferentes do seu de origem, que poderão demonstrar uma dificuldade inicial de adaptação ao idioma e costumes. Visca considera que essa criança pode apresentar um obstáculo para aprendizagem de caráter epistemológico. Outro obstáculo que poderá estar dificultando o processo de aprendizagem é o **funcional**, que corresponde às diferenças de funcionalidade da estrutura do pensamento, como as desigualdades entre os aspectos figurativos e operativos, as formas de oscilações deste pensamento, a impossibilidade de usar certas justificativas, enfim, de que maneira o pensamento do aprendiz acontece.

Weiss (2002) considera alguns aspectos ou fatores que interferem na aprendizagem. Os **aspectos orgânicos**, que estão relacionados à construção biofisiológica do sujeito que aprende e alterações nos órgãos sensoriais que impedirão

ou dificultarão o acesso aos sinais do conhecimento. A construção das estruturas cognoscitivas, ou seja, estruturas hábeis para o aprendizado, capacitadas para aprender, se processam num ritmo diferente entre os indivíduos normais e os portadores de deficiências sensoriais, pois existirão diferenças nas experiências físicas e sociais vividas.

Diferentes problemas do sistema nervoso central podem acarretar alterações que comprometem a linguagem e poderão ou não causar problemas de leitura e escrita.

Na realidade, crianças portadoras de alterações orgânicas recebem, na maioria das vezes, uma educação diferenciada por parte da família, o que pode levar à formação de problemas emocionais em diversos níveis, gerando dificuldades na aprendizagem escolar.

Aspectos cognitivos estariam ligados basicamente ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas cognoscitivas em seus diferentes domínios. Envolvem nessa grande área também aspectos ligados à memória, atenção, antecipação, percepção, raciocínio, etc.

Numa visão piagetiana, o desenvolvimento cognitivo é um processo de construção que se dá na “interação entre o organismo e o meio”. Se esse organismo apresenta problemas desde o nascimento, o processo de construção do sujeito sofrerá alterações no seu ritmo. Por exemplo, a criança com grande baixa visual terá seu processo de construção do espaço complicado, pois suas experiências com o mundo físico ficam diferentes das crianças com visão normal.

Os aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento e a expressão deste através da produção escolar. Remete aos aspectos inconscientes envolvidos no ato de aprender.

O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com a sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica. Na prática, pode manifestar uma rejeição ao conhecimento escolar, em trocas, omissões e distorções na leitura, na escrita, cálculo em geral, etc.

Os **aspectos sociais** estão ligados à perspectiva da sociedade em que estão inseridas a família e a escola. Incluem, além da questão das oportunidades, o da formação da ideologia em diferentes classes sociais. Por exemplo, quando a família tem possibilidade de escolher a escola para seu filho, ela o faz visando à manutenção de sua ideologia. Por outro lado, é evidente a falsa democratização de algumas escolas em que

se dá a mistura de crianças de classe média de ampla base cultural com crianças de camadas menos favorecidas da população, sendo estas últimas “expelidas” da escola. Essa escola que “finge” aceitar a diversidade cultural constrói nessas crianças a baixa autoestima, o sentimento de inferioridade que carregam para outras escolas ditas mais fáceis. Isto acontece porque, na realidade, não fazem dentro da escola modificações curriculares e pedagógicas que auxiliem a criança menos favorecida a ter acesso e ascensão no conhecimento e se igualar com as do primeiro grupo.

Aspectos pedagógicos são aqueles que contribuem muitas vezes para o aparecimento de uma “formação reativa” aos objetos da aprendizagem escolar. Tal quadro confunde-se, às vezes, com as dificuldades de aprendizagem originadas na história pessoal e familiar do aluno.

Estão incluídas aí questões ligadas à metodologia de ensino, à avaliação, à dosagem de informações, à estruturação de turmas, à organização geral, que, influenciando na qualidade do ensino, interferem no processo ensino-aprendizagem.

Sintetizando o que foi visto, destaca-se a ideia básica de aprendizagem como um processo de construção que se dá na interação permanente do sujeito com o meio que o cerca. Meio esse expresso inicialmente pela família, depois pelo acréscimo da escola, ambos permeados pela sociedade em que estão.

Diferentes definições têm sido atribuídas à Psicopedagogia. Como já foi observado, resta a ser equacionada a questão de sua vinculação inicial a uma pedagogia curativa. Consideramos que seria possível superar esta vinculação tão direta a uma outra área do conhecimento, desde que houvesse um esforço teórico no sentido de definir um referencial próprio, autônomo em relação à medicina, à psicologia e à educação. A especificidade da Psicopedagogia enquanto prática social e enquanto área de atuação profissional pode se impor socialmente, desde que se busque a sua estruturação enquanto campo ou área de conhecimento teórico. Para isto, seria importante superar as definições que propõem a Psicopedagogia como uma seqüência de práticas normativas.

A trajetória da Psicopedagogia nos coloca assim, diante de duas grandes questões: a necessidade de rigor conceitual e o recurso a teorias intermediárias (psicologia e educação) para sua constituição. A alternativa que se coloca é considerar a constituição de uma disciplina ou área de conhecimento como construção de saberes, por um lado e como prática social, por outro. O desafio que se coloca é, então, o duplo

movimento entre a contextualização das teorias e a conceituação das práticas. É no bojo deste movimento, que o presente estudo se coloca.

CAPÍTULO II

A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O presente capítulo aborda, inicialmente, os estudos e pesquisas relacionados à Teoria das Representações Sociais. Serão considerados conceitos de diferentes autores, privilegiando a proposta de Moscovici, e ainda a função, os processos, os sistemas, as correntes desse trabalho e o que essa teoria possibilita. Em seguida, serão apresentados os procedimentos adotados nesta pesquisa e, por fim, serão mencionadas algumas pesquisas sobre identidade profissional com os mesmos fundamentos teóricos aqui adotados.

2.1 Considerações Teóricas

Como o que se pretende na pesquisa em questão é conhecer a opinião de um determinado grupo a respeito de uma identidade profissional, justifica-se a inscrição da mesma no universo das idéias referentes à Teoria das Representações Sociais. Pretende-se focalizar as Representações Sociais para que se possa perceber como os formadores de pedagogos compreendem a formação e a prática do psicopedagogo. Por esta razão, esta pesquisa envolve dois campos, quais sejam o da Teoria das Representações Sociais e o da Psicopedagogia.

Pode-se perceber uma clara continuidade entre o estudo das Representações Coletivas de Durkheim e o estudo das Representações Sociais de Moscovici. Durkheim foi um dos fundadores da Sociologia moderna, e ao propor o estudo das Representações Coletivas, se preocupou em apontar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual. Já a teoria de Moscovici, segundo Farr (1995), é classificada como uma forma sociológica da Psicologia Social, pois julga mais adequado estudar representações sociais do que representações coletivas já que a última era mais apropriada num contexto de sociedades menos complexas, que eram do interesse de Durkheim.

As sociedades modernas são caracterizadas por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem. Há, nos dias de hoje, poucas representações que são verdadeiramente coletivas.[...] Moscovici estava modernizando a ciência social, ao substituir representações coletivas por representações sociais, a fim de tornar a ciência social mais adequada ao mundo moderno (FARR, 1995, p. 44).

A Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici tem, assim, como ponto de partida as idéias de Durkheim, porém com uma ênfase no fato de que o indivíduo é um produto da sociedade. Seu debate se consolidou com sua obra fundadora “A Representação Social da Psicanálise”. Tal estudo foi apresentado como pesquisa de Psicologia Social e de Sociologia e não como um trabalho de Psicanálise. Moscovici conceitua representações sociais como “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (Moscovici, 1978, p. 26).

Percebe-se, portanto, que Representação Social é definida como uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e construído por um grupo social a respeito de uma realidade comum.

Ao formular a teoria, Moscovici (1995) demonstra que compreende os fenômenos psicológicos do ponto de vista da vida social e cultural, contrariando a tendência dos psicólogos sociais de separar os fenômenos psíquicos dos fenômenos sociais, ou de apenas acrescentar uma dimensão social aos fenômenos psicológicos. Ou seja, Moscovici se preocupou em compreender as idéias e os comportamentos coletivos sem dicotomizar o individual e o social. Então a Teoria da Representação Social deve ser vista tanto à medida que ela possui uma contextura psicológica autônoma como à medida que expressa elementos ou aspectos de nossa sociedade e de nossa cultura.

Na linha moscovicianiana, o conceito de Representação Social utilizado por Jodelet (In Eizirik, 1999) é entendido “como uma forma de interpretar nossa realidade cotidiana, (...) atividade mental desenvolvida por indivíduos e grupos para fixar suas posições em relação a situações, acontecimentos e comunicações da vida cotidiana” (p.128). É, portanto, um conhecimento prático que ajuda a construir uma percepção da realidade, além de contribuir para a reelaboração de conceitos por meio de conhecimentos científicos.

As representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior (MOSCOVICI, 1978, p. 50).

As Representações Sociais, enquanto formas de conhecimento, privilegiam o conhecimento do senso comum, indo para além das fronteiras da ciência. Conforme o próprio autor diz (1978), trata-se de uma ampliação do olhar de modo a ver o senso comum como conhecimento legítimo e motor das transformações sociais.

Moscovici, ao propor a Teoria das Representações Sociais (TRS), buscou além conhecimentos sobre o pensamento social, também aqueles sobre a comunicação e a semiótica. Considerou que as conversações, dentro das quais se elaboram os saberes populares e o senso comum, permitem identificar de maneira concreta as representações, e essas têm um fator determinante nas atitudes, nas ações e nos referenciais dos indivíduos, e assumem papel importante na dinâmica das relações sociais e nas práticas cotidianas. Decorrente dessas premissas, conclui-se que as Representações Sociais são expressas pelas ciências, mas o senso comum deve ser considerado, como também o contexto psicológico autônomo, a sociedade e a cultura.

Assim, considera-se pertinente citar outro conceito de Representações Sociais de acordo com Moscovici.

Representação Social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são ou se nos tornam comuns. Encarada de um modo passivo, ela é apreendida a título de reflexo, na consciência individual ou coletiva, de um objeto, de um feixe de idéias que lhe serão exteriores (MOSCOVICI, 1978, p. 25).

Ainda relacionado a esta idéia, a teoria das Representações Sociais se constrói sob uma teoria dos símbolos, portanto ela também busca análise e conhecimento na perspectiva vygotskyana. Explica Rego (1995) que os sistemas simbólicos, ou sistemas de representação da realidade, especialmente a linguagem, funcionam como elementos mediadores que permitem a comunicação entre indivíduos, o estabelecimento de significados compartilhados por determinado grupo cultural, a percepção e interpretação dos objetos, eventos e situações do mundo circundante. É por essa razão que Vygotsky afirma que os processos de funcionamento mental do homem são fornecidos pela cultura, através da mediação simbólica.

A estrutura das Representações Sociais pode ser entendida em relação a seu processo de formação e transformação; elas não são um agregado de representações

individuais da mesma forma que o social é mais do que um agregado de indivíduos. Jovchelovitch relata que a análise das Representações Sociais deve concentrar-se naqueles processos de comunicação e vida, acreditando que esses processos são processos de mediação social e ainda acrescentando que

Comunicação é mediação entre um mundo de perspectivas diferentes, trabalho é mediação entre necessidades humanas e o material bruto da natureza, ritos, mitos e símbolos são mediações... Assim, são as mediações sociais, em suas mais variadas formas, que geram as representações sociais (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 81).

Segundo Campos (2003) as transformações sociais são compreendidas pelas mudanças das condições objetivas (ou materiais) de produção e é nesse ponto que se levanta a questão dialética relativa ao papel ativo do sujeito na história, e, portanto, na história do pensamento social. Nas interações cotidianas os indivíduos se encontram diante de uma informação nova, depois buscam torná-las familiares, coerentes com os sistemas de valores do grupo ao qual pertencem. A esse conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, Moscovici (1978) denominou de Representações Sociais.

Uma representação pode então orientar comportamentos e formas de comunicação entre indivíduos, pois ela pode ser entendida como um sistema de valores e idéias, e exercem o papel de estabelecer uma ordem que capacita os indivíduos a se orientarem em seu mundo social e facilitar a comunicação entre membros de uma comunidade por providenciar aos mesmos um código para nomearem e classificarem os vários aspectos de seu mundo e suas histórias individuais e grupais. A sua formação é dada por dois processos principais: a objetivação e a ancoragem.

A objetivação dá realidade material a um objeto abstrato, fortalecendo o aspecto icônico de uma idéia imprecisa, o que se associa a um conceito de imagem. Em um segundo momento se sucede uma naturalização desse objeto, atuando no sentido da construção social da realidade.

A ancoragem é definida por Moscovici (1978) como um dos processos fundamentais na gênese de uma Representação Social. No surgimento ou nos processos de transformação, a ancoragem toma a forma de “tornar familiar o que é não-familiar”. A ancoragem não é um processo estático, que intervém somente nos momentos de gênese ou transformação, mas um processo permanente nas Representações Sociais, pelo qual a representação cria e conserva viva suas raízes nos sistemas sociocognitivos,

ou seja, o estudo da ancoragem é o estudo dos processos sociais e cognitivos que mantém viva a representação.

A ancoragem revela mais claramente sua constituição de processo fundamental, pois o seu estatuto é importante e necessário à compreensão do funcionamento de qualquer representação social. Pela ancoragem o objeto é classificado entre as redes de categorização da sociedade, adequado à hierarquia existente das normas e valores sociais.

Doise (apud Campos, 2003) define três níveis de ancoragem: a chamada **ancoragem psicológica**, que resulta do estudo de como a representação está arraigada nas atitudes, nos sistemas de crenças, ideologias, religiões e valores sociais adotados pelos indivíduos; a **ancoragem psicossociológica**, vinculada ao modo como as pessoas percebem as relações entre os grupos sociais e a estrutura social, ou seja, as percepções acerca do meio social; e por **ancoragem sociológica** entende-se a ancoragem nas estruturas sociais em seu aspecto mais dinâmico, que diz respeito às relações dos indivíduos nos grupos e nas suas respectivas experiências.

Conforme Campos (2003), a Teoria das Representações Sociais tem um caráter heurístico⁶ e as representações são regidas por um duplo sistema: o *sistema central*, vinculado às condições históricas, sociológicas e ideológicas, sendo também ligado às normas e aos valores sociais, e define a organização e o significado da representação; e o *sistema periférico*, ligado ao contexto imediato, à história pessoal do indivíduo e que permite a adaptação da representação às mudanças conjunturais.

De acordo com Abric (In Campos & Loureiro, 2003), o sistema ou núcleo central apresenta duas funções essenciais para elaboração e manutenção da representação: uma função *genética*, a partir da qual o significado dos elementos é criado ou transformado; e uma função *organizadora*, que rege os elos existentes entre os elementos presentes no campo da representação, a fim de assegurar a unidade e a estabilidade desse campo. Abric privilegia a expressão “sistema central”, fazendo referência a vários trabalhos recentes que demonstram a existência de relações particulares no interior mesmo do núcleo central, entre os próprios elementos centrais. O sistema central é ativado de maneira diferenciada, segundo a natureza do objeto social visado, a natureza das relações do grupo social com esse mesmo objeto e a finalidade da situação.

⁶ Método de perguntas e respostas para encontrar a solução de vários problemas.

O núcleo central está, portanto, relacionado a um subconjunto de elementos em torno do qual as representações sociais são organizadas. E ao segundo sistema, ao termo periférico foi formada uma ideia errada e implícita de uma conotação de segunda categoria, de subconjunto de menor qualidade e de menor importância. Flament (apud Campos & Loureiro, 2003, p. 26) propõe considerar os elementos periféricos como esquemas organizados em torno do núcleo, que por sua vez, é responsável pela estruturação e estabilidade, gerando significado que atravessa a representação inteira.

Conforme explicitado por Abric (1994), o sistema periférico responde por três funções essenciais: a *concretização*, função na qual os elementos oriundos do processo de ancoragem permitem o entendimento da representação em termos bem concretos; a *regulação*, na qual os esquemas favorecem a adaptação dos conteúdos e processos coletivos às mudanças do contexto externo; e *defesa*, na qual o sistema parece desempenhar o papel de um “para-choque” ou “escudo”, modificando e neutralizando importantes modificações no meio, de modo a evitar ao máximo as transformações bruscas do núcleo e evitar o ataque aos elementos centrais por parte da realidade, quando esta sofre uma mudança intensa.

Essas três funções tornam o sistema periférico mais apto a reagir diante de diferentes situações, ou mais exatamente, às particularidades de cada situação.

Uma das grandes questões discutidas atualmente no campo de estudo da Teoria das Representações Sociais diz respeito às relações entre as práticas sociais desenvolvidas por um determinado grupo social e seus pensamentos coletivos. A problemática importante que se questiona é: “Até que ponto as representações influenciam as práticas ou são por elas influenciadas?”⁷

Campos (2003) explica que a Teoria das Representações Sociais tem três correntes de trabalho: 1. Culturalista; 2. Abordagem societal ou “escola de Genebra” (princípios reguladores das tomadas de posição); 3. Abordagem estrutural ou Teoria do Núcleo Central (escola aixoise). Nenhuma das três correntes se afasta do corpus teórico fundamental proposto por Moscovici, elas constituem diferentes formas de se abordar o estudo das Representações Sociais. Este trabalho é voltado para a perspectiva da abordagem estrutural, pois um núcleo central e outros componentes mais individuais formam a estrutura das Representações Sociais. Conforme Moscovici (2003), a tese da

⁷ As relações entre práticas e representações são muito complexas e ainda pouco estudadas, tanto do ponto de vista teórico, quanto empírico.

existência de crenças nucleares está em conformidade com a natureza histórica das representações sociais e permite distinguir uma representação de outra.

A escolha teórica para a realização da pesquisa deve-se ao fato de que esta teoria permite o acesso às idéias, aos desejos, às crenças e aos valores que os sujeitos constroem a respeito de determinado objeto social. Os estudos ou pesquisas pela perspectiva da Teoria das Representações Sociais possibilitam a aquisição de um conhecimento socialmente compartilhado e vinculado às construções sociais e ao saber do senso comum, influenciados pelos comportamentos e atitudes dos grupos sociais, e é uma teoria sobre a construção social. A forma como a pessoa pensa o seu universo resulta em um conhecimento socialmente construído por meio de discurso nos grupos. As Representações Sociais são definidas como um sistema de conhecimentos elaborados e compartilhados socialmente, orientando comportamentos e intervindo na definição da identidade individual, social e na construção de objetos e é a partir das representações, que o indivíduo sofre a pressão da mesma quando dominante na sociedade.

Esta pesquisa visa adotar a Teoria das Representações Sociais por seu caráter interdisciplinar, pois ela é capaz de fornecer subsídios importantes à compreensão de como os formadores de pedagogos representam o papel do psicopedagogo, e visa à produção de comportamentos e interações sociais.

Espera-se que este item introdutório tenha permitido um primeiro contato com alguns conceitos e parâmetros já desenvolvidos no alvo da Teoria das Representações Sociais, para a referida pesquisa.

2.2 Considerações Metodológicas

Este estudo realiza uma pesquisa qualitativa, que possui a finalidade de explorar uma amplitude de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão. A Teoria das Representações Sociais não privilegia nenhum procedimento de pesquisa em especial, o que permite um amplo leque de escolhas.

Um dos instrumentos de coleta de dados adotado para melhor validação da pesquisa foi a “associação livre de palavras”, uma técnica desenvolvida por Jung, em 1905, que consiste em um tipo de investigação aberta que se estrutura na evocação de respostas dadas com base em um ou mais estímulos indutores. Freud acompanhava com

interesse a pesquisa sobre as associações e usava termos tais como cadeia, fio, série ou linha de associação para descrever os caminhos da chamada “associação livre” e aplicava também o método de associação livre. Durante um tempo, Jung especulou se o teste de associação de palavras poderia ser um instrumento de valor social para ser usado em detecção de crimes, bem como na terapia. Atualmente este procedimento tem sido usado em diferentes áreas do conhecimento.

A metodologia de entrevista individual foi outro instrumento adotado. Ela foi escolhida e utilizada por se acreditar que é bastante apropriada à investigação com profundidade. Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, uma troca de idéias e significados, em que as palavras são o meio principal de troca, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, concorda-se com Bauer e Gaskell (2002) que “tanto o entrevistado como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento”.

Nesse contexto, o *corpus*⁸ textual das entrevistas foi submetido à análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um plano mais amplo da teoria da comunicação que tem como ponto de partida a mensagem. Esta permite ao pesquisador fazer inferências – uma importante finalidade da análise de conteúdo – sobre qualquer um dos elementos da comunicação, seja esta, a fonte emissora, o processo codificador que resulta em uma mensagem, o detector ou recipiente da mensagem e o processo decodificador. Franco (2005) define, assim, inferências, como o procedimento intermediário que vai permitir a passagem, explícita e controlada, da descrição à interpretação. Tais inferências referem-se às características do texto, às causas e/ou antecedentes da mensagem e os efeitos da comunicação. Produzir inferências é o que garante um procedimento de relevância teórica.

Acredita-se, portanto, que um dado sobre o conteúdo de uma mensagem, seja ela escrita, oral, documental, deve, necessariamente, estar relacionada, no mínimo, a outro dado, ou seja, implica comparações com pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduo e de sociedade. A escolha também se deve ao fato de que a análise de conteúdo demanda uma relevância teórica e tem um significado bastante explícito. Está sendo cada vez mais utilizada para produzir inferências acerca de dados

⁸ Segundo Barthes (1967, p. 96) “corpus é uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar.”

verbais ou simbólicos obtidos por meio de perguntas e observações realizadas pelos pesquisadores. Tal análise permite testar hipóteses em oposição a pesquisas meramente descritivas e oferece maior diversidade no que se refere aos materiais a serem estudados e pesquisados.

[...] uma importante finalidade da análise de conteúdo é produzir inferências sobre qualquer um dos elementos básicos do processo de comunicação: a fonte emissora; o processo codificador que resulta em uma mensagem; o detectador ou recipiente da mensagem; e o processo decodificador (FRANCO, 2005, p. 25).

Assim, a análise de conteúdo é adotada nesta pesquisa com o objetivo de auxiliar na busca dos conteúdos implícitos nas falas dos sujeitos a fim de categorizar tais conteúdos para compreender as formas predominantes de representação da Psicopedagogia.

2.3 A Teoria das Representações Sociais e a identidade profissional.

Um grande número de publicações e dissertações realizadas tomando como suporte teórico a Teoria das Representações Sociais é indicativo de bons resultados e confirma conveniência desta teoria em diferentes áreas do conhecimento. Dentro dessa abordagem, foram escritas várias dissertações e livros a respeito do papel profissional de um sujeito social.

Como já mencionado anteriormente, a Teoria das Representações Sociais se propõe a conhecer a representação que se tem de algo ou de alguém, e essas são construídas nos universos consensuais de pensamento.

Considera-se que o psicopedagogo é alvo de representações sociais, à medida que esse se tornou um profissional. Os grupos sociais, especialmente profissionais da Saúde e da Educação, são mobilizados a teorizar sobre o papel desse sujeito, na tentativa de se familiarizar com o novo. Buscam, dessa forma, interpretá-la no contexto da realidade social, formular explicações, orientar e justificar suas ações a partir das explicações formuladas, e ainda, comunicar aos membros de seu grupo o sentido que atribuem ao psicopedagogo.

Essa forma de lidar com a identidade de um sujeito pode ser objeto de estudo à luz da Teoria das Representações Sociais, pois as representações deste profissional

tornam um conhecimento construído e partilhado nas interações sociais cotidianas, interferindo na realidade própria de cada grupo e de cada indivíduo.

Os estudos e pesquisas baseados na Teoria das Representações Sociais vêm se multiplicando e um grande número de pesquisadores têm se dedicado ao estudo desta teoria, tanto na busca do conhecimento de novas representações, quanto no seu desenvolvimento teórico e metodológico.

Do material bibliográfico levantado constatou-se, a existência de muitos trabalhos na abordagem das Representações Sociais, porém poucos trabalhos acadêmicos no Brasil, referentes às representações de um grupo a respeito do profissional psicopedagogo.

Um estudo elaborado por Rubinstein (LEAL, 2007) buscou fazer uma análise com os dados coletados, sobre os rumos da Psicopedagogia no Brasil, ou seja, como os profissionais mineiros concebem a construção da Psicopedagogia, um estudo também centrado nas representações sociais. A realização da pesquisa ocorreu em Maio a Junho de 2004, em Minas Gerais, onde foram selecionados 12 profissionais que atuam na área médica e educacional.

Conforme Leal (2007), os dados obtidos na pesquisa identificam que o campo de atuação da Psicopedagogia no estado de Minas Gerais é reconhecido socialmente e torna-se cada vez mais necessário às demandas das escolas e outros espaços educativos no contexto da inclusão. Por outro lado, percebe-se a necessidade de uma formação qualificada para o profissional que atua na área, tendo em vista a complexidade dos problemas de aprendizagem.

Essa pesquisa, portanto, tem como objetivo principal saber o grau da representação social que os formadores de pedagogos, de duas universidades em Goiânia, têm a respeito do psicopedagogo e seu papel. Intencionou-se, aqui, justificar a opção pela Teoria das Representações Sociais, pois esta é uma teoria que permite analisar formas subjetivas de apreensão da realidade sem desconsiderar o contexto sócio-histórico. Buscou-se justificar, também – dentre o leque de alternativas abertas pela Teoria das Representações Sociais – a opção pelos instrumentos de coleta de dados, quais sejam a “associação livre de palavras”, a entrevista semi estruturada e a análise de conteúdo como recurso para a análise e interpretação de dados. Explicitar esse procedimento e apresentar a discussão dos dados coletados são propósitos do próximo capítulo.

CAPÍTULO III

COMO OS FORMADORES DE PEDAGOGOS REPRESENTAM O PSICOPEDAGO

Em estudo realizado pelo NEPA (Núcleo de Estudo e Pesquisa em Aprendizagem), no Centro Municipal de Apoio à Inclusão em Goiânia (CMAI), criado e estruturado pela Secretaria Municipal de Educação, afirma-se que as crianças que chegam nesta instituição com dificuldades de aprendizagem escolar, encaminhadas pela Rede Municipal de Ensino (RME), depois de acompanhamento psicopedagógico, saem com muitas dificuldades sanadas e mais seguras quanto ao seu processo de aprendizagem.

Aos resultados positivos se contrapõem críticas, vindas de profissionais da educação, em relação ao trabalho do psicopedagogo. Observa-se que boa parte destas críticas se origina nos cursos de Pedagogia. Tal fato justifica a realização desta pesquisa, para compreender como essas críticas são geradas e disseminadas no interior dos cursos de Pedagogia. Por considerar que os professores desempenham papel fundamental nas idéias e valores que circulam no interior das faculdades, o objetivo desta pesquisa foi o de identificar as representações que os formadores de pedagogos têm a respeito do psicopedagogo.

Assim do ponto de vista teórico, esta pesquisa intenta contemplar as contribuições da Teoria das Representações Sociais com o objetivo de identificar tais representações. Do ponto de vista metodológico, utilizou-se da associação livre de palavras e de entrevistas semi-estruturadas, então submetidas à análise de conteúdo.

Este capítulo é uma descrição e discussão de todo o processo da pesquisa, desde a identificação dos sujeitos, do campo, da coleta de dados até ao desenvolvimento da análise e interpretação dos resultados, na busca de conhecer e compreender as representações sociais que os formadores de pedagogos têm a respeito do psicopedagogo.

3.1 Os Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa em questão tomou como sujeitos os formadores de pedagogos das duas universidades mais antigas de Goiânia e que mais formam estes profissionais. Estas serão designadas por Instituição A (IA) e Instituição B (IB). Esta escolha foi feita por se acreditar que os professores têm forte influência sobre os alunos e por serem da área da Educação, área mais próxima da Psicopedagogia. Desta forma a amostra selecionada se compõe por quatorze professores, dentre eles, sete desenvolvem seu trabalho na IA e sete trabalham na IB. Os sujeitos serão designados por P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14.

Quadro 1 - Número de sujeitos por local da pesquisa

Local de trabalho	Número de sujeitos
IA	07
IB	07
Total	14

Fonte: Dados da pesquisa

Desta amostra constituída por quatorze sujeitos, onze são do sexo feminino e três do sexo masculino. Dentre eles, sete têm de quarenta e um a cinqüenta anos e os outros sete têm cinqüenta e um ou mais. Observa-se, portanto, que a amostra total foi composta, em sua maioria, por profissionais do sexo feminino (84,6%), com idade superior a 41 anos, conforme Quadro 2.

Quadro 2 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Sexo	Feminino	11
	Masculino	03
Idade	41 a 50 anos	07
	51 ou mais	07
Total		14

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à formação profissional dos sujeitos da pesquisa, constatou-se que seis professores possuem graduação em Pedagogia, seis em Psicologia e quatro em outros cursos (História, Filosofia e Comunicação Social/Jornalismo). Nove deles possuem

Especialização e todos eles cursaram Mestrado. Dez professores possuem Mestrado em Educação ou áreas afins, dois em Psicologia, um em Filosofia Política e um em Letras e Linguística. Nove professores possuem Doutorado, seis deles em Educação ou áreas afins, dois em Psicologia e um em Linguística. Um possui Pós-doutorado em Educação.

Quadro 3 - Formação profissional dos sujeitos da pesquisa

Curso superior	Pedagogia	06
	Psicologia	06
	Outros	04
Especialização	Diversos	09
Mestrado	Educação e afins	10
	Psicologia	02
	Outros	02
Doutorado	Educação e afins	06
	Psicologia	02
	Outros	01
Pós-doutorado	Educação	01

Fonte: Dados da pesquisa

3.2 Os procedimentos metodológicos

Este estudo realiza uma pesquisa de abordagem qualitativa, envolvendo a pesquisa bibliográfica e de campo. A descrição dos dados coletados tem como finalidade explorar uma amplitude de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em questão. A escolha da forma de realização dessa pesquisa almejou um processo de reflexão onde teoria, epistemologia e metodologia possam formar um círculo contínuo e influenciar-se mutuamente.

Esta pesquisa adotou a teoria das Representações Sociais, e, para a coleta de dados, privilegiou como procedimento a associação livre de palavras e entrevistas individuais, que permitem ao investigador levantar informações sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN; BIKLEN, 1994). O roteiro da entrevista se estruturou e se validou por meio de um pré-teste com duas professoras, uma que leciona na Instituição A, e outra em uma instituição particular. A partir deste pré-teste o instrumento foi reformulado de maneira a se adequar melhor aos objetivos desta pesquisa. O Roteiro final (após submissão à validação) encontra-se no anexo 1.

O roteiro das entrevistas foi estruturado em três etapas:

1. Identificação, no qual são coletados dados que caracterizam os sujeitos.
2. Associação livre de palavras,
3. Questões abertas a serem respondidas de forma livre pelo sujeito.

A associação livre de palavras é uma técnica para descobrir como as pessoas imaginam um assunto, ou seja, qual a perspectiva que trazem e a compreensão de conceitos e idéias sobre determinado tema.

Esta é uma técnica que permite às pessoas entrevistadas, a partir dos estímulos indutores, evocarem respostas de conteúdos afetivos e cognitivos. Ela é amplamente utilizada nas investigações que buscam apreender as representações sociais, pois possibilita, simultaneamente, uma análise qualitativa de dados que foram processados quantitativamente.

Sá (1998) relata que o teste de associação livre, como técnica de coleta de dados para apreensão dos elementos constitutivos de uma representação, implica em instigar os participantes para que digam o que pensam ao serem estimulados por um termo que caracteriza o objeto da representação em estudo.

Esta pesquisa utilizou como estímulo indutor quatro palavras indutoras a partir das quais o sujeito é convidado a responder três palavras que lhe vêm à mente. Este instrumento já foi validado em pesquisas de Representações Sociais e esta técnica permite a evidência de universos semânticos⁹ de palavras inseridas em determinadas populações, ou ainda permite a atualização de elementos implícitos ou latentes que seriam escondidos ou perdidos nas produções discursivas. Considerando os objetivos desta pesquisa, quais sejam os de identificar as representações que os formadores de pedagogos têm a respeito do psicopedagogo, buscou-se analisar que papéis atribuem ao psicopedagogo, a visão quanto à área de atuação desse profissional, observar os conhecimentos que os formadores de pedagogos têm sobre a formação do psicopedagogo e como a avaliam, investigar se conhecem casos concretos de experiências e ações do psicopedagogo e identificar como avaliam sua prática. Para tanto, foram propostas as seguintes palavras indutoras: Psicopedagogo, Pedagogo, Psicólogo, Intervenção Psicopedagógica.

Para realização da entrevista, a pesquisadora utilizou um formulário escrito para registrar especialmente os dados referentes à primeira e segunda etapas da entrevista (disponíveis no anexo 2). Mas, na medida do possível, fez também um registro escrito

⁹ Significativo, origem e variações da significação vocabular.

das respostas às questões abertas gravadas em áudio¹⁰ e depois baixadas no computador para uma transcrição mais fiel e detalhada para garantir maior validação dos dados coletados. A transcrição das entrevistas está disponibilizada no anexo 3.

Depois de transcritas pela pesquisadora, foram analisadas. Sobre a vantagem dessa técnica para coleta de dados, Ludke e André indicam que

A entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm o seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e entrevistado (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 36).

A amostra foi selecionada a partir do contato com o responsável do departamento de Educação de cada instituição. Uma carta para solicitar autorização para realização de pesquisa com professores do Departamento de Educação foi entregue e assinada pela coordenação e encontram-se nos anexos 4 e 5 respectivamente.

Na Instituição A obteve-se acesso à listagem de nomes dos professores, com respectivos endereços, número de telefone e e-mail. A princípio, a partir de critérios aleatórios, os professores foram escolhidos e solicitados por meio de e-mail ou telefone e as entrevistas foram agendadas. A partir das primeiras entrevistas, os próprios sujeitos indicavam os próximos entrevistados.

Na Instituição B, a coordenadora do departamento de Educação indicou que a pesquisadora pudesse ficar no prédio do departamento e abordar os professores, perguntando se queriam contribuir com a pesquisa. Foi um trabalho mais difícil, pois alguns estavam sem tempo.

Após várias tentativas de contato com professores de ambas as universidades, algumas delas não foram realizadas. Um dos sujeitos procurados chegou a afirmar que não daria a entrevista porque não era a pessoa mais indicada por ter uma visão negativa do papel do psicopedagogo e por não conhecer a fundo sobre o assunto.

No entanto, a grande maioria dos professores que aceitou ser sujeito da pesquisa se mostrou disposta a contribuir e se mostraram cordiais ao responderem às perguntas e se colocaram dispostos a outros esclarecimentos, se porventura fosse necessário.

¹⁰ As entrevistas foram gravadas – por terem respostas extensas e por ser a técnica principal do estudo – pelo gravador do celular Cyber-shot, da Sony Ericson.

Os encontros foram individuais e os sujeitos, antes informados quanto ao objetivo da pesquisa e quanto à duração da entrevista, assinaram o termo de compromisso (anexo 6). Treze aconteceram no local de trabalho (Instituição A e B) e uma na residência do entrevistado. Cada entrevista teve a duração de, aproximadamente, quarenta minutos. Procurou-se não interromper a fala dos sujeitos da pesquisa, a não ser quando concluíam o relato de cada tópico do roteiro. Buscou-se também deixar os entrevistados à vontade para falarem livremente sobre os seus pontos de vista, para a produção de uma maior riqueza dos dados, com palavras que pudessem revelar as perspectivas dos respondentes.

A entrevista aberta (2ª etapa) esclarece e contribui para a investigação de significados, mas por concordar que muitas vezes mascara expectativas, realizou-se também a associação livre de palavras (1ª etapa).

No momento da associação livre de palavras, observou-se que alguns tiveram resistência e outros, dificuldade em dizer palavras, e proferiam frases inteiras. Já outros se sentiram bem à vontade para dizer as palavras que lhes vinham à cabeça, aderindo à proposta feita pela pesquisadora.

3.3 Associação livre de palavras

Conforme já foi abordado nem todos os sujeitos responderam com palavras às palavras indutoras. Alguns formularam frases. Neste caso, a opinião dos mesmos será levada em conta na análise e interpretação global dos dados, mas para a análise pontual da associação livre de palavras, são consideradas apenas as palavras isoladas.

As palavras e expressões citadas pelos sujeitos foram as mais variadas. Assim, para análise destes dados, buscou-se associar palavras com significados próximos ou semelhantes, na tentativa de extrair as significações mais frequentes que emergem dos sujeitos.

A seguir, são apresentados os quadros com as palavras associadas às palavras indutoras, que serão objeto de uma interpretação preliminar, que por sua vez, servirá de base para a análise posterior dos dados, que deverá agrupar tanto os dados oriundos da associação de palavras, como das entrevistas.

No anexo 7, encontra-se o quadro que apresenta em ordem alfabética as palavras escolhidas pelos sujeitos para a palavra indutora “psicopedagogo” e sua frequência de aparecimento.

Considerando que o interesse da pesquisa é o de investigar as representações sociais do papel do psicopedagogo, buscou-se dar maior significado aos resultados da associação livre de palavras, agrupando-as, por meio de leituras repetidas e de um esforço de agrupamentos de significação. Pode-se observar que a palavra indutora “psicopedagogo” pode ser agrupada em três grandes significações.

Um grupo significativo de palavras, tais como “clínica”, “psicologia”, “psicólogo”, relaciona o psicopedagogo ao campo da Psicologia. Tal idéia pode estar reforçando uma vinculação do papel do psicopedagogo a uma patologização das dificuldades de aprendizagem, uma das críticas mais recorrentes ao psicopedagogo.

Ainda a partir da palavra indutora “psicopedagogo”, observa-se um rol marcante de palavras citadas que atribuem ao psicopedagogo o papel de orientação e de intervenção, indicando a afirmação destas ações como uma identidade própria a este profissional e destacando a utilidade de seu papel. Neste caso, aparecem expressões tais como “orientação”, “orientação pedagógica”, “orientação educacional”, “acompanhamento” como exemplo de ações que ao mesmo tempo caracterizam e valorizam o papel do psicopedagogo.

No entanto, aparecem com mais frequência nesta etapa da associação de palavras, expressões como “pra quê?”, “não identidade”, “falácia”, “certo modismo”, que criticam fortemente, tanto a área de atuação, como a competência e a formação deste profissional. Posteriormente, ao integrar estes dados com aqueles provenientes das entrevistas (questões abertas), procurar-se-á a identificação das informações (ou a ausência destas) que embasam tais representações. Mas até aqui, observa-se que a maioria da amostra pesquisada coloca em questão a identidade do psicopedagogo.

Quadro 4 - Agrupamentos de significação para a palavra indutora psicopedagogo

PALAVRA INDUTORA: PSICOPEDAGOGO

GRUPO DE SIGNIFICAÇÃO QUE RELACIONAM O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO:	PALAVRAS EMITIDAS PELOS SUJEITOS
Ao campo da Psicologia	Psicologia, Clínica, Patologização

Sem papel definido	Atraso, Problema, certo modismo, Pra quê?, Falácia, não identidade, Nem Psicólogo Nem Pedagogo, pretensioso.
À orientação e intervenção	Aprendizagem, Acompanhamento, Associação, Aprendiz, Busca, Competência, Criança, Cultura, Professor, Profissional, Orientação, Escola, Família.

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se observar que para a palavra indutora psicopedagogo prevalece uma imagem negativa deste profissional. Confirma-se então uma percepção, que deu origem a esta pesquisa, de que o psicopedagogo é visto de forma negativa por alguns formadores de pedagogos.

Quanto à palavra indutora “pedagogo”, no quadro 9, anexo 8, pode-se observar que são poucas as palavras negativas, são elas “delimitação teórica” e “integralidade impossível”, ambas são ditas pelo mesmo formador (P2). A maioria valoriza o papel do pedagogo, representado pelas palavras: “didática”, “conhecimento”, “mediador”, “aprendizagem”, “pesquisador”, “compromisso”, “planejamento” e outros. Portanto, apesar da Pedagogia ser uma área de conhecimento muito mais antiga que a Psicopedagogia, percebe-se ainda que algumas palavras ditas representam um desconhecimento ou pouca elaboração do papel do pedagogo, são elas “maternagem”, “cuidar de”.

Muitas palavras, que se poderia chamar de primeiro grupo, estão muito relacionadas umas às outras, como por exemplo “mediador”, “professor”, “educador”, teórico da educação”, “formador”, “orientador pedagógico”, tais palavras relacionam-se à identidade do sujeito pedagogo, mostrando relevância à figura deste profissional. No segundo grupo, buscou-se unir palavras que também estão muito relacionadas. São elas: “conhecimento”, “humanização”, “transformação”, “formação”, “conduz”, “orientador pedagógico”, “ensino”, “aprendizagem”, “estudo”, “educação”. O segundo grupo se refere mais às funções do sujeito, evidenciando o reconhecimento do papel deste profissional.

Quadro 5 - Agrupamentos de significação para a palavra indutora PEDAGOGO

PALAVRA INDUTORA: PEDAGOGO	
GRUPO DE SIGNIFICAÇÃO	PALAVRAS EMITIDAS PELOS SUJEITOS
Identidade do pedagogo: Valorização do seu papel profissional	Didática, Conhecimento, Mediador, Escola, Aprendizagem, Docência, Formação, Metodologia, Pesquisador, Planejamento, Reflexão, Teórico da Educação, Delimitação teórica, Integralidade impossível.
Funções do pedagogo	Alfabetização, Desenvolvimento, Conduz, Cuidar de, Educação, Ensino, Estudo, Maternagem, Professor, Sala de aula.
Papel do pedagogo	Compromisso, Educador, Formador, Humanização, Mediador, Orientador pedagógico, Transformação.

Fonte: Dados da pesquisa

Embora apareçam palavras negativas, no terceiro grupo, “integralidade impossível” e “delimitação teórica”, em relação ao pedagogo, há um maior número de palavras que representam um papel mais positivo que o papel atribuído ao psicopedagogo quando no momento da apresentação da palavra indutora.

Ao buscar dividir as palavras citadas em resposta à palavra indutora “psicólogo” (Quadro 10, Anexo 9), considerou-se conveniente agrupar num primeiro grupo as palavras “formação”, “educação”, “aprendiz”, “desenvolvimento”, “instituições”, que remetem a um significado voltado para o campo da Educação.

O segundo grupo de palavras – “saúde”, “cura”, “vida”, “dedicação”, “distúrbios” – pode levar a pensar no campo da Saúde. Um terceiro e maior grupo de palavras está diretamente ligada à Psicologia, portanto, definindo a função ou papel do psicólogo e não de sua identidade. Algumas dessas palavras são: “compreender”, “ouvir”, “conversa”, “cuidar do outro”, “entender o outro”, “percepção do outro”. Um quarto grupo de palavras está mais ligado ao campo social, por exemplo, as palavras “social”, “vida”, “sociedade”, “conflito”, “relações”.

Observa-se que um grande número de palavras citadas demonstra que o papel atribuído ao psicólogo é muito amplo no que se refere à diversidade de campos. Algumas palavras representam tal observação, como “educação”, “saúde”, “mundo mental”. Uma palavra como resposta confirma tal observação, a palavra “funções variadas”.

Quadro 6 - Agrupamentos de significação para a palavra indutora PSICÓLOGO

PALAVRA INDUTORA: PSICÓLOGO	
GRUPO DE SIGNIFICAÇÃO	PALAVRAS EMITIDAS PELOS SUJEITOS
Papel voltado para o campo da educação	Aprender, Compreender, Educação, Formação, Desenvolvimento, Instituições.
Papel voltado para a área da saúde	Clínica, Cuidar do outro, Cura, Distúrbios, Intimidade, Mundo mental, Saúde, Subjetividade, Terapia, Vida.
Papel relacionado a uma diversidade de campos de atuação	Funções variadas, Atuação, Conflitos, Conversa, Cumplicidade, Dedicção, Desenvolvimento, Entender o outro, Entendimento, Percepção do outro, Relações, Social, Sociedade, Modismo.

Fonte: Dados da pesquisa

Somente uma palavra negativa está associada à palavra indutora “psicólogo”, que é “modismo”. Na existência de somente uma palavra, percebe-se, então, uma representação de um papel mais positivo do que aquele atribuído ao psicopedagogo.

Ainda relacionado ao papel do psicopedagogo, mas agora com a palavra indutora “intervenção psicopedagógica” (Quadro 11, Anexo 9), observou-se um grupo de palavras negativas como “limitada”, “descontextualizada”, “distoante”, “sem resultado” e outras. Outro grupo de palavras relacionadas ao campo da Pedagogia e outro grupo de palavras relacionadas ao campo da Psicologia. Algumas palavras que atribuem um papel negativo ao psicopedagogo estão ligadas ao campo da Psicologia, ex. “patologização”.

Quadro 7 - Agrupamentos de significação para a palavra indutora INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

PALAVRA INDUTORA: INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA	
GRUPO DE SIGNIFICAÇÃO	PALAVRAS EMITIDAS PELOS SUJEITOS
“Negativa”	Contraditório, Descontextualizada, Distoante, Divergente, Limitada, Modismo, O que é?, Outras invenções, Patologização, Política, Professor, Questionável, Sem resultado.
	Adaptação, Aprendizagem, Cognitivo, Construção de conhecimento, Contribuição,

“Positiva”	Cuidado, Desenvolvimento, Diagnóstico, Encaminhamento, Equilíbrio, Escolar, Escuta clínica, Estudo, Formação, Função, Metodologia, Mudança, Permanência, Prognóstico, Vínculo.
------------	--

Fonte: Dados da pesquisa

Essas primeiras análises ainda não permitem uma completa identificação das representações pesquisadas, pois se trata apenas de uma primeira etapa, a seguir analisar-se-ão as entrevistas abertas, que também compõem este estudo.

Porém, já indicam alguns componentes que formam o campo representacional dos sujeitos envolvidos. A continuidade do trabalho ora apresentado poderá fornecer elementos para que se entenda quais são os processos discursivos amplos sobre o papel do psicopedagogo, que estão presentes na opinião desses sujeitos e também para se compreender como e porque se utilizam e disseminam tais discursos na formação das suas condutas pedagógicas.

3.4 As Entrevistas

Conforme já foi dito, após a aplicação, as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. O corpus textual das entrevistas foi submetido à análise de conteúdo, um procedimento bastante utilizado em pesquisas que seguem a linha da teoria das Representações Sociais. O ponto de partida desta análise são as respostas gravadas e transcritas, significados e sentidos. A análise de conteúdo foi também utilizada por estar baseada em pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem aqui, no mesmo sentido que explicita Franco:

[...] uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação (FRANCO, 2005, p. 14).

Ao se referir a este processo como uma concepção dinâmica da linguagem, implica dizer, ainda em concordância com Franco (2005), que toda análise de conteúdo implica comparações contextuais, mesmo podendo ser multivariados esses tipos de comparações. O que se procurou fazer neste trabalho foi direcionar a análise a partir da sensibilidade, da intencionalidade e dos conhecimentos teóricos.

A metodologia da análise de conteúdo possui um discurso elaborado sobre qualidade, sendo suas preocupações-chave a fidedignidade e a validade, e Bauer (2002) acrescenta a coerência e transparência como dois critérios a mais para a avaliação de uma boa prática na análise de conteúdo.

Como ponto de partida, os temas referentes às questões propostas, conforme já exposto, baseados nos objetivos desta pesquisa, são: 1) Os papéis atribuídos ao psicopedagogo; 2) a área de atuação do psicopedagogo; 3) avaliação da formação do psicopedagogo; 4) avaliação da prática do psicopedagogo.

Assim, intenciona-se trazer, para o interior das reflexões desse estudo, elementos empíricos que dialoguem com os elementos teóricos norteadores da pesquisa, ao conferir maior propriedade à análise empreendida e às conclusões delas inferidas. Esse diálogo, entre dados empíricos e os pressupostos teóricos, elucidada, amplia, esclarece, redefine os saberes, trazendo luz à própria dinâmica de produção de conhecimento e esclarecimento de uma área, que busca facilitar essa produção de conhecimento sem restrições.

3.4.1 Os papéis atribuídos ao psicopedagogo

A primeira questão está relacionada aos papéis atribuídos ao psicopedagogo. Quanto aos papéis atribuídos ao psicopedagogo pelos professores entrevistados, observa-se que há dois grandes grupos.

Um pequeno grupo de respostas, (quatro sujeitos), apresenta uma visão mais negativa do papel do psicopedagogo. Um grupo maior (dez sujeitos) expressa um conhecimento do papel do psicopedagogo, identificando este profissional como aquele que ajuda no processo de aprendizagem do aluno e na orientação pedagógica da escola, como pode-se verificar nesta resposta do P1:

“Eu atribuo o papel do profissional que contribui com seu olhar e escuta clínica na intervenção individual ou grupal, ou seja, uma equipe interdisciplinar, para a compreensão das dificuldades de aprendizagem”¹¹.

¹¹ As transcrições das falas dos sujeitos da pesquisa aparecerão destacadas no texto, entre aspas e em itálico.

Destes dez sujeitos entrevistados, um (P10) menciona que o psicopedagogo tem vários papéis:

“São vários papéis. [...] Então no diagnóstico o papel do psicopedagogo clínico é de um observador, de um detetive, de uma pessoa que vai tentar pegar as informações e articular essas informações adequadamente. Já na intervenção clínica né, esse papel muda um pouco, porque além dele continuar sendo um observador né, ele continuar utilizando o recurso, ele vai ter que agora acompanhar muito de perto, bem ao lado, mais um pouquinho na frente [...], conduzir o processo, oferecer situações de modo que o seu cliente possa caminhar, possa dar um passo à frente né.”

O sujeito P2 da entrevista diz que é

“um papel clínico, clínico aí, é de sentido bem extensivo, não é clínico só de dentro da..., pode tá na escola entendeu? [...] trabalhando com a Instituição, [...] não penso junto não. [...] eu penso muito individual mesmo, [...] extensivo é porque o seguinte não precisa ser lá no consultório entende, é um papel clínico, [...] vamos dizer assim para além da atividade do professor.”

Ao observar as respostas quanto ao papel atribuído ao psicopedagogo, verifica-se que nove entrevistados atribuem ao psicopedagogo um papel positivo, quatro deles lhe atribuem um papel negativo e um (P4) atribui um papel positivo, porém, que não é realizado por todos os psicopedagogos.

“eu acho que o psicopedagogo ele deveria cuidar da relação ensino e aprendizagem na escola, mas eu acho que linhas teóricas diferentes cuidam disso de maneira diferente, o papel dele é também fazer a relação entre a escola e o professor né, o aluno e a aprendizagem.”

No entanto, quando se observam os dados provenientes da associação de palavras, verifica-se um resultado diferente. Se nas respostas das entrevistas prevalecem uma visão mais positiva do papel atribuído ao psicopedagogo, na associação de palavras, prevalece uma visão mais negativa.

Observa-se assim uma polaridade: por um lado, há aqueles que atribuem ao psicopedagogo um papel positivo, no sentido de orientação e intervenção junto aos alunos. Por outro, uma visão negativa porque não reconhece uma atribuição definida a este profissional. Assim diz P12:

“eu não atribuo nenhum papel porque ele, quem tem que atribuir é ele né, eu não vejo ele como uma identidade profissional, acho que se juntou duas coisas, que ele nem é bem psicólogo, nem é bem pedagogo, então não sei direito o papel dele.”

Ao se indagar sobre as razões explicativas dessa polarização entre os resultados das questões da entrevista e aquele da associação de palavras, levanta-se a hipótese que a associação de palavras pode revelar de forma mais direta a percepção dos sujeitos. Provavelmente porque, conforme nos indicam os autores que abordam a Teoria das Representações Sociais, a técnica da associação de palavras é um instrumento privilegiado para acessar os conteúdos latentes ou não revelados, por um discurso mais racional, como aquele explicitado nas respostas completas das entrevistas.

Assim, verifica-se que a visão predominante junto aos sujeitos desta pesquisa é que falta uma definição das atribuições a serem desempenhadas pelo psicopedagogo. Considerando a noção de campo e de estratégias propostas por Bourdieu (1984, 1990) pode-se levantar a hipótese que a representação do papel do psicopedagogo como algo indefinido fragiliza este campo, configurando uma imagem negativa deste profissional.

3.4.2 A área de atuação do psicopedagogo

Quanto à área de atuação do psicopedagogo, houve respostas que podem ser classificadas em quatro grupos. Um grupo de seis pessoas respondeu que a área de atuação do psicopedagogo está ligada à Educação.

Um outro grupo de três pessoas acredita que está ligada à Psicologia. Dentre esses três, o entrevistado P11 faz uma crítica de que é uma formação, que dá ênfase às questões psicológicas:

“É, é..., eu acho que ele atua aí numa área que tenta juntar algo que eu acho que não é possível você poder dialogar, a Psicologia dialoga com a Pedagogia né, agora parte Psicologia e parte Pedagogia e essa é a impressão que eu tenho e não é uma impressão muito de fora não, eu já, eu já li muito sobre a Psicopedagogia e acho que é uma formação muito psychologizante, há uma ênfase nas questões psicológicas né, então a criança não aprende porque não tá motivada ou família não tá atenta, ah..., pelo menos é no caminho de uma crítica que eu faço da minha própria graduação que é em Psicologia né, eu acho que acaba tendo uma atuação, que ele atua, ele atua, eu não posso negar que ele atua né, que ele existe enquanto, agora eu não, não vejo muito sentido dessa, dessa atuação, dessa formação, dessa especialização né?”

Do terceiro grupo, emergiram opiniões de duas pessoas que o psicopedagogo não tem uma área de atuação, pois cabe a esse papel, o psicólogo escolar.

O quarto grupo, de três pessoas acredita que o psicopedagogo atua em mais de uma área, clínica, escolar ou interdisciplinar. Essa última palavra merece uma explicação mais detalhada conforme entrevistado P10:

“a Psicopedagogia ela é área meio, ela é área intermediária. Então, na sociedade moderna, [...] com toda tecnologia que nós estamos vivendo, com o avanço em todas as áreas você vai identificar inúmeras áreas meio, áreas que surgiram na intersecção ou no vazio entre duas áreas, então o psicopedagogo ele não tem que ficar na Psicologia e nem na Psicopedagogia porque ele agora é uma pessoa que vai trabalhar nas interfaces da Psicologia, da Pedagogia e também das outras áreas, então nós buscamos outros, outros conhecimentos além da Psicologia e da Pedagogia, então quem pensa que a Psicopedagogia é só Psicologia e Pedagogia precisaria rever o que tá falando né, porque a Psicopedagogia é uma área do conhecimento interdisciplinar, não dá gente, não funciona só com a Psicologia e com a Pedagogia, nós precisamos de ajuda da Neurologia, da Psicolinguística, da Sociologia não é, das várias áreas da Psicologia e da Pedagogia. Então não tem isso de que nós estamos sem identidade, nós estamos construindo nosso trabalho porque é uma área nova, é uma área que surgiu, quer dizer ela tem um pouco mais de 30 anos no Brasil né, então o papel do psicopedagogo é muito novo, então nós estamos construindo e toda área em construção ela precisa sim ter flexibilidade, então isso eu não vejo como que, a pessoa dizer que a

gente tem flexibilidade é ótimo porque você não tem rigidez de papel pronto, porque que é que a educação tem tantas dificuldades, porque o professor já entra na sala com o papel pronto, eu tenho que ser assim e acabou, então a Psicopedagogia mostra pra nós a importância da flexibilidade.”

Observa-se ainda, a percepção de uma certa disputa entre os campos de atuação profissional. Alguns sujeitos revelam a relação de forças entre psicopedagogos, psicólogos e pedagogos, como no caso de P14:

“[...]Voltando a pergunta do, de como é que eu vejo a formação do psicopedagogo que é a pergunta anterior que você fez não é, é eu tenho uma crítica à Psicopedagogia não é, que é assim, a Psicopedagogia foi criada não é, pra ampliar o mercado de trabalho do psicólogo, e ao mesmo tempo para abrir uma, uma, um campo de trabalho pro pedagogo, resumindo a Psicopedagogia foi uma invenção, é no campo das profissões não é, pra por um lado pra ampliar o mercado de trabalho do psicólogo então ele, ele quer, agregar a Pedagogia à Psicologia, por outro lado pra, numa busca do pedagogo de mais status porque se ele agregar a Psicologia à Pedagogia ele ganha mais status, porque a Psicologia tem mais status social do que o pedagogo do que a Pedagogia, ok. É..., é e mais uma coisa na formação do psicopedagogo ou no curso de Psicopedagogia é que este curso seria desnecessário né, ele seria supérfluo se a formação do pedagogo fosse uma formação adequada consistente e que, e que tivesse um forte conteúdo da Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, coisa que não ocorre, é ok, acho que, essa é a minha opinião.”

Segue abaixo a fala do entrevistado P10, demonstrando sua visão de que a Psicopedagogia busca conhecimentos não apenas na Psicologia e Pedagogia, como também em outras áreas do conhecimento.

“Na realidade é..., quando a gente observa a dinâmica da sociedade nós vamos percebendo que quanto mais a sociedade vai ficando é..., complexa,[...] mais nós precisamos de áreas pra atender aquilo que não é específico nem de um, nem de outro né, então, por exemplo, até a década de 60 mais ou menos, a Psicologia e a Pedagogia andavam muito juntas e tanto que quem aplicava os testes de orientação vocacional era

o pedagogo, o pedagogo fazia toda uma formação na área da Psicologia e aplicava até testes, testes de personalidades, testes de orientação vocacional era ele que aplicava, já no final da década de 60 houve uma separação, a Psicologia foi pegando o seu caminho, a sua estrada e a Pedagogia outra estrada, a Psicologia ela se voltou mais para o estudo da conduta, das questões relacionadas ao social mais sempre focando a conduta do sujeito né, enquanto a Pedagogia a área, não é o curso, a área pedagógica ela se direcionou toda para o ensino, até porque o eixo do paradigma dessa educação de gente está concentrada no ensino, então a Pedagogia voltou todo o seu interesse para o ensino, então é tanto que o pedagogo fazia vários semestres de Didática, de Metodologia específica, várias práticas de ensino, então ele estudava bastante aquilo relacionado ao ensino, então a aprendizagem ela ficou sem foco né, então como ela ficou sem foco, isso aconteceu não foi só no Brasil que a Psicopedagogia quando ela surge [...]lá na França em mil novecentos e cinqüenta e poucos, ela surge, porque existia um grupo de crianças que apesar de ter um potencial de inteligência normal de não ter graves problemas de emoção, emocionais, eles não aprendiam, eles estavam com dificuldades de aprendizagem, então quem que..., psicólogos, pedagogos, sociólogos, médicos, começaram a se interessar. O quê que tá acontecendo com esse grupo?, que apesar deles terem todas as condições, eles não conseguem aprender, então se uniram e foram discutir o quê que seria possível, então usando as contribuições da Psicanálise, da Neurologia, que estava se estruturando cada vez mais, usando as contribuições da Pedagogia né, dos autores como: Montessori, Necrovia, esse pessoal todo, autores que trouxeram contribuições específicas da prática pedagógica, então usando isso foi possível ajudar essas pessoas a aprender, dali surgiu o termo não é, que de início era chamado é..., era um atendimento denominado de Pedagogia Curativa não é, pra depois passar pra Pedagogia é..., terapêutica e chegar a Psicopedagogia, então Psicopedagogia não nasceu sobre o estigma da falta, do erro, né eu acho que é muito reducionista você vê o surgimento de uma área de conhecimento sobre o estigma do erro, da falta, não! A nova área surge porque aparecem as necessidades específicas da sociedade.” (P10)

Ainda no que diz respeito a este campo de forças entre PP, psicólogos e pedagogos, um dos sujeitos pesquisados faz referência às deficiências presentes nos processos de formação destes profissionais. Uma das entrevistas foi realizada com uma

professora com formação em Psicologia e Pedagogia, a qual é chamada aqui de P9, cuja declaração foi:

“...tanto o sujeito pode ser do curso de Pedagogia como de Psicologia, e no meu ponto de vista é algo extremamente particular sabe, [...] que não, não atrapalharia, ou não pegaria o trabalho do psicólogo e nem do pedagogo sabe, seria uma especialização, um estudo mais aprofundado de uma área pedagógica com todo enfoque psicológico, pra aquele sujeito que apresenta algum transtorno ou alguma dificuldade escolar. Então tanto poderia ser pedagogo como psicólogo, contanto que estudasse bastante essas áreas, é sério, é um trabalho muito sério no meu ponto de vista. [...] Se o sujeito né, ele é sério, ele se envolve realmente em processo, se ele está mesmo imbuído de aprendizagem, eu tô dizendo o psicopedagogo, é algo que eu percebo que pode alcançar um sucesso realmente. “E não vejo por exemplo, que o psicólogo só em si, ele teria condição de desenvolver um trabalho desse, nem também um pedagogo só em si, eu também tenho uma, uma certa complicação que eu acho que o curso de Pedagogia é muito curto três anos e meio, então assim ele dá muito pouca condições pra você fazer um trabalho realmente bom, é..., que leve a modificações mesmo no sujeito.”

Em síntese, quanto à área de atuação, observa-se que os sujeitos entrevistados expressam quatro tipos de opinião: 1) aqueles que consideram que a atuação do psicopedagogo deve ser a escola; 2) aqueles que consideram que a atuação do psicopedagogo está ligada à Psicologia; 3) aqueles que acham que o psicopedagogo não deve atuar em área alguma; 4) e um último grupo que considera que o psicopedagogo atua em várias áreas.

Os sujeitos pesquisados se exprimem assim, em acordo com a própria trajetória de constituição do campo da Psicopedagogia: oriunda da pedagogia curativa, a Psicopedagogia recorre a constructos teóricos da Psicologia e da Educação, para superar a sua associação a uma visão patológica do aluno, em busca de definição de seu próprio quadro teórico.

3.4.3 A formação do psicopedagogo

A terceira questão está relacionada à formação do psicopedagogo e foram observadas diferentes respostas. Um grupo de pessoas (P4, P11, P12, P14) relata que não conhece a formação de Psicopedagogia, por isso não pode falar. O entrevistado P12 diz:

“Não conheço muito bem, é..., sei de pessoas que fazem cursos de especialização em Psicopedagogia, e que são pedagogos que fazem no geral, mas eu não conheço muito bem o quê que é essa formação.”

Percebe-se que esse entrevistado revela que não conhece a formação atual do psicopedagogo.

Um outro grupo de quatro professores revela que a formação está mais focada no viés psicológico e na perspectiva patologizante, conforme depoimentos a seguir:

“Eu avalio como, como provavelmente focada no viés psicológico, ok, provavelmente focada no viés psicológico, [...] demasiadamente psicologista [...] viés demasiadamente psicológico, é descuidando de aspectos é..., socioculturais, de aspectos socioculturais, institucionais, é isso que eu acho.” (P14)

“[...] Fica parecendo um meso psicólogo e um meso pedagogo né, daquilo que eu conheço, não conheço tudo e nem muito, vamos dizer que eu conhecia mais quando esse movimento ganha força.” (P11)

“Em formações muito fracas né, muito patologizada, patologizantes né? Muitas vezes eu acho que antes de pensar no que a criança pode fazer, algumas formações pensam no que ela não pode fazer, e daí acabam rotulando a criança, principalmente eu acho que isso acontece pelo menos na minha experiência. Quando os psicopedagogos são muito clínicos assim, quando eles não fazem uma intervenção junto com o professor e junto com a escola eu não acho que eles têm que atuar com pais, acho que isso é uma função do psicólogo, mas acho que não dá pra tratar uma criança

sem saber como é a escola o quê o professor pensa né, como ela se comporta lá. Por que uma coisa é a criança se comportar com um profissional e outra coisa é como ela se comporta numa turma com determinado professor, entendeu.” (P4)

“Do psicopedagogo? Eu acho que a formação do psicopedagogo ela é frágil e me parece equivocada porque ela lida muitas vezes com o educativo, é..., como uma intervenção clínica.” (P13)

“Eu acho que ela é contraditória, eu acho que ela é incompleta, entendeu? É uma formação incompleta, a tentativa de diálogo entre duas áreas sem aprofundar as duas áreas, a tentativa de diálogo das duas áreas sem aprofundamento.” (P7)

“Avalio, bom, eu só posso avaliar a formação do psicopedagogo no conhecimento dos cursos de especialização, porque não tem curso de graduação em Psicopedagogia, aqui não tem, né?” (P14)

Dois professores avaliam como necessidade de ser um curso de graduação ou mais longo. De acordo com P8, a formação é

“Regular por que acredito que é um curso que deve abarcar um conteúdo muito amplo, mas é ministrado em tempo recorde.” (P8)

“Olha, eu, pra mim é um curso de especialização né, ele é um curso de especialização e tanto o sujeito pode ser do curso de Pedagogia como de Psicologia, e no meu ponto de vista é algo extremamente particular sabe, que nem tem haver é, é assim, que não, não atrapalharia, ou não pegaria o trabalho do psicólogo e nem do pedagogo sabe, seria uma especialização, um estudo mais aprofundado de uma área pedagógica com todo enfoque psicológico, pra aquele sujeito que apresenta algum transtorno ou alguma dificuldade escolar. Então tanto poderia ser pedagogo como psicólogo, contanto que estudasse bastante essas áreas, é sério, é um trabalho muito sério no meu ponto de vista.” (P9)

“No Brasil a formação do psicopedagogo acontece em cursos de especialização, salvo alguns cursos de graduação que surgido nos últimos anos e certamente esta condição tem influenciado na construção da identidade do psicopedagogo brasileiro. Penso que, como Alicia Fernandez, que a formação se dá não somente com o curso, mas também com a supervisão e o tratamento psicopedagógico didático.” (P1)

Um grupo de professores (P1, P2 e P10) considera que é uma formação importante e, assim como todas as outras formações, deve se continuar buscando conhecimentos específicos da área, sempre. O entrevistado P2 disse:

“Eu acho que essa formação pra falar de maneira simples, essa formação se dá é..., com estudos, estudos é..., em grupos constituídos [...] em trocas de experiências clínicas.

O entrevistado P1 disse:

“...a formação não se dá somente com o curso, mas também com a supervisão e o tratamento psicopedagógico didático.”

O entrevistado P10 também acredita que a formação em Psicopedagogia está em crise, pois diz que

“a formação do psicopedagogo ela atualmente está passando por algumas crises, porque com a, a vulgarização do termo Psicopedagogia é um termo que chama a atenção, então ela está sendo colocada em todo tipo de, de arranjos, então por exemplo: nós vamos falar da nossa situação de Goiânia, Goiânia hoje deve estar com mais de 10 ou 12 agências de formação, ou cursos de Psicopedagogia não é. A maioria desses cursos são um arranjo de disciplina onde o coordenador não entende de Psicopedagogia, ele faz um arranjo de disciplinas que não tem, a maioria deles terminam os cursos, terminam sem ter visto um autor que traz a contribuição psicopedagógica, então não é possível você terminar um curso de Psicopedagogia sem, sem ler Sara Pain, Alicia Fernandez, sem entender Jorge Visca, Pixon Riviere, Laura

Monte Serrat. Então a maioria dos cursos, infelizmente, eles pegam algumas disciplinas da Psicologia algumas disciplinas da Educação, e jogam isso como se fosse formação em Psicopedagogia, a maioria não tem estágio supervisionado não é, e não tem uma produção dentro da área.”

Enfim, no que diz respeito à formação do psicopedagogo, os sujeitos da pesquisa também não possuem uma percepção consensual, sendo que os diferentes grupos estão equilibrados em termos de número (número equivalente de sujeitos para cada uma das posições identificadas). Enquanto alguns identificam um viés “psicológico” na formação do Psicopedagogo, outros reconhecem que a formação do Psicopedagogo encontra-se em processo de constituição, revelando a crise própria da busca de identidade.

3.4.4 O resultado da prática psicopedagógica

Por fim a quarta e última questão diz respeito ao resultado da prática do psicopedagogo. Quanto à avaliação dos resultados da prática do psicopedagogo na visão dos professores entrevistados, observa-se que há três grupos. Um grupo (P6, P7 e P12) que demonstra que o resultado da prática psicopedagógica é insignificante. O entrevistado P7 disse que

“ele distorce a complexidade dos problemas educacionais, reduzindo o que é de dimensão cultural, política e social, à apenas ao aspecto cognitivo.”

Um segundo e grande grupo de entrevistados (P3, P6, P7, P11, P12, P13 e P14) revela não ter conhecimento de casos ou resultados da prática psicopedagógica:

“Não sei dizer, não sei por que eu não tenho nenhuma referência de um, de acompanhar na minha experiência profissional. Eu já, eu fui diretor de escola 12 anos em São Paulo e aqui em Goiânia, e eu nunca trabalhei na minha equipe, nunca teve na minha equipe um psicopedagogo.” (P14)

Ao ser perguntado se conhece algum caso concreto da prática do psicopedagogo o entrevistado P7 responde da seguinte forma:

“Enquanto profissional, enquanto psicólogo, enquanto professor, na rede né, que atuava em rede e que atua, a gente acompanhou foi isso tudo, toda educação, ela passa a ser psicologizada, tudo passa ser visto a partir de um aspecto psicologizante, mesmo que o profissional não é de fato um psicólogo. Quer dizer, não tem um domínio efetivo dessa área, então acaba, o aspecto da educação, relacionado ao capital cultural, ao capital social, as relações econômicas, que determinado sujeito estabelece, então tudo acaba sendo reduzido a esta estratégia do indivíduo, quer dizer do cognitivo, da subjetividade do aspecto muito individual, isso eu acompanhei em alguns casos né, quer dizer, de alunos, de professores que tinham outros problemas né, pra além da questão cognitiva ou comportamento, ou déficit de atenção seja lá o que for, era questão social e essa questão social normalmente ela não é trabalhada né, quer dizer, ignora essa origem social do sujeito, a cultura que ele traz.” (P7)

Um entrevistado afirma conhecer, mas não atribui uma dimensão positiva a tais resultados:

“Conheço, conheço. Também psicologizam, individualizam, aí o problema da aprendizagem, eu acho que há um retorno em localizar no sujeito, na família do sujeito, ah..., eu acho, acho né, na minha leitura, ah..., se perde a assertividade da discussão deste processo de aprendizagem considerando contexto, social, cultural, isso pra mim é fundamental pra, pra pensar, o processo de aprendizagem né, então acho que perde né muito essa coisa, a escola faz muito isso né, tem muito psicopedagogo formado em Pedagogia que tem a salinha do psicopedagogo aí o menino é indisciplinado, ele é encaminhado ele tem problema de aprendizagem ele é encaminhado. Eu acho que se perde o foco de uma leitura mais ampla desses processos.” (P11)

Essa última é uma fala oposta à fala seguinte:

“[...] desde 1995 que eu tenho trabalhado com atendimento psicopedagógico clínico, com crianças e adolescentes, individual ou em grupo, eu tenho trabalhado com

atendimento às instituições [...] e eu tenho avaliado isso de uma forma muito positiva. Os resultados que a gente consegue perceber é..., vamos falar do atendimento clínico, por exemplo: eu visito uma escola cinco, seis, sete, oito vezes no ano, pra conversar com o professor sobre o aprender e as dificuldades de aprendizagem daquela pessoa específica, o professor ele consegue aproveitar bem isso porque a gente vai falar do aspecto teórico, o quê que é que está emperrando, o quê que é que está paralisando, como é que ele pode trabalhar a metodologia que pode alcançar aquele estilo de aprendizagem do sujeito, por exemplo: uma criança que é basicamente impulsiva, não adianta ficar escrevendo no caderno dele “Tenha mais atenção!”, “Volte, leia de novo.”, isso não resolve quando a gente está conversando com o professor sobre o estilo cognitivo e mostra pra ele que, olha, pra gente trabalhar o estilo cognitivo nós temos que usar experiências, situações de vida, práticas, práticas educativas onde o sujeito possa ter que retornar ao ponto de partida, tem que pensar sobre o quê ele fez, tem que descrever o processo, a impulsividade vai diminuir, nós vamos estabelecendo um outro estilo, então ao discutir com o professor esses aspectos, ao ler junto com ele ao explicar o quê que acontece, ele amplia o conhecimento, então ele vai atuar na sua sala com muito mais recurso, não é, que não é só pra aquela pessoa que eu estou cuidando, mas vai valer para outros alunos, então o professor fica mais atento, mais observador, mais sensível, desenvolve mais a sua capacidade de escuta e de escrita[...] Então eu tenho avaliado de uma forma muito positiva, do mesmo modo a intervenção na instituição, por algumas instituições que eu já passei, as experiências que eu tive foram muito positivas, assim do crescimento do grupo na percepção do aluno, na percepção do processo, na disponibilidade pra mudanças.” (P10)

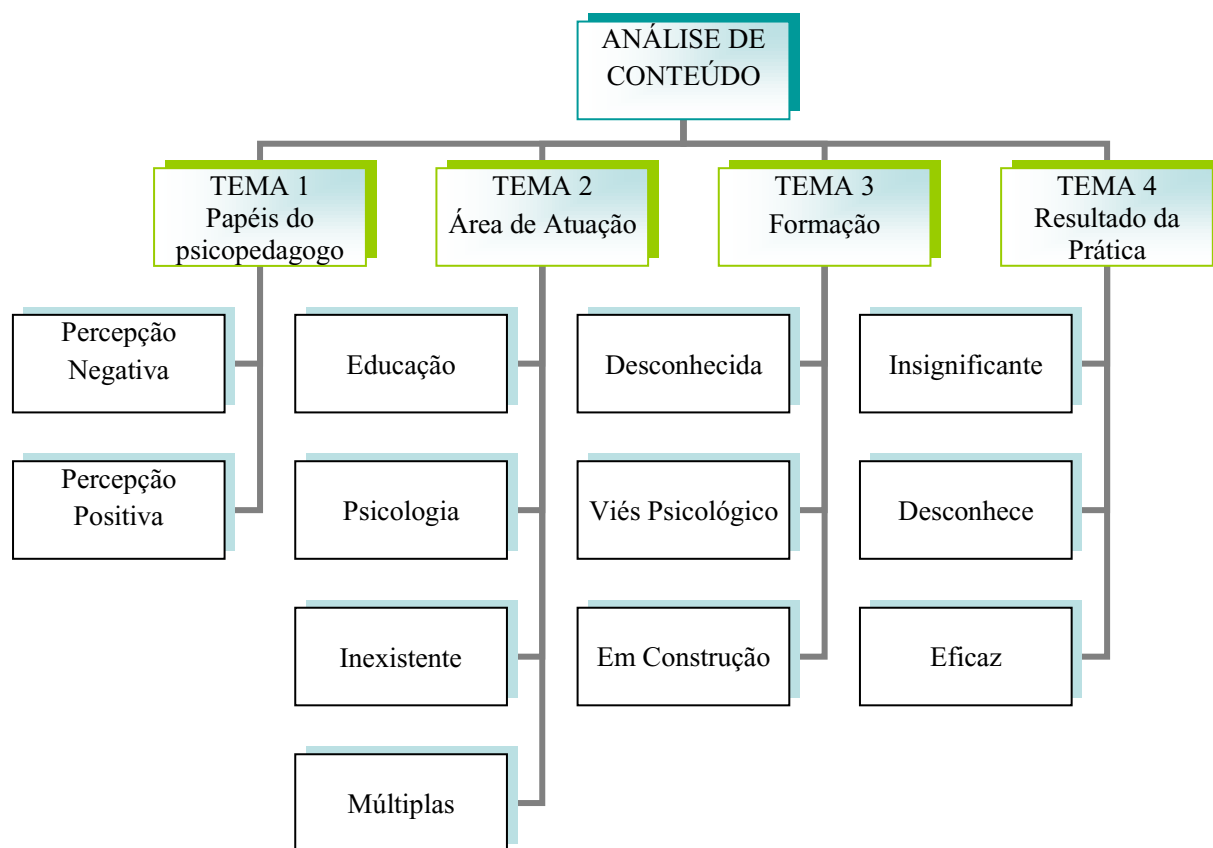
O terceiro grupo de seis sujeitos (P1, P2, P4, P8, P9, P10) relata que tem conhecimento do trabalho do psicopedagogo e o considera eficaz. O entrevistado P10 relata sua experiência para justificar sua opinião quanto ao resultado da prática do psicopedagogo:

“...desde 1995 que eu tenho trabalhado com atendimento psicopedagógico clínico, à crianças e adolescentes, individual ou em grupo, eu tenho trabalhado com atendimento à instituições [...] e eu tenho avaliado isso de uma forma muito positiva.”

Em relação aos resultados da prática do psicopedagogo, observa-se então um grupo menor de sujeitos que a avalia como ineficaz. Um grupo significativo de sujeitos admite o desconhecimento desse aspecto, enquanto um outro grande grupo atribui eficácia ao papel desempenhado por esse profissional.

A seguir, um quadro com a síntese da análise realizada até este momento:

Quadro 8 - Síntese da Análise de Conteúdo



Fonte: Dados da pesquisa

3.5 Discussão dos resultados

Uma das críticas mais evidentes ao psicopedagogo, confirmada pelo presente estudo, é o chamado “viés psicológico” que descaracterizaria a necessidade de um outro profissional, que não o psicólogo para desempenhar as funções do psicopedagogo.

Quanto a esse aspecto, indica-se que a Psicopedagogia se preocupa com o sujeito e seu processo de aprendizagem. De acordo com Bossa (1994), é neste movimento que surge a Psicopedagogia, para encontrar alternativas para as dificuldades de aprendizagem.

Considera-se impossível falar do processo de aprendizagem do sujeito sem considerar seus aspectos emocionais ou psicológicos. Por isso a Psicopedagogia busca na Psicologia conhecimentos para melhor compreensão desse sujeito que aprende. Isto não significa que a Psicologia seja o objeto ou a referência central da Psicopedagogia.

Bossa (1994) ressalta o caráter interdisciplinar da Psicopedagogia no sentido de que, enquanto área de estudos, busca conhecimentos em outros campos, criando seu próprio objeto.

Considera-se a aprendizagem como fator dependente de uma visão onilateral do sujeito, ou seja, fatores socioculturais, emocionais, pedagógicos, orgânicos estão incutidos no processo de aprendizagem do sujeito. A Psicopedagogia tem como objeto de estudo o sujeito aprendendo e as diversas complexidades dos processos de aprendizagem, focando a prevenção, o diagnóstico e os possíveis tratamentos, quando aparecem as chamadas dificuldades de aprendizagem. Daí a necessidade de se buscar conhecimento em outras áreas.

De acordo com o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia – ABPp, a Psicopedagogia é um campo de atuação em educação e saúde que lida com o processo de aprendizagem humana e considera a influência da família, da escola e da sociedade.

Segundo Fernandez (2001) a maioria das crianças e adolescentes ou até mesmo adultos que procuram a clínica psicopedagógica apresenta dificuldades para reconhecerem-se autores de sua produção, seja ela um texto escrito, desenho ou qualquer outra atividade. Na prática clínica psicopedagógica é preciso encontrar intervenções dirigidas a devolver ao sujeito algo de reconhecimento de sua autoria. A autora define autoria como “o processo e o ato de produção de sentidos e de

reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção.” (FERNANDEZ, 2001, p. 90).

De acordo com Weiss (1994), o profissional especializado em Psicopedagogia Institucional funciona como um assessor psicopedagógico, pois pode fazer um levantamento para compreender e analisar as práticas escolares em suas relações com a aprendizagem. Junto com os demais profissionais da escola pode promover a construção de novas práticas produtoras de melhor aprendizagem e processar uma troca de saberes e ações que promovam transformações na escola e nos próprios profissionais. Este profissional pode também realizar um trabalho de apoio pedagógico ou mesmo clínico, no espaço da escola e por indicação da equipe escolar, assim também como um trabalho de prevenção de fracassos na escola.

Souza Neto (2002) se refere ao sujeito como aquele que está vinculado ao cotidiano, suas relações sociais, seus desejos e vontades. O autor faz referência aos aspectos subjetivos característicos do ser humano.

Nesse sentido, o sujeito não é aquele que se produz a partir de uma criação voluntária, livre de influências externas, ou que é comandado por um movimento externo, mas aquele que interage no cotidiano. A autonomia do sujeito e sua interdependência lhe permitem encontrar e traçar caminhos de emancipação. O que se defende é a existência de um espaço de manobra entre o mundo e o sujeito, no qual ele manifeste seus desejos, suas pulsões e faz previsões e escolhas racionais. As ações do sujeito são encaminhadas dentro desse movimento que joga o indivíduo para o encontro do outro e que lhe propicia condições de autodescoberta (SOUZA NETO, 2002, p. 77).

Souza Neto (2002) afirma, portanto, a necessidade que o sujeito tem de desenvolver sua autonomia, independência, manifestar seus desejos e fortalecer relações vinculares. Esta colocação nos remete a Bourdieu (1984, 1990) que vai destacar a autonomia como característica definidora de um campo. Como já foi dito, a Psicopedagogia é uma área de estudo relativamente nova que ainda está construindo seu corpo teórico. Nesse sentido, Bossa (1994) afirma que a Psicopedagogia é uma área de aplicação que antecede o status de área de estudos, a qual tem procurado sistematizar um corpo teórico próprio, definir seu objeto de estudo, delimitar seu campo de atuação, e para isso recorre à Psicologia, Psicanálise, Linguística, Fonoaudiologia, Medicina, Pedagogia. A autora faz referência a Kiguel para demonstrar a complexidade do termo Psicopedagogia.

O objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo da aprendizagem humana, seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como a influência do meio (família, escola e sociedade) no seu desenvolvimento (KIGUEL apud BOSSA,1994).

Quanto à imagem do psicopedagogo como um profissional que atua sob um viés psicologizante, enfatizando o aspecto individual da aprendizagem, é importante considerar que a Psicopedagogia tem adotado de forma predominante, a perspectiva historicocultural, vygotskyana. Por isso, considera que seu processo de aprendizagem está relacionado a fatores históricos, culturais e sociais. O objetivo da Psicopedagogia é estudar o ser humano em toda sua dimensão. É um olhar diferenciado para o ser na sua pluridimensionalidade, ou seja, no aspecto cognitivo, afetivo, cultural, seu organismo e suas relações sociais.

Pain (1985) afirma que a aprendizagem constitui um efeito e um lugar de articulação de esquemas, que coincidem um momento histórico, um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito associado a tantas outras estruturas teóricas.

No que diz respeito à visão que os sujeitos entrevistados revelam da atuação do psicopedagogo, é preciso levar em consideração também o processo de constituição teórico-prática deste campo. Embora se verifique, conforme autores citados acima, um reconhecimento da necessidade de se investir nas formulações teóricas sobre a Psicopedagogia, observa-se também uma diversificação das tarefas atribuídas ao psicopedagogo. Tal diversificação pode indicar a necessidade de se investir ainda mais na definição de um corpo teórico que ajude a definir melhor o campo de atuação do Psicopedagogia e que apresente mais princípios norteadores das práticas do que normas prescritivas de atuação.

A este respeito, Weiss (1994) alerta que o profissional especializado em Psicopedagogia Institucional funciona como um assessor psicopedagógico, fazendo um levantamento, para compreender e analisar as práticas escolares em suas relações com a aprendizagem. Junto com os demais profissionais da escola promoveria a construção de novas práticas produtoras de melhor aprendizagem, processando uma troca de saberes e ações que promovam transformações na escola e nos próprios profissionais. Este profissional pode também realizar um trabalho de apoio pedagógico ou mesmo clínico, no espaço da escola e por indicação da equipe escolar, assim como o trabalho de prevenção de fracassos na escola.

Considerando a análise e a discussão dos resultados do presente estudo, como será respondida a questão central por ele colocada: como os professores dos cursos de Pedagogia representam o papel do Psicopedagogo? Se as representações constituem uma forma de conhecimento – socialmente elaborado e compartilhado - que concorrem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, pode-se dizer que há uma estrutura única, um núcleo central que caracterizaria as representações sociais que os formadores de pedagogos constroem sobre a atuação e a formação do psicopedagogo?

Como se trata da representação social de um profissional cuja presença é recente no contexto social, alguns fatores interferem diretamente na percepção coletiva desse profissional, tais como: o pouco conhecimento sobre o seu processo de formação, as poucas informações sobre os resultados de sua ação e a própria indefinição quanto a sua área de atuação. Tais aspectos, dentre outros, contribuem para que as imagens e valores desses profissionais oscilem entre uma “visão negativa” e uma “visão positiva” do psicopedagogo, entre os sujeitos da pesquisa. Nas Considerações Finais, serão apresentadas, três grandes classes de discursos que caracterizam as representações dos formadores de pedagogos sobre o psicopedagogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender as representações que os formadores de pedagogos possuem a respeito da Psicopedagogia e do papel do psicopedagogo, essa pesquisa fez opção pela Teoria das Representações Sociais como abordagem metodológica predominante.

Os dados confirmam e as diferentes categorias demonstram que, por um lado existem aqueles que reconhecem a necessidade de um profissional como psicopedagogo para atuar de forma interventiva nos sintomas das dificuldades de aprendizagem. E por outro lado, aqueles que criticam ou questionam a existência desse profissional.

A análise articulada dos dados obtidos por meio da técnica da associação livre de palavras e da entrevista semi-estruturada, permitiu identificar que os formadores de pedagogos possuem uma visão que oscila entre uma visão profundamente “negativa” do papel do psicopedagogo e uma visão mais “positiva” desse profissional, que tentar-se-á elucidar, a partir das classes de discursos identificadas.

As impressões dos sujeitos pesquisados foram agrupadas em três grandes classes de discursos, que correspondem às tendências de representações:

- O psicopedagogo como um profissional que não possui lugar ou papel definido;
- O psicopedagogo como profissional que duplica seu campo de ação profissional com o psicólogo e o pedagogo;
- O psicopedagogo como profissional que possui um espaço sócio-profissional e formativo em construção e que possui uma relevância social atual.

Das classes de discurso elencadas, a primeira pode ser percebida pela representação do psicopedagogo como um profissional que não possui lugar ou papel definido e se baseia preponderantemente no desconhecimento de como ocorre o processo de formação e quais seriam as ações mais praticadas por esse profissional. Trata-se de uma visão que associa o psicopedagogo também a uma ineficácia e a um projeto profissional pouco definido.

A segunda classe de discursos também percebe o psicopedagogo como um profissional cuja identidade não se define com clareza, mas neste caso, a indefinição conduz este profissional a uma duplicação com os profissionais de áreas afins: o psicólogo e o pedagogo. Ao buscar auxílio nos conhecimentos da Psicologia o

psicopedagogo estaria ocupando o espaço de atuação próprio ao psicólogo. Ao recorrer a técnicas didático-pedagógicas o psicopedagogo estaria atuando nas áreas específicas do pedagogo.

A falta de esclarecimento da função que o psicopedagogo exerce na sua prática, seja ela clínica, institucional ou de pesquisa, pode gerar equívocos quanto à busca de auxílio nos conhecimentos da Psicologia ou Pedagogia. O psicopedagogo como demonstrado no primeiro capítulo utiliza-se dessas e outras áreas para compreender e atender às necessidades dos sujeitos da aprendizagem, na configuração de um processo de constituição de identidade profissional.

A terceira classe de discurso emerge de uma adesão mais direta processo formativo e à prática desenvolvida pelo psicopedagogo. Tal discurso articula a necessidade de superação dos baixos índices de aproveitamento escolar com a trajetória de surgimento deste profissional e seu processo de formação, reconhecendo neste a possibilidade de contribuir para a melhoria do quadro educacional. Este discurso é também marcado pelo reconhecimento de uma crise no interior do processo de constituição deste profissional. Da mesma forma, ao destacar a dinamicidade do processo de configuração de uma identidade profissional, deposita confiança na constituição de uma identidade profissional autônoma e legítima.

A princípio esse estudo intencionou conhecer as opiniões que os formadores de pedagogos têm sobre a Psicopedagogia e o papel do psicopedagogo, porém permitiu muito além do esperado. Os resultados ofereceram melhor conhecimento da realidade e da área em questão, as representações que os sujeitos têm a respeito do assunto, a percepção da necessidade de uma formação continuada, um trabalho buscando compreender cada vez mais o processo de ensino e aprendizagem e seus entraves¹².

Para realizar esta pesquisa foi indispensável conhecer os sujeitos entrevistados e seus pontos de vista, lembrando que a finalidade deste trabalho são as representações que esses possuem sobre a Psicopedagogia e o papel do psicopedagogo. Se por um lado foram respostas que por vezes geraram frustrações, por outro muito ajudaram para o crescimento profissional da pesquisadora, além de contribuir para o reconhecimento da necessidade de novos avanços.

¹² A aprendizagem é um processo complexo, e contribuir para o conhecimento deste deve ser a intenção da Psicopedagogia.

Acredita-se que a Psicopedagogia está em processo de constituição de seu campo teórico-prático, na busca de contribuir para a compreensão dos processos da aprendizagem humana.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para oferecer um melhor entendimento a respeito desta área de conhecimento. Estas considerações não pretenderam fechar as discussões em torno das representações dos profissionais pedagogos entrevistados, mas procuraram também levar em conta o papel do psicopedagogo neste processo. Cabe a este se envolver e se aprofundar na investigação teórica que busca definir o corpo teórico-prático deste campo profissional. E este processo envolve tanto o engajamento dos profissionais em atuação, como os professores e os alunos envolvidos no processo de formação.

No que diz respeito à imagem, aos valores e às representações do PP junto aos demais profissionais e à sociedade em geral, é importante lembrar da necessidade de mais empenho do mesmo em demonstrar as contribuições de seu campo para a busca de conhecimentos na área da aprendizagem. Por estas razões, se por um lado foram reconhecidas as representações que os formadores de pedagogos têm a respeito do psicopedagogo, seria interessante um trabalho que investigasse as representações do psicopedagogo em relação ao seu próprio papel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. L. S. N. **Os quatro pilares do atendimento psicopedagógico.** Revista Psicopedagogia, nº 19, P. 66-69, 2001.

Associação Brasileira de Psicopedagogia. Código de Ética. 2008 Jun. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/leis-regulamentação-ética.htm>>. Acesso em: 23 abril de 2010.

BARBOSA, L. M. S. **A Psicopedagogia no âmbito da Instituição Escolar.** Curitiba: Expoente, 2001.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BOGDAN; BIKLEN. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto editora, 1994.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

BOURDIEU; PASSERON. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

CAMPOS, P. H. F. **A abordagem estrutural:** uma perspectiva de estudo das práticas sociais. In: CAMPOS, P. H.; LOUREIRO, M. C. (Orgs.). *Representações sociais e práticas educativas.* Goiânia: Editora da UCG, 2003.

CAPRA, F. **O ponto de mutação.** São Paulo, São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

COSTA, M. M. **Psicopedagogia Empresarial.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

EIZIRIK, M. F. (Re)Pensando a representação de escola: um olhar epistemológico. In: RANGEL, M.; TEVES, N. (Orgs.). **Representação Social e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

FAGALI, E. Q. Os sentidos da História e a busca das raízes no processo do aprender. In: BOMBONATTO, Q.; MALUF, M. I. (Orgs.). **História da Psicopedagogia e da ABPp no Brasil: fatos, protagonistas e conquistas**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

FARR, R. M. Representações Sociais: A teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FENELON, G. M.. Por que a interdisciplinaridade? In: BOMBONATTO, Q.; MALUF, M. I. (Orgs.). **História da Psicopedagogia e da ABPp no Brasil: fatos, protagonistas e conquistas**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERNÁNDEZ, A. **Os idiomas do aprendente**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERNÁNDEZ, A. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

IDE, S. M. Dificuldades de aprendizagem: uma indefinição? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 11, n. 17, p. 57-64, jan./jun., 2002.

JODELET, D. Representações sociais: história e avanços teóricos. In: OLIVEIRA, D. C. de; CAMPOS, P. H. F. (Orgs.). **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LEAL, Regina Rosa dos Santos. A Psicopedagogia no Estado de Minas Gerais: resgate de uma memória e perspectivas para uma atuação profissional. In: BOMBONATTO, Quezia. & MALUF, Maria Irene (Orgs). **História da Psicopedagogia e da ABPp no Brasil: fatos, protagonistas e conquistas.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

LUDKE; ANDRÉ, Marli. E. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: E.P.U., 1986.

MACEDO, L. de. **Ensaio construtivistas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MERY, J. **Pedagogia Curativa Escolar e Psicanálise.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** Petrópolis: Vozes, 2003.

NOFFS, N. A. **A regulamentação e o exercício da atividade em Psicopedagogia no Brasil.** *Jornal Psicopedagogia, ABPp seção Goiás, Ano XIV - nº 51 – Goiânia, Novembro/Dezembro de 2009, p. 13.*

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre : Artes Médicas, 1985.

PAÍN, S. **Organismo, corpo, inteligência e desejo: instâncias da aprendizagem.** Transcrição de Conferência proferida em Buenos Aires. GEEMPA, 1988.

PINHEIRO, F. H. ; CAPELLINI, S. A. **Desenvolvimento das habilidades auditivas de escolares com distúrbio de aprendizagem, antes e após treinamento auditivo, e suas implicações educacionais.** *Rev. Psicopedagogia, 2009 ; vol. 26 nº 80, p. 231.*

PORTO, O. **Psicopedagogia Hospitalar: intermediando a humanização na saúde.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed editora, 2002.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, J. C. F. **Aprendizagem significativa.** Porto Alegre: Mediação, 2008.

SISTO, F. F. Dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, F. F.; BORUCHOVITCH, E.; FINI, L. D. T. (Orgs.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SCOZ, B.; BARONE, L. M. C. A Associação Brasileira de Psicopedagogia e a Constituição da Psicopedagogia no Brasil. In: BOMBONATTO, Q.; MALUF, M. I. (Orgs). **História da Psicopedagogia e da ABPp no Brasil: fatos, protagonistas e conquistas.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

SCOZ, B. et al. **Psicopedagogia: Contextualização, Formação e Atuação Profissional.** Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUSA NETO, J. C. **Crianças e adolescentes abandonados: estratégias de sobrevivência.** São Paulo: Arte imprensa, 2002.

VISCA, J. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente.** Porto Alegre : Artes Médicas, 1987.

VISCA, J. **Psicopedagogia: novas contribuições.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WEISS, M. L. L. Psicopedagogia Institucional : controvérsias, possibilidades e limites.
In: SARGO, C ; MENDES, M ; SOUZA, S ; MOREIRA, S. (Org.) *A práxis psicopedagógica brasileira*. São Paulo : Editora ABPp, 1994.

ANEXO 1

*Anexo 1***1. IDENTIFICAÇÃO**

1. Sexo

(a) masculino ()

(b) feminino ()

2. Idade

(a) Entre 25 e 30 anos ()

(b) Entre 31 e 35 anos ()

(c) Entre 36 e 40 anos ()

(d) Entre 41 e 50 anos ()

(e) 51 anos ou mais ()

3. Universidade que trabalha

(a) UFG ()

(b) UCG ()

4. Disciplina que ministra nesta universidade:

a. _____

b. _____

c. _____

d. _____

5. Períodos ou anos que ministra

6. Formação

(a) Curso Superior em: _____

(b) Especialização em: _____

(c) Mestrado em: _____

(d) Doutorado em: _____

7. Tempo de experiência no magistério:

(a) Entre 6 meses e 1 ano ()

(b) Entre 1 e 2 anos ()

(c) Entre 2 e 5 anos ()

(d) Entre 5 e 10 anos ()

(e) Entre 10 e 15 anos ()

(f) Mais de 15 anos ()

2. ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS (primeira etapa)

Palavras indutoras:

1. Psicopedagogo

2. Pedagogo

3. Psicólogo

4. Intervenção psicopedagógica

3. ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA (segunda etapa)

1. Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

2. Na sua visão, qual é a área de atuação do psicopedagogo?

3. Como você avalia a formação do psicopedagogo (Caso o sujeito não faça referência, procurar saber quais as informações que ele tem sobre a formação do psicopedagogo, se conhece algum curso)?

4. Como você avalia o resultado da prática do psicopedagogo (caso o sujeito não faça referência, buscar saber se ele conhece casos concretos de experiências e ações de psicopedagogos)?

ANEXO 2

ANEXO 3

Entrevistas por meio de questionários semi-estruturados transcritas na íntegra:

Professor 1 – P1

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: mais de 51 anos

Universidade que trabalha: IA

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Pedagogia e Psicologia

(b) Especialização em: Psicopedagogia, Terapia de casal e família

(c) Mestrado em: Psicologia

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: dificuldades de aprendizagem.

Pedagogo: escola, aprendizagem.

Psicólogo: conflitos, mundo mental.

Intervenção psicopedagógica: escuta clínica, mudança.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Eu atribuo o papel do profissional que contribui com seu olhar e escuta clínica na intervenção individual ou grupal, ou seja, uma equipe interdisciplinar, para a compreensão das dificuldades de aprendizagem.

Na sua visão qual é a área de atuação do psicopedagogo?

O psicopedagogo pode atuar em diversas áreas dependendo da sua formação: Institucional, a escolar, Hospitalar, em consultório, organizacional.

E como que você avalia a formação do psicopedagogo?

No Brasil a formação do psicopedagogo acontece em cursos de especialização, salvo alguns cursos de graduação que surgido nos últimos anos e certamente esta condição tem influenciado na construção da identidade do psicopedagogo brasileiro. Penso que, como Alícia Fernandez, que a formação se dá não somente com o curso, mas também com a supervisão e o tratamento psicopedagógico didático.

E como que você avalia o resultado da prática do psicopedagogo?

Avalio como eficiente e eficaz quando exercida com responsabilidade e respeito à condição humana de aprendizes da vida.

Muito obrigada.

É só isso?

Sim, se você quiser dizer mais alguma coisa...

Agradeço pela oportunidade de expor algumas idéias e me coloco à disposição.

Obrigada.

Professor 2 – P2

1. Identificação

Sexo: masculino

Idade: entre 41 e 50 anos

Universidade que trabalha: IA

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Filosofia e Comunicação Social/Jornalismo

(b) Mestrado em: Letras e Linguística

(c) Doutorado em: Linguística

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: linha teórica, lugar teórico problemático, um certo modismo.

Pedagogo: integralidade impossível, professor, delimitação teórica.

Psicólogo: funções variadas, recorte teórico, modismo.

Intervenção psicopedagógica: modismo, professor, outras intervenções.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Um papel clínico, clínico aí, é de sentido bem extensivo, é clínico só de dentro da..., pode tá na escola entendeu? Mas é clínico, é um papel clínico, é..., como eu vou dizer...

Extensivo que você fala é uma clínica ligada à escola, trabalhando com a escola?

Sim, mas a possibilidade trabalhando com a escola, trabalhando com a Instituição, não penso junto não, não penso junto não. É que eu estudo psicanálise aí eu penso muito individual mesmo, pode chamar alguém, no caso de criança, pode chamar pais né, no caso de adulto não, extensivo é porque o seguinte não precisa ser lá no consultório entende, é um papel clínico, é um papel clínico, eu não sei usar a expressão mais vamos dizer assim para além da atividade do professor não é para além no sentido de mais importante, vamos dizer assim, é..., que não pode existir, é..., prescindindo, prescindindo é no sentido de dispensando entendeu, a atividade do professor.

É porque na verdade eu, eu considero assim, que o psicopedagogo porque entrou nesse modismo, ele antecipa o papel do professor, entendeu, e faz mais complicação que ajudar. Então a grande verdade é que o professor tem que ser indagado às vezes se ele está fazendo o papel dele, insistentemente o seu papel, aí no momento que ele tiver garantia disso que ele tá fazendo o seu papel aí recorre-se ao psicopedagogo. Em casos específicos para resolver situações específicas, o psicopedagogo não vai saber de todos da sala por isso que é clínico, ele não é o, o psicopedagogo. Ele não vai fazer um papel de educar todos iguais, ele vai tomar um problema específico e resolver um problema específico e retornar com esse problema pra sala de aula para continuar papel professor lá.

Então na sua opinião a área de atuação deles seria clínica?

Seria clínica é..., para resolver problemas de fracasso escolar né, e em escola também mais assim com atendimentos específicos, entende, e não pra submeter no caso, o trabalho do professor ao seu trabalho saber.

E nessa clínica como que você avalia esse trabalho, qual que é a área de atuação dele dentro da clínica, é da psicologia, é da educação?

É, na verdade ele vai lidar, vai lidar com..., é..., o material possível que esse aluno vai levar pra lá, que essa criança, que esse sujeito vai levar pra lá, então quer dizer o quê, ele vai levar, ele vai levar problemas cotidianos da escola que são vinculados aos problemas no saber, né, jogos simbólicos, linguagem, matemática, então de certa forma ele põe em movimento, né, o desejo ou não desejo de saber do aluno.

É isso que é o material clínico dele, o material.

O desejo?

O desejo ou não desejo né, é porque localiza-se um problema ali, localiza-se um entrave, esse entrave, ele tá em excesso porque um entrave cotidianamente ele é normal, entende, o normal é que haja um movimento negativo da escola, o normal é que haja falta de desejo de aprender, o normal é que haja, é preguiça, que haja dispersão, então isso é normal, agora o momento em que isso está assim, num certo excesso com relação aos outros, aí você tem ali um, um material clínico quer dizer um, um grande problema que a Psicologia no caso é diferente da Psicanálise, o grande problema que essa..., esse pedido de clínica né, vai vir do professor, vai vir dos pais, vai vir do diretor né, e de certa forma o psicopedagogo vai, de certa forma é, isso que é desejo e não desejo também, e de certa forma ele vai ter que, é..., primeiramente, por isso em questão com o sujeito né, e depois de certa forma o ganho seria assim que isso se torne o desejo de um sujeito, né.

E como que você avalia a formação do psicopedagogo?

Nós estamos numa, numa época de, é..., instâncias reguladoras né, então tem que ter conselho, tem que ter não sei o quê, não sei o quê, essa coisa toda então eu acho que o mundo tem andado por aí, então eu acho que são importantes é, é..., eu sou psicanalista é, é, eu trabalho com psicanálise é... participo de escolas de formação de

analista né, em Goiânia e no Brasil, então o, a psicanálise diverge desse tipo de formação. A psicanálise talvez seja a única rebelde que de certa forma autorização tem que se dá no um a um, tem, que se dá na sua clínica, tem que se dá nos grupos de estudos, mas a, acho que vai..., vai, a psicanálise sempre vai ter problemas legais né, então é um grande problema pra responder isso, aí, então como que você avalia a formação, eu acho que essa formação pra falar de maneira simples, essa formação se dá é..., com estudos, estudos é..., em grupos constituídos, vão se constituindo grupos entende? Em grupos constituídos, é... em troca de experiências clínicas que também pode se dá nesses mesmos grupos entendeu? Agora infelizmente que esses grupos passam conselhos né, aí então mandando mais do que, é..., em troca de experiências né, em troca experiências clínicas.

Você fala esse estudo na formação ou depois da formação?

Na formação, ele se forma assim, ele se forma assim né, é..., na formação mesmo.

Mas você acha que isso acontece nos cursos de Psicopedagogia, você tem conhecimento?

Pois então eu, tô te dizendo o seguinte nem o curso de Pedagogia nem o curso de Psicologia ou nem uma especialização em Pedagogia, em Psicopedagogia é capaz de formar psicopedagogos entende, esse curso, esses cursos podem ser é..., dentro destas instâncias legais vamos dizer assim, o ponto de partida, um do, um sujeito desejar então, se lá tem cinquenta, cem, duzentos, fazendo aquela especialização, cinco ali de fato vão se autorizar como psicopedagogo, se autorizar por quê? Porque mantiveram a constância de um grupo, mantiveram a constância de troca de experiências clínicas entendeu, e manteve-se ali a sua é... como é que eu diria, é..., mantém-se ali é..., que aí no caso eles porque tem um grupo, porque também tem um trabalho solitário, um trabalho de, de apresentar esse grupo de estudar individualmente dentro desse grupo ele põe em questão o seu saber então é um constante por em questão o seu saber.

Mas isso você se refere a qualquer curso?

Qualquer curso, qualquer curso, pode ser um professor de História, pode ser o professor de Geografia, pode ser o, o cara que fez Jornalismo, Filosofia e depois virou

professor de Língua Portuguesa, bem é mais é difícil esse entendimento hoje, porque esse entendimento tá fora dos saberes reguladores tá fora dos saberes reguladores das instâncias reguladoras do saber. Quem forma em Psicopedagogia é especialista em Psicopedagogia só que uma especialização em Psicopedagogia todo mundo sabe que não, garante isso, quem pode saber Psicologia da clínica da psicologia é o curso de psicologia, mas todo mundo sabe o curso de psicologia não garante isso, fui no Conselho Regional de Psicologia, recentemente agora falar numa mesa a própria responsável por estágio, o , o psicólogo acabando de sair do curso falou assim é nós não podemos nos sustentar, nós temos que ter um conselho tipo OAB, tipo um Conselho pra ir lá, fazer as provas, as provas, e o Conselho também não vai garantir isso, não adianta.

Professor, como que você avalia o resultado da prática desses psicopedagogos que chegaram lá então? Na clínica, você acha que é um trabalho que funciona?

É difícil, assim eu não conheço um conjunto assim de 500 psicopedagogos, você entendeu, e de certa forma falar assim é, o trabalho é bom ou o trabalho é ruim certo, mas eu entendo que, que o psicopedagogo é um lugar de aporta entende, é, é um pai por exemplo, eu acho bonito isso, outro dia tinha um pai ou uma mãe né, dirigindo-se a Faculdade de Educação porque na Educação tem nessa faculdade nesse prédio aqui tem Pedagogia e tem Psicologia e ele escutou do médico que o filho dele precisava de um psicopedagogo, ele escutou isso de alguém entendeu, então ele veio aqui é..., ele veio aqui e falou: olha eu consigo aqui, é..., um atendimento de Psicopedagogia pro meu filho. Eu não sei o que é isso que o médico falou, e aí eu dirigi à coordenação, a direção né, pra ele perguntar, e não é um trabalho específico mas alguma professora poderia ter um projeto né ou então, algum projeto voltado pro lado da clínica, que eu tinha mais ou menos noção da P1, então o quê que eu acho, eu acho que é um lugar de aporta, então a medida que alguém desejou e vai procurar, ali pode ser feito um trabalho, entende, eu não trabalho com essa, hum..., com essa denominação Psicopedagogia entende, mas muita coisa do que um, um psicanalista, um psicólogo né, é, é, um bom professor faz, né, um psicopedagogo pode fazer, e fazer vamos dizer assim, que um sujeito se implique com o desejo disso, então eu acho que é um bom lugar de aporta, um bom lugar de aporta, eu só tenho restrições ao modismo e de certa forma ao..., é colocar esse lugar como lugar garantido de saber e de certa forma subordinar a esse lugar os outros saberes, isso pra mim é fracasso. Pra mim o professor ele precisa ser professor, agora se

ali falha e de certa forma há um outro lugar de aporta, isso é bom! Isso é bem vindo né, não que todo professor teria que prestar conta pro psicopedagogo e etc, etc.

E você fala dessa questão do desejo né, de querer ou não saber é, então o psicólogo ele não daria conta desse trabalho que o psicopedagogo faz?

Pode dar conta, pode, o psicólogo pode dar conta, o pedagogo pode dar conta, o fonoaudiólogo pode dar conta, um bom professor de Língua Portuguesa ou de Literatura pode dar conta muito bem (risos), entende, agora claro que ele vai ter que, é..., ter esse lugar como o seu lugar de atuação e se dedicar a isso, por isso que eu falo, e ele coloca suas experiências em grupo se ele tem um trabalho ali solitário, que depois ele leva isso pro grupo como experiência, se ele tá constantemente com o seu fazer clínico em ação, por que pra mim é o fazer clínico, porque que é o fazer clínico? Porque não se trata de chegar lá, porque eu descobri uma verdade, se todo mundo passar a pensar assim agora como a nova escola tenta fazer, ou como pais e filhos, ou como, entendeu, porque se fosse aquele saber dele ali era diferente, então pra mim é um fazer clínico, que é um bom lugar, mas é um bom lugar à medida que ele é clínico, entende ele não é geral, ele não é dá ordem do é..., descobrir a pólvora e aplicar, aplicar isso a todos entendeu ele não é, ele é da ordem de, como é que no contato, igual por exemplo: você, você deve ser desse campo, se você tá pesquisando nesse campo, seu nome é Miriam? **Miriam**, Miriam se alguém chega e fala assim: é..., P2 você conhece alguma psicopedagoga? Eu conheço, conheço a Miriam, ela é uma pessoa estudiosa tá fazendo uma pesquisa né, tá envolvida com isso. Você acha que devo levar o meu filho pra lá, fulano? tá querendo, tá querendo, leva, vai lá com a Miriam. E de certa forma você pode ter ali um trabalho, você vai trabalhar com materialidades ali né, seja materialidades históricas, matemáticas, lingüísticas, entende? E nessas materialidades você pode fazer ali um certo trabalho, mas individualizado, um olhar clínico.

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: mais de 51 anos

Universidade que trabalha: IB

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Pedagogia

(b) Especialização em: Planejamento Educacional

(c) Mestrado em: Educação Escolar

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: busca, orientação, acompanhamento.

Pedagogo: ensino, planejamento, didática.

Psicólogo: é..., ouvir, opinar, compreender.

Intervenção psicopedagógica: diagnóstico, prognóstico, encaminhamento.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Seria de assistir o aluno, assistir e acompanhar o desempenho do aluno.

Na sua visão qual que é a área de atuação dele?

Seria o de assistência ao aluno, de acompanhamento mesmo, né.

Mas assim, em qual área que você acha que ele está, o curso de Psicopedagogia, mais na área da Educação ou da Psicologia?

Da Psicologia. **Da Psicologia?** É.

Então qual seria dentro da Psicologia, a atuação dele?

Não sei.

Como que você avalia a formação do psicopedagogo?

Olha, é uma formação bastante complexa por que tem a base na psicanálise, é complexa e busca diagnosticar as dificuldades, as dificuldades de aprendizagem, que esses alunos apresentam, e algumas vezes é, é o que..., a criança é hiperativa e às vezes nem sempre é.

Mas acho errado essa questão da pessoa querer fazer especialização em psicopedagogia para abrir um consultório, quem abre consultório é profissional. A especialização não é profissão, profissão se tem com graduação.

Rotula que você quer falar?

É, a Psicopedagogia às vezes rotula, é alguns psicopedagogos, e a gente não pode generalizar.

É isso mesmo?

É.

E como que você avalia o resultado da prática do psicopedagogo?

Na verdade nunca acompanhei o trabalho, então não posso.

Nunca acompanhou, mas você já ouviu falar sobre esse trabalho, o resultado de algum?

Não, nunca ouvi falar.

Professor 4 – P4

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: entre 41 e 50 anos

Universidade que trabalha: IA

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Pedagogia

(b) Mestrado em: Educação

(c) Doutorado em: Educação

3. Tempo de experiência no magistério: entre 5 e 10 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: patologização, dificuldade de aprendizagem, clínica.

Pedagogo: alfabetização, sala de aula, escola.

Psicólogo: sei lá..., clínica, conversa, terapia.

Intervenção psicopedagógica: patologização, dificuldade de aprendizagem, cuidado.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Em primeiro lugar eu acho que existem muitas linhas teóricas de psicopedagogo, eu acho que o psicopedagogo ele deveria cuidar da relação ensino e aprendizagem na escola, mas eu acho que linhas teóricas diferentes cuidam disso de maneira diferente, o papel dele é também fazer a relação entre a escola e o professor né, o aluno e a aprendizagem.

Na sua visão qual que é a área de atuação dele?

Acho que atua na questão das dificuldades de aprendizagem.

Seria mais na escola então? Você falou desse psicopedagogo atuando na escola né?

Eu acho que tá ligado à escola.

E em relação à clínica, o quê que você pensa? O que ele deve fazer? A área de atuação dele? O papel dele?

É assim, eu sei que existe a psicopedagogia, por exemplo: hospitalar né, mas eu penso na relação psicopedagogo em escola, em dificuldade de aprendizagem mesmo.

E como que você avalia a formação do psicopedagogo?

Em formações muito fracas né, muito patologizada, patologizantes né? Muitas vezes eu acho que antes de pensar no que a criança pode fazer, algumas formações pensam no que ela não pode fazer, e daí acabam rotulando a criança, principalmente eu acho que isso acontece pelo menos na minha experiência. Quando os psicopedagogos são muito clínicos assim, quando eles não fazem uma intervenção junto com o professor e junto com a escola eu não acho que eles têm que atuar com pais, acho que isso é uma função do psicólogo, mas acho que não dá pra tratar uma criança sem saber como é a escola o quê o professor pensa né, como ela se comporta lá. Por que uma coisa é a criança se comportar com um profissional e outra coisa é como ela se comporta numa turma com determinado professor, entendeu.

Você conhece algum curso?

Eu já trabalhei em alguns cursos de especialização em psicopedagogia, eu considerava cursos fracos, pouco politizado, muito focado em diagnóstico individual.

E como você avalia o resultado? Você conhece algum resultado? Algum trabalho de psicopedagogo?

Eu conheço.

Você parece que tem mais, você vê mais uma Psicopedagogia Institucional né, na escola. Por que, você já viu um trabalho assim na escola?

Eu já vi, eu vi o trabalho de uma amiga minha que é psicopedagoga, mas eu acho que ela não entra muita nessa linha de patologização assim, eu acho que o trabalho dela era muito bom, porque ela fazia toda essa relação com o professor, com a escola, levava as crianças pra outros lugares não trabalhava dentro de uma sala, levava as crianças, eu acho que os resultados eram bons assim.

Ela era psicopedagoga ou era professora psicopedagoga?

Ela era contratada pela Secretaria Municipal de Educação como psicopedagoga no Rio Grande do Sul.

Então, o trabalho clínico você não conhece, não?

Conheço pelo que ela me diz, assim, pelo que ela me falava, pelo que ela fazia, trabalhava com artes, ela olha a criança escrever, então ela tinha um trabalho bem...

Ela tinha os dois trabalhos?

Tinha os dois trabalhos.

Você tem mais alguma coisa a dizer?

Não.

Muito obrigada por sua contribuição.

Professor 5 – P5

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: mais de 51 anos

Universidade que trabalha: IB

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Pedagogia

(b) Especialização em: Planejamento Educacional e Docência Universitária

(c) Mestrado em: Educação

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: professora, psicóloga, criança.

Pedagogo: estudo, conhecimento, educação.

Psicólogo: intimidade, entendimento, cúmplice, cumplicidade né.

Intervenção psicopedagógica: construção de conhecimento, cognitivo, desenvolvimento.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

O psicopedagogo na minha compreensão ele vem contribuir com o desenvolvimento da criança né, ajudando ela a compreender melhor os conteúdos e o seu papel na escola, no trabalho em sala de aula.

Na sua visão qual é a área de atuação do psicopedagogo?

Acredito que ele atua na escola mesmo né, que contribuindo com a coordenação, contribuindo com os professores, pra dar um apoio aos alunos.

Você então tem conhecimento de algum psicopedagogo, você conhece algum psicopedagogo?

Conheço, conheço, ao trabalho deles que você se refere? Conheço sim, inclusive atualmente na secretaria da educação eles têm um né, um trabalho, nas equipes eles têm o psicopedagogo, né.

Então você conhece mais a Psicopedagogia Institucional, na instituição, e a Psicopedagogia clínica?

Não.

Como que você avalia a formação do psicopedagogo?

Bem, na verdade eu não tenho nem como avaliar, porque eu nunca participei assim de um trabalho, vamos dizer de humano, de um psicopedagogo né, eu já vi trabalhos esporádicos, quer dizer de um profissional ao longo do ano eu nunca acompanhei, então não tenho condição de avaliar.

O conhecimento que você tem desse profissional, é atuando na escola?

Sim, e de algumas pessoas que falam a respeito né, que são psicopedagogos e que comentam o seu papel, sua atuação, o seu trabalho, mas de estudos que eu já fiz, que já

li né, mas assim de acompanhar e ver realmente o trabalho de um psicopedagogo, eu não tenho, nunca tive a oportunidade de acompanhar.

Você já ouviu falar?

Já, bastante.

E de ouvir falar qual que é a conclusão que você tira em relação a função do psicopedagogo?

Eu acho que se equipara muito ao pedagogo né, eu não vejo assim, grandes diferenças pelo menos no que eu já li, que eu já vi, eu não vejo muita diferença não, eu acredito que o, que o psicólogo, o psicopedagogo faz, o pedagogo também tem condição de fazer, por que, por que o pedagogo tem uma formação de Psicologia né, tem um estudo de conteúdo de Psicologia durante o curso, assim o psicólogo ele tem mais na área da Psicologia e o pedagogo mais na área da Educação, mas em função do contexto da escola, da sala de aula, em atendimento ao aluno, eu acho que os dois tem mesma condição de atender, é claro os dois, em todas as duas linhas vai depender do profissional né, e não da formação ou da linha que escolheu, mas eu acredito muito no interesse profissional.

Mais alguma coisa que você deseja falar?

Não.

Muito obrigada!

Professor 6 – P6

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: entre 41 e 50 anos

Universidade que trabalha: IA

2. Formação:

(a) Curso Superior em: História

(b) Especialização em: Políticas Públicas

(c) Mestrado em: Educação

(d) Doutorado em: Educação

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: Psicologia, Pedagogia, e uma tentativa de associação.

Pedagogo: aquele que conduz né, **mais duas**, acho que uma questão, uma inerência é a própria educação né, processo.

Psicólogo: cuidar do outro, como entender o outro, uma percepção sobre o outro.

Intervenção psicopedagógica: intervenção eu acho que já tem como questão, uma idéia de algo que você muda né, tem uma condição estabelecida e você vai interferir nela né, você vai mudá-la, me parece que tem alguma coisa haver com mudar, com mudança, assim como na Pedagogia tem haver com formação, é intervenção pedagógica né? Ou não necessariamente tem que mudar. Não mudança.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Olha, eu tenho até uma dificuldade pra poder dizer papéis, porque eu acho que é uma mistura, e no meu entendimento e aí eu posso estar completamente equivocada né, eu acho que a Psicopedagogia ela tenta fazer um..., uma intervenção, uma atuação conjugada, que nem sempre é possível, então eu não posso te dizer que o papel do psicopedagogo é contribuir na percepção da formação do sujeito aprendente, então seus aspectos, é..., cognitivos, afetivos, psicológicos, porque eu acho que é uma mistura de funções aí. Eu não atribuiria ao psicopedagogo uma função mais carregada pro lado da Educação ou mais carregada pro campo da Psicologia. Eu acho que é uma confusão inclusive nos papéis, que parece que a gente nem aprofunda o que é papel da Educação e nem aprofunda o que é o campo da Psicologia, o meu entendimento há um..., um vácuo né, quando quero aproximar dois campos de conhecimento e não aprofundo em nenhum deles, eu penso que a Psicopedagogia, ela acaba caindo nessa armadilha em querer cobrir dois campos e não da conta de nenhum deles.

Na sua visão qual é a área de atuação do psicopedagogo?

Pois é, como eu tenho uma crise com a função do psicopedagogo, eu acho que a área do pedagogo é o campo da Educação e no Pré-escolar, é a formação do sujeito na educação formal e não formal. E o campo da Psicologia é o da compreensão do sujeito na relação dele com a sociedade, não necessariamente uma concepção de produção e cognição de aprendizagem que é o campo da Educação, da Pedagogia, então eu acho que o psicopedagogo acaba tendo uma fragilidade muito grande na sua atuação, porque ele quer fazer as duas coisas e necessariamente não é em todo lugar que ele vai fazer as duas coisas, o que não quer dizer que por exemplo: pra um pedagogo ter uma boa formação no campo da Psicologia não seja importante e que para o psicólogo compreender o processo de aprendizagem não seja importante, agora eu acho que quando você põe as duas coisas num campo só, você se perde. Eu acabo vendo isso e principalmente quando esse campo ele vai pra uma formação Lato-sensu que é uma formação menor, se você fosse imaginar esse campo como campo de aprofundamento, como campo de pesquisas e esse fato avançado para uma formação desse campo, mesmo assim ainda acho complicado. Eu acho que necessita ter um campo na educação e é um campo muito mais aprimorado e a gente tem uma trajetória, a gente vai passar por um mestrado, doutorado na Educação, que é uma parte de aprofundamento. Você tem um campo específico da Psicologia também que é um campo vasto que deveria estar sendo considerado, e aqui, é uma Faculdade de Psicologia, a Universidade Federal que tem o curso, e vai agora caminhar com uma perspectiva de mestrado e doutorado nessa área, eu sinto muita fragilidade sabe, de, do que é o campo da Psicopedagogia por que eu acho que tenta lidar com dois objetos, dois campos de conhecimento que necessariamente não tem fator aproximado né, tenho dificuldade de estabelecer o lugar onde esse profissional vai atuar, por exemplo: olha, nós estamos aqui acompanhando os estágios dos alunos da Pedagogia, já é complicado pro aluno da Pedagogia que passa dois anos né, no terceiro ano ele vai pro campo de estágio, e compreender a complexidade que se dá no ambiente escolar, pra ele atuar como um profissional. Você imagina quando você se submete esse graduado há uma pós-graduação é, Lato-sensu e aí ele começa a atuar, por exemplo, no acompanhamento de crianças, é..., que tem dificuldade de aprendizagem, que é um dos relatos que a gente já ouviu dos nossos alunos aqui da Pedagogia, que fizeram Psicopedagogia e passaram a fazer atendimento como se fosse clínico, então eu acho muito temerável ter uma formação muito aligeirada

e você de repente virar um, vir a fazer um atendimento psicológico sendo que a base da sua formação foi em Pedagogia e você não foi preparado pra isso, então eu tendo a achar que a Psicopedagogia, ela quer cobrir um campo de atuação mais amplo do que aquilo que ela efetivamente dá conta.

Eu acho que você respondeu as outras perguntas, como você avalia a formação, você já respondeu. Tenho mais uma pergunta, você tem conhecimento de algum curso?

Não, o que eu acompanhei de fora, daqui das alunas que retornam pra nós no mestrado e que fizeram Psicopedagogia, muitas delas nos cursos que são oferecidos pela própria Católica né, e aí quando a gente debate principalmente na Educação Brasileira, que é a minha área na História da Educação é, é..., algumas dessas alunas passaram por mim na graduação, fizeram Psicopedagogia e voltaram, reclamaram na..., no mestrado né, então assim a angústia dessas alunas é um pouco isso: “Professora, mas eu não tenho segurança no que eu estudei na Psicopedagogia pra fazer um atendimento com crianças ou com adulto com dificuldade de aprendizado” por exemplo, e aí eu me perguntava e fazia essa questão a elas né, se de fato o psicopedagogo, se ele vai dar conta de fazer isso sem passar por uma formação do campo da Psicologia, que é muito mais, um campo de olhar o sujeito e tentar com sua constituição né e dar conta de lidar com os problemas de aprendizagem.

Você conhece casos concretos, assim de psicopedagogos que estão atuando e o resultado dessa prática?

Não, o que eu tenho é esse relato de alunos que retornam pra nós né, e assim, e aí tô te falando da experiência daqueles, desses de nós atendermos ao retornarem.

Nenhum desses alunos atendeu?

Não, inclusive pela própria insegurança, falou assim: “Olha, eu fiz o curso achando que ele me daria condições de fazer um atendimento numa clínica, de fazer um atendimento numa escola, é e aí, só que eu não me senti segura, como que eu vou fazer uma intervenção?”. Principalmente os casos que chegaram pra nós aqui, que tem a ver com trabalho com crianças, jovens e adultos com dificuldade de aprendizado né, e aí os depoimentos que eles trazem pra nós é de que o curso não tem elementos que dê ao

professor e ao psicopedagogo ainda que formado, essa segurança pra fazer o atendimento. E aí eu fico me perguntando se de fato também a tarefa do curso é essa. Se é essa a pretensão que..., que ele está com uma formação que vai substituir o atendimento de um psicólogo, é isso que é a pretensão? Isso eu questionava com as meninas, será que eu tô no curso com uma expectativa pra além daquilo que era, o curso ele tinha essa função, e aí segundo elas, foram procurar o curso com essa expectativa, e aí eu ficava me perguntando também, porque a gente não tem uma expectativa pra além daquilo que o próprio curso te propõe, e eu não sei por que nunca atuei no curso pra formar psicopedagogo, mas eu sempre tenho essa impressão de que nós estamos juntando dois campos e não estamos aprofundando em nenhum. Eu fico um pouco preocupada com isso, um pedagogo aqui na faculdade quando a gente faz a discussão da necessidade da percepção na disciplina Psicologia da Educação, de que ele também não é um profissional que vai ter condições de fazer intervenções principalmente com crianças, jovens e adultos em déficit de aprendizagem, ele vai precisar de um profissional pra apoiá-lo nesta ação, seja na escola, na rede pública ou privada e vai muito nesse sentido de que o psicopedagogo ou o licenciado em qualquer área, ele não queira cumprir um papel, uma função que não cabe a ele, eu acho que o limite do professor na sala de aula, na relação dele com a aprendizagem do aluno é, tem que ser percebida com, com o que ele vai lidar, eu tendo a crer por esses depoimentos de alunos que voltaram no mestrado é de que o curso, ele cria uma expectativa, mas no momento em que esse profissional vem, vai lidar com a realidade concreta dessas dificuldades, ele não tem elementos pra dar conta de enfrentar essas dificuldades. Agora é uma..., um depoimento que eu tô te falando daqueles que retornam pra nós e vem fazer um mestrado e vem pra discutir com a gente o quê que é, o que eles pensam em relação à atuação enquanto psicopedagogo, pode ser que o psicopedagogo tem que superar ao passar por isso, e de fato tem toda essa dificuldade.

E são muitos os alunos que retornam?

Olha, eu tenho aqui, eu tô no mestrado desde 2004 né. Das alunas que fizeram graduação comigo tem quatro alunas que voltaram para o mestrado, tem um pouco deste depoimento né, nunca tive ninguém que chegasse e dissesse não, tô cumprindo o meu papel como psicopedagogo, eu tô atendendo, eu tô satisfeita, agora estas foram as histórias de estarem cumprindo o papel pra estarem atuando como psicopedagoga, o que

eu tenho de depoimento é mais sobre a insegurança do que de fato uma certa..., completamente segura do que ta fazendo. E esse retorno dessas quatro meninas acabou me dando a impressão de que de fato o curso, ele tem um problema de identidade, e a gente tem acompanhado aqui algumas especializações em outras áreas, por exemplo, você promove uma especialização como essa, uma professora daqui acabou de dizer que vai ter a defesa agora no sábado né, das monografias, ela é uma especialização em Gestão Escolar, mas o quê que você espera ao final desta especialização, esse profissional que já é professor ele sai desse curso de 360 horas com um conhecimento mais apurado do campo da gestão da escola, então se ele for entrar numa experiência de coordenação pedagógica de direção de escola, tá mais claro pra ele o universo onde ele vai atuar. E o que eu sinto das outras alunas que retornaram após a Psicopedagogia é não ter esse domínio mais especializado, pelo contrário, ela está mais em dúvida, porque na verdade ela adentrou num campo de atuação que é o campo da Psicologia e ela não teve aprofundamento pra isso, essa é a impressão que eu tenho dos contatos de retorno que eu tenho daqui, é o que eu tô te falando, é uma visão parcial, porque eu não posso avaliar por aqueles que não retornaram, é limitada.

Professor 7 – P7

1. Identificação

Sexo: masculino

Idade: entre 41 e 50 anos

Universidade que trabalha: IB

2. Formação:

(a) Curso Superior em: História

(b) Mestrado em: Educação

(c) Doutorado em: Educação

3. Tempo de experiência no magistério: entre 10 e 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: contraditório, pretensioso, complexo.

Pedagogo: formador, desenvolvimento, humanização.

Psicólogo: desenvolvimento, socialização, subjetividade.

Intervenção psicopedagógica: contraditória, limitada, destoante.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Pois é, não sei se... aí tô começando a ver se eu sou a melhor pessoa, o papel que eu atribuo, o quê que eu compreendo de ser a questão do papel enquanto profissional. Eu acho que o papel do psicopedagogo, é de contribuir na superação de dificuldade de aprendizagem.

Na sua visão qual é a área de atuação do psicopedagogo?

A área de atuação dele é a educação. E aqui é consultório também, né? No campo de atuação? Atendimento individual, terapêutico relacionado à educação.

Como que você avalia a formação dele?

Eu acho que ela é contraditória, eu acho que ela é incompleta, entendeu? É uma formação incompleta, a tentativa de diálogo entre duas áreas sem aprofundar as duas áreas, a tentativa de diálogo das duas áreas sem aprofundamento.

Como você avalia o resultado da prática do psicopedagogo?

Eu acho que ele distorce a complexidade, distorce a complexidade dos problemas educacionais, reduzindo o que é de dimensão cultural, política e social, à apenas ao aspecto cognitivo.

E você tem conhecimento de algum caso dessa prática?

Enquanto profissional, enquanto psicólogo, enquanto professor, na rede né, que atuava em rede e que atua, a gente acompanhou foi isso tudo, toda educação, ela passa a ser psicologizada, tudo passa ser visto a partir de um aspecto psicologizante, mesmo que o profissional não é de fato um psicólogo. Quer dizer, não tem um domínio efetivo dessa área, então acaba, o aspecto da educação, relacionado ao capital cultural, ao capital social, as relações econômicas, que determinado sujeito estabelece, então tudo acaba sendo reduzido a esta estratégia do indivíduo, quer dizer do cognitivo, da subjetividade do aspecto muito individual, isso eu acompanhei em alguns casos né, quer dizer, de alunos, de professores que tinham outros problemas né, pra além da questão cognitiva ou comportamento, ou déficit de atenção seja lá o que for, era questão social e essa questão social normalmente ela não é trabalhada né, quer dizer, ignora essa origem social do sujeito, a cultura que ele traz. E o papel da escola, de todos os professores é de mediar essa relação, quer dizer, e essa relação ela acaba sendo mais papel de um profissional específico, neste caso do psicopedagogo do que do conjunto de professores de profissionais da escola, é como se fosse uma saída de emergência do professor dele coletivamente, dele e do coletivo da escola de enfrentar a diversidade, a complexidade do processo educacional, e na medida que aparece problema, aí você tem a figura do psicopedagogo como a salvação né, e não é só a figura enquanto, dos professores em relação ao psicopedagogo, dos poucos que eu conheci eles mesmos acabavam se imbuindo dessa imagem né, de que a maioria dos papéis dos problemas da educação são problemas oriundos relacionados ao comportamento, à questão psicológica, cognitiva, seja lá o que for né, é isso.

Mais alguma coisa?

Não.

Professor 8 – P8

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: entre 41 e 50 anos

Universidade que trabalha: IB

2. Formação:

- (a) Curso Superior em: Pedagogia
- (b) Especialização em: Psicologia Social
- (c) Mestrado em: Ciências da Educação
- (d) Doutorado em: Ciências da Educação

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: aprendizagem, cultura, família.

Pedagogo: escola, metodologia, aluno.

Psicólogo: aprendizagem, cura, distúrbio.

Intervenção psicopedagógica: metodologia, dificuldades, estudo.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Diagnóstico, escuta, observador e interventor.

Na sua visão qual é a área de atuação do psicopedagogo?

Na aprendizagem do aluno.

Como que você avalia a formação do psicopedagogo? Você conhece?

Regular por que acredito que é um curso que deve abarcar um conteúdo muito amplo, mas é ministrado em tempo recorde. Conheço.

Um estudo amplo?

Isso, um estudo muito amplo e no entanto os cursos são muito curtos, acredito que um curso de Psicopedagogia não pode ser ministrado em menos de três anos, pela importância que esse curso tem na intervenção da aprendizagem de um aluno.

Como você avalia o resultado da prática do psicopedagogo?

Positiva.

Você tem conhecimento de algum caso?

Tenho vários.

E como são esses casos que você já viu?

Primeiro é..., enquanto técnica do SOS criança é..., enquanto inspetora do Conselho Municipal da Educação, e enquanto orientadora de monografia do curso de Psicopedagogia.

Você orienta monografia nesse curso?

Orientei já, já ministrei disciplinas também neste curso, eu vejo que são acompanhamentos positivos, mas, porém eu vejo uma certa, um certo conhecimento que os profissionais ainda ficam a mercê das dificuldades das crianças, sofrem bastante pra estar acompanhando, pra intervir, eu acho que ta faltando ai tempo, conhecimento, pesquisa, então hoje, se colocar pra mim, P8: “Elabore um projeto de graduação pra Psicopedagogia.”, eu vou te colocar que é..., vai ser um curso bem longo, não vai ser esse curso técnico e rápido, como nós temos ai. Porque eu vejo que a aprendizagem da criança ou do jovem e do adolescente é objeto de investigação bastante complexo, então necessita de muito conhecimento. Não é por falta de um perfil, é..., pedagógico ou simplesmente psicológico, mas um perfil cultural, familiar, um perfil social é..., as mudanças no trabalho, então são n fatores que interferem na aprendizagem de um educando. Vejo que o curso, ele deveria ter um curso mais rico e com maior tempo de investigação e no entanto não tem.

Você tem mais alguma coisa pra falar?

Não, acredito que só isso mesmo.

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: mais de 51 anos

Universidade que trabalha: IB

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Psicologia e Educação

(b) Especialização em: Metodologia do Ensino Superior

(c) Mestrado em: Filosofia Política

(d) Doutorado em: Educação

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: escola, aprendizagem, saúde.

Pedagogo: escola, cuidar de, maternagem.

Psicólogo: sociedade, saúde, instituições.

Intervenção psicopedagógica: adaptação, escolar, equilíbrio.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

O papel, é que papéis né. É, fazer uma intervenção é..., junto a escola e a família e ao próprio sujeito, pra que ele consiga é... desenvolver o processo de aprendizagem dele da melhor forma possível.

Na sua visão qual que é a área de atuação do psicopedagogo?

É geralmente é na escola no meu ponto de vista, é na escola e é para o processo que ele está envolvido. É ajudar o sujeito, no caso o aluno o aprendiz ah, é..., a aprender né, é todas as situações, a grande maioria das situações que lhes são apresentadas num processo educacional.

Então você vê o papel, a área de atuação dele na escola?

Na escola.

O quê que você me fala da clínica?

Ah..., tá a clínica. Eu não tenho muitas informações sobre ela, mas o quê eu vejo as pessoas dizerem, e não conheço assim de perto esse trabalho que leva a criança, o adolescente, o sujeito aprendente ao processo mesmo, a facilitação do processo de aprendizagem, na clínica ele poderia estar auxiliando, mas sempre com os olhos na escola, então é quase que como se ele tivesse numa clínica mas o olhar dele, é..., ele estaria só em outro local, mas na verdade todo o trabalho dele estaria desenvolvido, estaria sendo executado no ponto de vista voltado pra escola, essas são minhas idéias né.

E como que você avalia a formação do psicopedagogo?

Olha, eu, pra mim é um curso de especialização né, ele é um curso de especialização e tanto o sujeito pode ser do curso de Pedagogia como de Psicologia, e no meu ponto de vista é algo extremamente particular sabe, que nem tem haver é, é assim, que não, não atrapalharia, ou não pegaria o trabalho do psicólogo e nem do pedagogo sabe, seria uma especialização, um estudo mais aprofundado de uma área pedagógica com todo enfoque psicológico, pra aquele sujeito que apresenta algum transtorno ou alguma dificuldade escolar. Então tanto poderia ser pedagogo como psicólogo, contanto que estudasse bastante essas áreas, é sério, é um trabalho muito sério no meu ponto de vista.

E como que você avalia o resultado da prática dele?

Se o sujeito né, ele é sério, ele se envolve realmente em processo, se ele está mesmo imbuído de aprendizagem, eu tô dizendo o psicopedagogo, é algo que eu percebo que pode alcançar um sucesso realmente. E não vejo por exemplo, que o psicólogo só em si, ele teria condição de desenvolver um trabalho desse, nem também um pedagogo só em si, eu também tenho uma, uma certa complicação que eu acho que o curso de Pedagogia é muito curto três anos e meio, então assim ele dá muito pouca condições pra você fazer um trabalho realmente bom, é..., que leve a modificações mesmo no sujeito.

E no caso da Psicologia?

A Psicologia é um curso de cinco, mas ela também não tem, o curso em si não dá este preparo pra você ser psicopedagogo, mesmo você fazendo Psicologia Escolar, você faz Psicologia Escolar, faz as disciplinas todas que, que, você poderia ter mais preparo se fosse comparar com o pedagogo por conta da quantidade de disciplinas que você estuda na sua grade, mas não te da competência pra você ser psicopedagogo, é algo pra mim particular.

Mas P9, você tem mais alguma coisa pra falar em relação a...?

Não, olha uma coisa que eu quero dizer, assim eu não tenho, eu não tenho é formação na Psicopedagogia né então, apesar de eu ser pedagoga e psicóloga eu não tenho informação mesmo. Eu sou pedagoga e psicóloga, e é interessante, eu poderia desenvolver um trabalho, vamos imaginar que eu, que eu quisesse ou que eu pudesse, que eu, que estaria disponível pra mim mas eu não teria competência pra fazê-lo se não fosse por muito, sabe, envolvimento meu, mesmo de estudar, de me preparar, então é nisto que eu percebo sabe, que é algo particular, não adianta você ter dois cursos como é o meu caso, se você não tiver este olhar, é..., mais afinado pra questão pedagógica e psicológica concomitantemente. Eu sou, provavelmente, umas das poucas, eu não sei, que não, que não vejo sabe ameaças nem dum lado nem do outro.

Professor 10 – P10

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: mais de 51 anos

Universidade que trabalha: IB

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Psicologia

(b) Especialização em: Psicopedagogia, Psicomotricidade e Educação Pré Escolar

(c) Mestrado em: Educação

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: profissional, aprendizagem, competência.

Pedagogo: educação, transformação, compromisso.

Psicólogo: dedicação, vida, desenvolvimento.

Intervenção psicopedagógica: acompanhamento, mudança, vínculo.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Que papéis? São vários papéis. O psicopedagogo é, na atuação clínica ele tem um papel muito importante no diagnóstico, que é o papel de buscar compreender as dificuldades específicas que aquela criança ou adolescente está apresentando e o conjunto de causas daquelas dificuldades. Então no diagnóstico o papel do psicopedagogo clínico é de um observador, de um detetive, de uma pessoa que vai tentar pegar as informações e articular essas informações adequadamente. Já na intervenção clínica né, esse papel muda um pouco, porque além dele continuar sendo um observador né, ele continuar utilizando o recurso, ele vai ter que agora acompanhar muito de perto, bem ao lado, mais um pouquinho na frente né, do seu, do seu cliente pra que ele possa perceber se ele ta conseguindo trabalhar, conduzir o processo, oferecer situações de modo que o seu cliente possa caminhar, possa dar um passo à frente né. Então o papel dele no diagnóstico é um e na intervenção é outro. Se ele for trabalhar numa intervenção em grupo, o papel é diferente também, na intervenção de grupo ele é basicamente além de um observador, um coordenador do grupo, ele tem que observar, identificar papéis, características né, e como ele está dizendo, o papel do psicopedagogo na instituição, ele vai trabalhar como aquele que vai conseguir perceber como é que esta instituição está se organizando, quais são os não ditos presentes naquela instituição, quais são os fatores que estão é..., é interferindo, prejudicando o aprender naquela instituição, então o papel dele lá na instituição é diferente do papel do clínico, ele não vai ficar preocupado com a aprendizagem de A de B ou de C, ele vai ficar preocupado com a instituição como um todo, identificar e oferecer situações pra ajudar o grupo e os gestores e a instituição a

sair desse papel, e, é..., o papel do psicopedagogo na pesquisa né, é um papel também extremamente importante porque nós precisamos de elaborar, o psicopedagogo precisa de elaborar é..., elementos de pesquisa e saber também como trabalhar com estas respostas né, pra que a gente possa produzir um conhecimento que amplie o referencial teórico da Psicopedagogia, e tem uma coisa também, o professor que é psicopedagogo ele também tem um papel diferente porque ao realizar, ao estudar a Psicopedagogia, ao estudar todo referencial teórico ao, ao trabalhar com a..., com os estágios né é, a pessoa se torna um professor muito mais atento, muito mais observador, muito mais capaz de fazer a intervenção adequada. Então a leitura da realidade, a leitura do desempenho das dificuldades do aluno, ela é feita com muito mais competência a partir de um aprofundamento na área de Psicopedagogia né, também o psicopedagogo enquanto for um professor ele tem muito mais condição de avaliar também o seu próprio desempenho, então ele é capaz de perceber se o que ele está trabalhando com aquele grupo é, não tá fluindo, até onde as dificuldades dele estão interferindo pra que aquele grupo não esteja caminhando, até onde ele tá conseguindo fazer a leitura correta, observar adequadamente, intervir adequadamente, então assim eu acredito que o papel do psicopedagogo por onde ele passar, ele tem uma condição de fazer um trabalho diferenciado né, pela, pelo enfoque ali do psicopedagogo é um especialista em aprendizado não é, então todas as áreas que nós fomos trabalhar com aprendizagem nós temos condições de ter uma atuação mais eficiente.

E na sua visão qual que é a área de atuação dele?

Tá, eu já respondi um pouco antes né, porque eu vejo claramente hoje na realidade que nós estamos vivendo as possibilidades de trabalho no campo clínico.

Você já deixou claro, mas eu quero colocar o que alguns falam, que o psicopedagogo não fica nem na Psicologia nem na Pedagogia, não consegue, aliás eu vou explicar melhor eu tenho ouvido algumas pessoas falarem assim, que o psicopedagogo ele fica sem identidade porque ele não está nem na área da Pedagogia nem da Psicologia ele fica no meio.

Eu acredito que quem diz isso é porque não conhece a proposta da Psicopedagogia, porque a Psicopedagogia ela é área meio, ela é área intermediária. Então, na sociedade moderna, atual com tudo, com toda tecnologia que nós estamos vivendo, com o avanço

em todas as áreas você vai identificar inúmeras áreas meio, áreas que surgiram na intersecção ou no vazio entre duas áreas, então o psicopedagogo ele não tem que ficar na Psicologia e nem na Pedagogia porque ele agora é uma pessoa que vai trabalhar nas interfaces da Psicologia, da Pedagogia e também das outras áreas, então nós buscamos outros, outros conhecimentos além da Psicologia e da Pedagogia, então quem pensa que a Psicopedagogia é só Psicologia e Pedagogia precisaria rever o que ta falando né, porque a Psicopedagogia é uma área do conhecimento interdisciplinar, não dá gente, não funciona só com a Psicologia e com a Pedagogia, nós precisamos de ajuda da Neurologia, da Psicolingüística, da Sociologia não é, das várias áreas da Psicologia e da Pedagogia. Então não tem isso de que nós estamos sem identidade, nós estamos construindo nosso trabalho porque é uma área nova, é uma área que surgiu, quer dizer ela tem um pouco mais de 30 anos no Brasil né, então o papel do psicopedagogo é muito novo, então nós estamos construindo e toda área em construção ela precisa sim ter flexibilidade, então isso eu não vejo como que, a pessoa dizer que a gente tem flexibilidade é ótimo porque você não tem rigidez de papel pronto, porque que é que a educação tem tanta dificuldades, porque o professor já entra na sala com o papel pronto, eu tenho que ser assim e acabou, então a Psicopedagogia mostra pra nós a importância da flexibilidade não é, de você compreender os grupos de você entender então, você não é psicólogo e nem é pedagogo, você agora é um profissional que tem uma, uma possibilidade de ter uma visão diferente ou do psicólogo, ou do pedagogo, ou do fonoaudiólogo, então na realidade quem tem essa afirmação precisaria ler um pouco sobre Psicopedagogia, conhecer um pouco da experiência pra deixar de ter uma afirmação que não é verdadeira.

Como que você avalia a formação do psicopedagogo?

Olha, a formação do psicopedagogo ela atualmente está passando por algumas crises, porque com a, a vulgarização do termo Psicopedagogia é um termo que chama a atenção, então ela está sendo colocada em todo tipo de, de arranjos, então por exemplo: nós vamos falar da nossa situação de Goiânia, Goiânia hoje deve estar com mais de 10 ou 12 agências de formação, ou cursos de Psicopedagogia não é. A maioria desses cursos são um arranjo de disciplina onde o coordenador não entende de Psicopedagogia, ele faz um arranjo de disciplinas que não tem, a maioria deles terminam os cursos, terminam sem ter visto um autor que traz a contribuição psicopedagógica, então não é

possível você terminar um curso de Psicopedagogia sem, sem ler Sara Pain, Alicia Fernandez, sem entender Jorge Visca, Pixon Riviere, Laura Monte Serrat. Então a maioria dos cursos, infelizmente, eles pegam algumas disciplinas da Psicologia algumas disciplinas da Educação, e jogam isso como se fosse formação em Psicopedagogia, a maioria não tem estágio supervisionado não é, e não tem uma produção dentro da área. Então infelizmente, eu to falando a realidade de Goiânia, mas no Brasil inteiro está assim, nós temos cursos que são realizados com um encontro mensal e o curso é dado em um ano, não é, então infelizmente a qualidade ela está cada vez se perdendo mais não é, e é um movimento assim justamente na hora em que a sociedade está começando a reconhecer o trabalho do psicopedagogo né, que o psicopedagogo, nós temos aí na Unicamp, na USP, na PUC, nos temos Doutorado na de Psicologia, temos mestrado na área de Psicopedagogia né, temos pesquisas em andamento, temos livros sendo publicados todos os anos com pesquisas na área justamente nesse momento houve essa banalização e ai quê que ta acontecendo, é o movimento de querer crescer pro um lado e de se perder pelo outro, porque com essa formação esse profissional não vai conseguir ficar no mercado de trabalho né, e ele vai trazer uma, um processo muito ruim porque é, é, vai chegar no campo de trabalho totalmente despreparado pra atuar.

Você não acha assim, que se a Psicopedagogia foi criada é porque está faltando algo nas formações de Psicologia e de Pedagogia?

Na realidade é..., quando a gente observa a dinâmica da sociedade nós vamos percebendo que quanto mais a sociedade vai ficando é..., complexa, quanto mais complexas as relações vão ficando, quanto mais a sociedade vai ficando complexa mais nós precisamos de áreas pra atender aquilo que não é específico nem de um, nem de outro né, então, por exemplo, até a década de 60 mais ou menos, a Psicologia e a Pedagogia andavam muito juntas e tanto que quem aplicava os testes de orientação vocacional era o pedagogo, o pedagogo fazia toda uma formação na área da Psicologia e aplicava até testes, testes de personalidades, testes de orientação vocacional era ele que aplicava, já no final da década de 60 houve uma separação, a Psicologia foi pegando o seu caminho, a sua estrada e a Pedagogia outra estrada, a Psicologia ela se voltou mais para o estudo da conduta, das questões relacionadas ao social mais sempre focando a conduta do sujeito né, enquanto a Pedagogia a área, não é o curso, a área pedagógica ela se direcionou toda para o ensino, até porque o eixo do paradigma dessa educação de

gente está concentrada no ensino, então a Pedagogia voltou todo o seu interesse para o ensino, então é tanto que o pedagogo fazia vários semestres de Didática, de Metodologia específica, várias práticas de ensino, então ele estudava bastante aquilo relacionado ao ensino, então a aprendizagem ela ficou sem foco né, então como ela ficou sem foco, isso aconteceu não foi só no Brasil que a Psicopedagogia quando ela surge né, lá na na, quando ela surge lá na França em mil novecentos e cinqüenta e poucos, ela surge, porque existia um grupo de crianças que apesar de ter um potencial de inteligência normal de não ter graves problemas de emoção, emocionais, eles não aprendiam, eles estavam com dificuldades de aprendizagem, então quem que..., psicólogos, pedagogos, sociólogos, médicos, começaram a se interessar. O quê que tá acontecendo com esse grupo?, que apesar deles terem todas as condições, eles não conseguem aprender, então se uniram e foram discutir o quê que seria possível, então usando as contribuições da Psicanálise, da Neurologia, que estava se estruturando cada vez mais, usando as contribuições da Pedagogia né, dos autores como: Montessori, Necrovia, esse pessoal todo, autores que trouxeram contribuições específicas da prática pedagógica, então usando isso foi possível ajudar essas pessoas a aprender, dali surgiu o termo não é, que de início era chamado é..., era um atendimento denominado de Pedagogia Curativa não é, pra depois passar pra Pedagogia é..., terapêutica e chegar a Psicopedagogia, então Psicopedagogia não nasceu sobre o estigma da falta, do erro, né eu acho que é muito reducionista você vê o surgimento de uma área de conhecimento sobre o estigma do erro, da falta, não! A nova área surge porque aparecem as necessidades específicas da sociedade.

Mais aí você não acha que tira a responsabilidade da escola, não seria um papel da escola, e a escola sente um pouco assim descompromissada com aluno?

Na realidade o ser humano não aprende só na escola né, a aprendizagem ela inicia na família, continua nos meios de comunicação, no grupo de amigo, na igreja, no parque, e continua na aprendizagem sistemática da escola, então a escola tem sim uma responsabilidade de trabalhar a aprendizagem, agora a Psicopedagogia ela não é só clínica, a Pedagogia todos estudos que ela tem feito está bem focado no ensino apesar de que dez anos pra cá, nós já temos vários autores da área de Pedagogia pesquisando também aprendizagem não é, só que a contribuição da Psicopedagogia ela é diferente porque ela vem de um lugar, de ver a realidade, de considerar a realidade diferente,

então o psicopedagogo por ele vir de uma área interdisciplinar ele faz inter-relações, conexões entre as áreas que o profissional que não tem essa formação talvez não consiga fazer, por isso que eu estava dizendo pra você naquele momento que um professor que faz um, uma boa formação em Psicopedagogia ele vai, com certeza ele vai ser um professor muito, muito mais antenado muito mais preocupado, com muito mais recursos do que aquele professor que fez só sua licenciatura.

Você acha que esse professor ele não busca essa especialização na intenção de sair da sala de aula?

Primeiro que eu queria te perguntar qual que é o problema do professor querer sair da sala de aula? Isso é coisa natural né, porque é natural. A sala de aula é um espaço riquíssimo de crescimento, a gente não precisa ficar só nela, então qual que é o problema? Do professor, o professor não sai da sala de aula pra ser coordenador? Pra ser diretor? Pra ser assessor técnico? Então eu acho que é uma visão, outra visão reducionista, outra crítica à Psicopedagogia, outro argumento infundado é..., é muito infundado a gente querer cercear a liberdade das pessoas não é, por exemplo: o professor de Educação Infantil ele tem uma prática diferente, ele pode ficar fora da sala de aula, ele pode ficar lá no pátio, o professor de informática, o professor de Educação Física, ele não está na sala de aula, ele está trabalhando com o aprender em outro espaço, então o professor ele faz o curso de Psicopedagogia porque aprender é a área de trabalho dele, que pode ser dentro da sala de aula, fora da sala de aula, pode ser o aprender do professor, pode ser o aprender da família não é, então esta é uma argumentação muito ouvida muito falada, mas é uma argumentação ilógica e preconceituosa. Por que um médico pode atuar em várias áreas e também ser professor? E o professor não pode atuar em áreas onde a aprendizagem está acontecendo não é? Então essa é um, é uma argumentação preconceituosa e reducionista não é, que não expressa o movimento de crescimento que nós estamos vivendo de inter-relação entre as profissões.

A última pergunta é, como que você avalia o resultado dessa prática do psicopedagogo?

Olha é por esse, todo esse tempo não é, de trabalho que eu tenho, eu tenho trabalhado é, desde 1995 que eu tenho trabalhado com atendimento psicopedagógico clínico, com

crianças e adolescentes, individual ou em grupo, eu tenho trabalhado com atendimento às instituições né, o atendimento institucional fazendo uma avaliação institucional, uma intervenção institucional não é, e eu tenho avaliado isso de uma forma muito positiva. Os resultados que a gente consegue perceber é..., vamos falar do atendimento clínico, por exemplo: eu visito uma escola cinco, seis, sete, oito vezes no ano, pra conversar com o professor sobre o aprender e as dificuldades de aprendizagem daquela pessoa específica, o professor ele consegue aproveitar bem isso porque a gente vai falar do aspecto teórico, o quê que é que está emperrando, o quê que é que está paralisando, como é que ele pode trabalhar a metodologia que pode alcançar aquele estilo de aprendizagem do sujeito, por exemplo: uma criança que é basicamente impulsiva, não adianta ficar escrevendo no caderno dele “Tenha mais atenção!”, “Volte, leia de novo.”, isso não resolve quando a gente está conversando com o professor sobre o estilo cognitivo e mostra pra ele que, olha, pra gente trabalhar o estilo cognitivo nós temos que usar experiências, situações de vida, práticas, práticas educativas onde o sujeito possa ter que retornar ao ponto de partida, tem que pensar sobre o quê ele fez, tem que descrever o processo, a impulsividade vai diminuir, nós vamos estabelecendo um outro estilo, então ao discutir com o professor esses aspectos, ao ler junto com ele ao explicar o quê que acontece, ele amplia o conhecimento, então ele vai atuar na sua sala com muito mais recurso, não é, que não é só pra aquela pessoa que eu estou cuidando, mas vai valer para outros alunos, então o professor fica mais atento, mais observador, mais sensível, desenvolve mais a sua capacidade de escuta e de escrita não é, com essa troca. Então eu tenho avaliado de uma forma muito positiva, do mesmo modo a intervenção na instituição, por algumas instituições que eu já passei, as experiências que eu tive foram muito positivas, assim do crescimento do grupo na percepção do aluno, na percepção do processo, na disponibilidade pra mudanças. Então tenho avaliado de uma forma muito positiva, agora eu chamo a atenção se não tivermos uma boa formação vai ficar só o nome do psicopedagogo com uma, com uma intervenção vazia né, como uma intervenção é..., vazia ou como muita gente fala o psicopedagogo é um professor particular. Se não tiver uma formação, se ele não tiver um aprofundamento teórico não tem alcance, não tem como dar um salto de qualidade. Mas quanto à formação, nós temos cursos de formação excelentes que nos preparam muito pra poder fazer dar este salto de crescimento, e outra coisa nós temos uma bibliografia cada vez mais rica, os encontros de Psicopedagogia realizados é..., no Brasil em várias áreas do Brasil e fora

do Brasil tem mostrado a importância do trabalho psicopedagógico como elemento que completa a atuação da escola não é, e não como alguém que concorre.

Mais alguma coisa que você quer falar?

Bom eu acho assim que eu, eu queria parabenizar né pela sua ousadia, pela sua coragem porque a área, a Psicopedagogia na área da pesquisa ela está precisando de impulso, porque a partir do que você vai produzir na pesquisa você tem condição de estar contribuindo para um referencial teórico baseado das nossas experiências, das nossas vivências, das características, do nosso meio histórico, realizados nas pessoas do país né, é isso que nós estamos precisando porque a gente tem muita bibliografia importada, nós precisamos de uma bibliografia criada a partir do nosso, das nossas condições né, de governo, de pobreza, de condições culturais, condições emocionais, condições de grupo, só isso.

Muito obrigada Professora.

Professor 11 – P11

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: entre 41 e 50 anos

Universidade que trabalha: IA e IB

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Psicologia

(b) Mestrado em: História e Filosofia da Educação

(c) Doutorado em: Educação

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: é difícil não pensar né, dúvida, não é uma palavra, mas assim: pra quê?, sentido.

Pedagogo: formação, docência, conhecimento.

Psicólogo: clínica, subjetividade, social.

Intervenção psicopedagógica: eu vou manter as mesmas, para quê? O quê? Contribuição? É tudo pergunta mesmo.

Tudo pergunta? É

Contribuição? Pergunta.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Aí, esse eu posso falar? **Pode.** Eu acho que a minha questão com a Psicopedagogia é entender qual que é o papel da Psicopedagogia ou do psicopedagogo né, desde que essa formação aparece né, eu tive contato com essa idéia da Psicopedagogia ainda na década de 90 quando começa os cursos de especialização e a minha pergunta para psico, psicopedagogia é para quê? Qual que é a função? Qual que é, ah e se você pergunta qual que é o papel do psicopedagogo eu diria a você que é por não visualizar esse papel que eu questiono essa, essa formação. Ah..., eu já fiz um estudo com um grupo de Psicologia lá da UFG há muito tempo atrás, mas a gente discutiu textos da Psicopedagogia inclusive com uma colega que é da Psicopedagogia pra apanhar melhor essa formação e eu ainda continuo em dúvidas, eu acho que o psicopedagogo ele acaba ocupando um lugar em parte da Pedagogia e em parte da Psicologia, e se essa formação é necessária como ela é feita, isso me diz que há algum problema na formação do pedagogo e do psicólogo.

Talvez o canal fosse rever a formação, o quê que acontece na formação do psicólogo, e do pedagogo que indique uma aparente falha que necessite formar um psicopedagogo. É então eu não consigo entender muito qual que é o papel qual que é a função, até porque se você pensar o psicólogo, o psicopedagogo que tem a formação de, em Psicopedagogia ele vai atuar na clínica e essa condição de atuar na clínica é dada pela graduação e não pela Psicopedagogia né, há um discurso de que talvez a Psicologia não forme pensando em educação no processo ensino aprendizagem, o que não é real. Tem

disciplinas nessa perspectiva, se elas funcionam ou não, eu acho que a resposta era voltar à formação do psicólogo, e do pedagogo por sua vez ele vai atuar num campo que em tese se são problemas de aprendizagem, se são interferências no processo da aprendizagem, o psicopedagogo vai atuar aí, essa é uma formação que a Pedagogia deveria dar né, se, forma pra atuar na escola, pra educar, pra lidar com os processos ensino a formar, ensino aprendizagem então qual que é o sentido, de uma especialização pra dar essa direção que o curso de pedagogia deveria dar né, e muitos assim a, o meu contato, muitos pedagogos, eu tenho muito essa experiência aqui na Federal eu trabalho com o primeiro ano então eu tenho alunos que entram no primeiro dia de aula numa atividade de conhecimento da turma, eles já entram dizendo que querem fazer Psicopedagogia pra terminar o curso de Pedagogia né, eu acho que vem muito pra ocupar o lugar no mercado de trabalho, que é novidade né, ainda é novidade né, e muitos com a ilusão de que vão poder clinicar, porque esse lugar no mercado de trabalho ele é rentável na Psicopedagogia muito mais no ponto de vista clínico, e o pedagogo ele jamais vai poder fazer essa intervenção clínica, o curso de Psicopedagogia, não o habilitaria então é, é..., isso e o que, atuar ora como psicólogo, ora como pedagogo né, se você tem áreas que formam pra atuar nesses campos, eu não consigo ver um papel para a Psicopedagogia, pra mim é a grande questão.

A segunda pergunta qual é a área de atuação do psicopedagogo, você já respondeu né.

É, é..., eu acho que ele atua aí numa área que tenta juntar algo que eu acho que não é possível você poder dialogar, a Psicologia dialoga com a Pedagogia né, agora parte Psicologia e parte Pedagogia e essa é a impressão que eu tenho e não é uma impressão muito de fora não, eu já, eu já li muito sobre a Psicopedagogia e acho que é uma formação muito psicologizante, há uma ênfase nas questões psicológicas né, então a criança não aprende porque não tá motivada ou família não tá atenta, ah..., pelo menos é no caminho de uma crítica que eu faço da minha própria graduação que é em Psicologia né, eu acho que acaba tendo uma atuação, que ele atua, ele atua, eu não posso negar que ele atua né, que ele existe enquanto, agora eu não, não vejo muito sentido dessa, dessa atuação, dessa formação, dessa especialização né?

Ela existe né, então eu queria que você respondesse pra mim agora como que você vê essa formação?

Pois é, eu, eu.

Em termos de currículo.

Eu não consigo pensar muito assim, eu não vejo sentido né, no que eu conheço de currículo, nestes tempos eu recebi uma proposta para trabalhar uma disciplina de Psicologia do Desenvolvimento, numa especialização na Uni evangélica. Aí eles me mandaram por email a proposta, eles não me especificaram qual era o curso de especialização e era uma disciplina numa especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, a..., e eu recusei, eu não me disponibilizei até porque como que eu posso trabalhar num formando né, numa formação, numa especialização que eu tenho dúvidas, que eu tenho, eu..., eu..., eu diria a você hoje que eu tenho mais dúvidas né, mas é..., retomo até onde eu conheço das grades curriculares dos cursos de Psicopedagogia, muito uma ênfase numa formação na Psicologia né, então tem muitas disciplinas do ponto de vista da Psicologia e disciplinas que são da Pedagogia também né, então é essa a minha questão, que a formação se especializa em quê, né? Fica parecendo um meso psicólogo e um meso pedagogo né, daquilo que eu conheço, não conheço tudo e nem muito, vamos dizer que eu conhecia mais quando esse movimento ganha muita força.

Como que você avalia o resultado de um psicopedagogo? Você conhece algum caso?

Conheço, e aí não vai nenhuma, a minha posição contrária a essa formação não supõe uma avaliação de quem atua nesta perspectiva. Conheço pessoas muito..., que eu considero extremamente responsáveis que atuam como psicopedagogas, mas tem muito mais a ver com uma intervenção que eu acho... por uma base da Psicologia por haver uma formação na Psicologia depois uma entrada pela Psicopedagogia né.

Então aqueles casos que você conhece são de psicólogos psicopedagogos?

Isso, isso né que já atuavam na clínica há muito tempo, e depois fazem um pouco esse caminho de continuar atuando na clínica, mas priorizando adição de processo ou dificuldade de aprendizagem né? Fora essa situação, eu, eu acho que são situações muito..., essas questões das dificuldades de aprendizagem elas são muito centradas no

sujeito e aí, um atendimento muito particularizado, mesmo o do pedagogo, psicopedagogo né, é particularizado.

Então você conhece casos de pedagogas psicopedagogas?

Conheço, conheço.

Mas você acha que elas psicologizam?

Também psicologizam, individualizam, aí o problema da aprendizagem, eu acho que há um retorno em localizar no sujeito, na família do sujeito, ah..., eu acho, acho né, na minha leitura, ah..., se perde a assertividade da discussão deste processo de aprendizagem considerando contexto, social, cultural, isso pra mim é fundamental pra, pra pensar, o processo de aprendizagem né, então acho que perde né muito essa coisa, a escola faz muito isso né, tem muito psicopedagogo formado em Pedagogia que tem a salinha do psicopedagogo aí o menino é indisciplinado, ele é encaminhado ele tem problema de aprendizagem ele é encaminhado.

Eu acho que se perde o foco de uma leitura mais ampla desses processos.

E esses casos de psicopedagogos psicólogos que atuam na clínica elas fariam o mesmo trabalho se não tivessem feito psicopedagogia então?

Eu, eu acho que sim, assim a intervenção porque a formação em Psicologia me permite, cabe essa intervenção individualizada né, de buscar no próprio sujeito algumas questões.

Agora eu também faço uma crítica a uma Psicologia que não lê esse sujeito inserido no contexto social, a minha briga com a formação é que é impossível discutir qualquer perspectiva subjetiva sem entender em que contexto cultural social você se constitui enquanto, enquanto sujeito né. Então em tese sem intervenção individualizada, é..., eu acho que o psicólogo ele já tem essa formação pra essa intervenção né, talvez a..., a..., Psicopedagogia informe mais sobre alguns processos, referentes à aprendizagem, porque eu também tenho dúvida, porque na nossa formação bem ou mal a gente estuda teóricos na formação do psicólogo né, de desenvolvimento e aprendizagem né, então lá você estuda Piaget, você estuda Vygotsky, você estuda Wallon, você estuda Skinner né, então sobre os processos de aprendizagem a gente também, é... processos motivacionais que é um discurso muito presente na Psicopedagogia.

Mais alguma coisa?

Não.

Muito obrigada Professora.

Professor 12 – P12

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: mais de 51 anos

Universidade que trabalha: IA

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Psicologia

(b) Mestrado em: Psicologia

(c) Doutorado em: Psicologia

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: não identidade, sempre respondendo negativo, mas é também nem psicólogo nem pedagogo. **Nem pedagogo, seria uma só ou duas aqui?** Duas, nem é psicólogo e nem é pedagogo.

Pedagogo: professor, **mais duas**, mais duas? **É.** Mediador, pesquisador

Psicólogo: psicólogo, psicólogo é uma coisa muito ampla, então tem que restringir, psicólogo e'..., da educação e da aprendizagem né.

Educação aprendizagem seriam as palavras que você quer dizer? **É** deve ser educação, aprendizagem, é são.

Intervenção psicopedagógica: intervenção psicopedagógica é..., descontextualizada, descontextualizada, reinventar, mais uma, tô na dúvida, pensar outra aqui. **É bom não pensar muito, falar assim o que vier, então deixa assim né.** *(demorou muito)*

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Que papéis? **Hunrum**, é... eu não atribuo nenhum papel porque ele, quem tem que atribuir é ele né, eu não vejo ele como uma identidade profissional, acho que se juntou duas coisas, que ele nem é bem psicólogo, nem é bem pedagogo, então não sei direito o papel dele.

Na sua visão qual que é a área de atuação dele?

Do pedagogo? O psicopedagogo ele..., ele tenta apaziguar os conflitos que aparecem na escola, mas é sem ser de maneira parcial por isso te disse que ela é descontextualizada, porque eu acredito que quem deve resolver os problemas das escolas são os professores não alguém que tá fora, é..., que não é professor, eu acho que é o professor que deve, cumprir esse papel. É como os antigos orientadores educacionais tavam na escola e não tinham muitas funções, eles estavam ali quando o professor tinha problema com aluno chamava os psico, os orientadores. “Vem cá que eu não agüento mais esse menino!” então punha lá pra fora, então ele falava com as mães sempre pra queixar do aluno, pra tirar do professor a responsabilidade que eles têm perante os alunos de saber manejar uma sala, que o que ele quer fazer na escola é o papel do professor.

E como que você avalia a formação desse psicopedagogo?

Não conheço muito bem, é..., sei de pessoas que fazem cursos de especialização em Psicopedagogia, e que são pedagogos que fazem no geral, mas eu não conheço muito bem o quê que é essa formação.

E de ouvir falar, o quê você ouve falar dessa formação?

Essa formação, o que eu ouço falar é como se fosse, uma caixa de ferramentas que ainda depois vai usar, vai usar e vai resolver todos os problemas que aparecem porque é uma formação superficial, um psicólogo estuda cinco anos, um pedagogo estuda quatro, no mínimo né, um psicopedagogo eu não sei quanto tempo estuda, o quê que ele estuda, que teorias ele estuda, dá muito a impressão que é uma, uma articulação mais superficial na busca de resolver problemas práticos né.

Como que você avalia o resultado da prática do psicopedagogo? Você já tem algum conhecimento?

Não resolve o problema, os problemas né, a ação prática dele, ele aparentemente apazigua os conflitos que existem na escola, no entanto, ele não consegue resolver os problemas escolares, nem de aprendizagem nem do relacionamento, nem os problemas afetivos, ele não tem condições pra isso. Eu acho que não.

Você está falando da atuação do psicopedagogo na clínica ou na instituição?

Na instituição, na instituição.

E sobre o psicopedagogo atuando na clínica?

Na clínica. Olha, eu conheço bem pouco, conheço uma pessoa que faz isso na clínica, então a pessoa tem tantos outros conhecimentos que não é isso que é o essencial entendeu? Dela eu não conheço, o que seria o resultado na clínica.

E assim como a Psicopedagogia você tem outras, é..., uma outra resistência há alguma outra formação que está surgindo aí, porque a Psicopedagogia é nova né?

A Psicopedagogia, aqui no Brasil teve durante muito tempo a Pedagogia era discutida em três, três rumos né, um era supervisor, outro era orientador, o outro não me lembro mais o quê era, o orientador era, o orientador era um pouco como o psicopedagogo, ele atendia um pouco de psicologia, fazia o curso da pedagogia estuda um pouco de Psicologia ele iria tratar de todos esses problemas mais psicológicos, mais de relacionamentos, esses eram os psicólogos, só que os professores não aceitavam ele, os alunos não aceitavam ele, ele ficava é..., na... , assim como intermediários não aceitos por ninguém, eles ficavam muito mal, eu achava que eles sofriam muito dentro da escola, o psicopedagogo até agora, eu não conheço eles na escola pública, eu sei que algumas escolas que estão querendo contratar, contratar um psicopedagogo, mas é..., pelo que eu sei os professores, professores e alunos vão resistir muito a essa, a essa chegada, desse, desse profissional, porque os professores só pensam é, outros professores pra passar os seus problemas, sabe, eles não gostam que uma pessoa de fora que venha discutir. Quando uma pessoa de fora chega na escola eles dizem assim: “Ah! Mas porque você, porque você não fez isso, você não fez aquilo, porque que você..., o professor vai dizer: “Não, mas fica no meu lugar...”

E você não acha que essa formação pode ajudar a coordenação dessa escola?

Não, não acho, acho que o coordenador deve ser um professor também, tem que exercer um cargo temporário deve ficar dois anos, depois mudá-lo, não deve ser pra vida inteira. Assim também como o diretor, mas eu to falando do ponto de vista da escola pública sabe, a escola particular pode ser outra realidade, diferente, que ali tem um dono eu tenho um diretor que é a vida inteira, um coordenador que é a vida inteira etc, mas na escola pública não é assim né, os professores é que elegem coordenador, os professores que elegem o diretor, então é uma coisa muito provisória. Eu acho que, tem que dar essa formação para os professores se eles puderem acrescentar, entendeu, na sua formação é..., questões da Psicopedagogia, na área que ajudaria, que tem a possibilidade, então deveria incorporar na própria formação de professores, e não que tivesse um outro, um outro profissional que fosse da escola, acho que ele não, acho difícil ele ter um lugar.

Professor 13 – P13

1. Identificação

Sexo: feminino

Idade: entre 41 e 50 anos

Universidade que trabalha: IA

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Psicologia

(b) Especialização em: Psicologia da Educação

(c) Mestrado em: Educação

(d) Doutorado em: Psicologia da Educação

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: problema, atraso, não veio mais nenhuma, também depois dessa, falácia.

Pedagogo: formação, educador, reflexão.

Psicólogo: identidade, atuação, formação.

Intervenção psicopedagógica: questionável, política, divergente.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis você atribui ao psicopedagogo?

Acho que eu já deixei claro na, aqui, eu tenho é me confrontado no campo da educação com os profissionais que se caracterizam né muitas vezes como psicopedagogos. Grande parte desses profissionais, é..., eu, eu tenho divergido nossas concepções, na sua formação e na sua atuação.

Essa é a próxima pergunta, em relação à formação, então você poderia falar pra mim o que você pensa sobre essa formação?

Do psicopedagogo? É. Eu acho que a formação do psicopedagogo ela é frágil e me parece equivocada porque ela lida muitas vezes com o educativo, é..., como uma intervenção clínica.

E você acha que esse lado educativo não está relacionado também à clínica, ao emocional, psicológico?

Não, eu acho, pode estar..., o problema é que frequentemente o discurso da Psicopedagogia, ele tem se associado a uma idéia que por exemplo: aprendizagem, distúrbios de aprendizagem, eu não vejo como, como em uma escola pública brasileira pelo menos as que eu conheço, que uma atuação de um psicopedagogo né, possa contribuir para as questões do ensino, porque frequentemente o, o psicopedagogo ele, ele retira do campo educacional né, ele retira do campo educacional e abstrai de uma forma que ele acaba com isso trazendo muitas vezes o emocional como se fosse uma questão que por si só justificasse as dificuldades do aluno ou as dificuldades pedagógicas. Eu não concordo, a grande maioria das vezes que eu acho que existe é, não se conhece o aluno, estou dizendo os pedagogos né, pedagogas, pedagogos de maneira geral ele não tem uma formação que possibilite ele a conhecer de fato esses processos quando ele tem uma Psicopedagogia ele fala “Poxa! Já encontrei a minha salvação né.”,

aquele aluno tá com problemas então o psicopedagogo é que vai resolver, então há uma renúncia ao princípio educativo, e eu considero que ao contrário do quê, por exemplo: eu vejo quem faz Psicopedagogia são os pedagogos, muitos, inclusive pra saírem da sala de aula, pra terem outro espaço né, e isso compromete a atuação né, da, da Pedagogia no seu papel. Então de maneira geral é isso, eu tenho me confrontado com isso, eu acho um equívoco né esse deslocamento, muitas vezes que a Psicopedagogia faz, dos processos educacionais pra intervenção clínica, eu não acho que a afetividade, as emoções, são afastadas do processo cognitivo né, absolutamente, quem afasta, eu também critico, mas ao que me parece o, o que eu leio em relação à Psicopedagogia de maneira geral esse pronunciamento algumas coisas, alguns artigos, algumas práticas, muito tempo que eu não faço isso, e parece que estão se repetindo já há algum tempo é que é outra concepção, da qual eu não concordo, eu concordo com uma concepção por uma Psicologia da Educação né, que pretende dar uma formação mais, é..., digamos assim, mais calcada nos processos mesmos, no pensar, no refletir, e mais presente, eu não sei se eu falei claro. **Falou.**

É..., agora se possível você responder essa pergunta pra mim, qual é a área de atuação dele?

De quem?

Do psicopedagogo.

Eu não acho que, eu gostaria que houvesse psicólogos da Educação, pelo menos aqui no Brasil eu acho a Psicopedagogia, eu não conheço, eu sei que na França existe, na Argentina, não tô dizendo quanto a isso, mas eu acho que...

Você acha que ele não deveria existir?

Eu não vejo nem como especialização, nem como uma formação, nem como habilitação.

Mas o psicopedagogo que existe hoje na escola e fora da escola, na clínica, nos hospitais, você..., partindo...

Se forem fazer esses procedimentos eu acho que eles, pra mim não tem sentido o psicólogo pode resolver com equipe multidisciplinar, com assistente social, com pedagogo, por exemplo: na escola, mas não numa idéia de ser clinicamente, fora da

escola ou fazer um consultório né. A idéia é você ter, que eu penso é que se você tivesse mais mecanismos pra entender os processos mais profundamente né, processos pedagógicos e não, o psicólogo não dá conta sozinho, o pedagogo também não, melhor, e não, e não psicologizá-lo, eu falo criticas também a Psicologia da Educação né, essa Psicologia, ela não é por si só a salvadora da pátria nem a única que pode te responder então.

E como que você avalia o resultado da prática do psicopedagogo?

Pois é tem gerado equívoco né.

Você, é..., mas você conhece casos concretos?

Olha eu já conheci, tem muito tempo que eu não..., mesmo porque eu me desinteressei completamente, assim é, então não posso dizer, mas há algum tempo atrás eu acho práticas equivocadas.

Mas você conhece algum caso concreto?

Não, não. **Não né.** Recentemente não, e nem lembro, eu digo mais em relação à formação mesmo.

Tem mais alguma coisa que você queira dizer?

Não, eu queria dizer que as críticas que eu faço ao psicopedagogo né, são críticas radicais e por outro lado também eu fui muito crítica em relação à Educação, a Psicologia da Educação, não acho a Psicologia aceitável, mas acho um campo teórico mais consistente, e acho que a Educação é uma complexidade enorme aí e que infelizmente muitas vezes carece uma fundamentação, de fundamentação.

Bom então é isso. Muito obrigada!

Acho que você é psicopedagoga, né? Espero que você me contrarie. **Como assim?** Que você seja diferente. Aliás, a primeira impressão que tive de você foi muito boa. Gostei do seu jeito.

Professor 14 – P14

1. Identificação

Sexo: masculino

Idade: mais de 51 anos

Universidade que trabalha: IB

2. Formação:

(a) Curso Superior em: Filosofia

(b) Especialização em: Educação

(c) Mestrado em: História e Filosofia da Educação

(d) Doutorado em: Educação

(e) Pós-doutorado

3. Tempo de experiência no magistério: mais de 15 anos

1ª etapa: Palavras indutoras

Psicopedagogo: Três palavras associadas é isso? Pode ser duas né? Pode ser duas palavras? **Fale as duas e depois pense em mais uma**, psicopedagogo é..., psicopedagogo, o quê que eu vou dizer Miriam? Psicopedagogo. **O que vier na cabeça.** Orientação pedagógica, orientação educacional, psicopedagogo, orientação pedagógica, orientação educacional, é..., vamos dizer assim é..., a psicologia no ensino. Ok acho que to de acordo com isso, é.

Pedagogo: pedagogo, pedagogo, teórico da educação, orientador pedagógico, hum espera aí..., vamos colocar assim, ensino de saberes e modos de agir, e modos de ação, modos de agir.

Psicólogo: psicólogo, bom psicólogo, um profissional, um profissional dos processos internos do individuo, isso que eu entendo como psicólogo, isso resume tudo.

Intervenção psicopedagógica: intervenção psicopedagógica, atuação em prática de ensino, atuação em prática de aprendizagem, atuação em, em processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Se você quiser colocar aqui psicólogo processos internos do indivíduo nos aspectos da personalidade, desenvolvimento humano e aprendizagem, aí dá a idéia que eu tenho de psicólogo.

2ª etapa: Entrevista

Que papéis o senhor atribui ao psicopedagogo?

Orientação direta ao professor na sala de aula, assistência, assistência é..., assistência pedagógica, é..., assistência aos alunos, eu acho que o psicopedagogo atua, portanto, na orientação pedagógica, então ele trabalha com o professor, mas ele atua na orientação dos alunos em temas de personalidade de desenvolvimento e aprendizagem, ok.

E na sua visão qual que é área de atuação dele?

A área de atuação dele, psicologia da personalidade do desenvolvimento da realidade.

E como que você avalia a formação do psicopedagogo?

Avalio, bom, eu só posso avaliar a formação do psicopedagogo no conhecimento dos cursos de especialização, porque não tem curso de graduação em Psicopedagogia, aqui não tem, né?

Eu ouvi dizer que tem uma no Sul uma primeira graduação.

Aqui em Goiânia não tem né?

Não.

Então o que você tá me perguntando mesmo?

Como que o senhor avalia a formação do psicopedagogo em termos de especialização mesmo?

Eu avalio como, como provavelmente focada no viés psicológico, ok, provavelmente focada no viés psicológico, é descuidando de..., digo provavelmente pra dá um, pra não generalizar né, um viés, um viés demasiadamente psicologicista se quiser colocar, só um viés já dá um, viés demasiadamente psicológico, é descuidando de aspectos é..., socioculturais, de aspectos socioculturais, institucionais, é isso que eu acho.

E como que o senhor avalia o resultado da prática do psicopedagogo?

Não sei dizer, não sei por que eu não tenho nenhuma referência de um, de acompanhar na minha experiência profissional. Eu já, eu fui diretor de escola 12 anos em São Paulo e aqui em Goiânia, e eu nunca trabalhei na minha equipe, nunca teve na minha equipe um psicopedagogo. Eu tinha na minha época orientador pedagógico e orientador educacional. Em São Paulo havia um orientador e havia até um assistente social, mas eu nunca trabalhei com psicopedagogo, então eu só posso presumir, quer que eu fale, presumivelmente o quê que eu acho?

Quero.

O quê que deveriam ser, o quê que deveria ser o resultado do trabalho do psicopedagogo? Bom, eu vou fazer um discursinho então, ta? Depois você vê o quê que você tira disso né, é resumindo eu entendo que, eu entendo que, o papel da escola e portanto do ensino é a promoção e a ampliação do desenvolvimento mental, portanto o, a escola, é disse né pra propiciar sólidas aprendizagens, sólidas aprendizagens implicam mudanças qualitativas no modo de ser e de agir dos alunos, e isso se dá basicamente por meio do desenvolvimento de capacidades intelectuais, capacidades cognitivas não é, e capacidades cognitivas estão diretamente associados à formação de conceitos ou seja, ao desenvolvimento de ações mentais, então ensinar em função da ampliação do desenvolvimento mental não é, é formar e desenvolver ações mentais né, é através da atuação do professor considerando os motivos dos alunos e os contextos socioculturais em que as aprendizagens ocorrem nós temos então na, como, como necessidades numa escola de você ter uma assistência pedagógica específica, a esse trabalho de ajudar o professor nesse seu trabalho de intervir de forma sistemática na formação e desenvolvimento mental dos alunos né, o psicopedagogo tem um papel fundamental nisso né, ou um psicólogo que tenha uma formação pedagógica ou um pedagogo que tenha formação psicológica né, então o resultado esperado da atuação do psicopedagogo na escola é..., primeiro contribuir pra melhoria das condições de aprendizagem dos alunos, para isso contribuir pra criar as condições profissionais dos professores fazerem isso e terceiro contribuir pra criar na escola as condições socioculturais e institucionais pra isto, ok. Voltando a pergunta do, de como é que eu vejo a formação do psicopedagogo que é a pergunta anterior que você fez não é, é eu tenho uma crítica à Psicopedagogia não é, que é assim, a Psicopedagogia foi criada não é, pra ampliar o mercado de trabalho do psicólogo, e ao mesmo tempo para abrir uma, uma, um campo de trabalho pro pedagogo, resumindo a Psicopedagogia foi uma invenção, é no campo

das profissões não é, pra por um lado pra ampliar o mercado de trabalho do psicólogo então ele, ele quer, agregar a Pedagogia à Psicologia, por outro lado pra, numa busca do pedagogo de mais status porque se ele agregar a Psicologia à Pedagogia ele ganha mais status, porque a Psicologia tem mais status social do que o pedagogo do que a Pedagogia, ok. É..., é e mais uma coisa na formação do psicopedagogo ou no curso de Psicopedagogia é que este curso seria desnecessário né, ele seria supérfluo se a formação do pedagogo fosse uma formação adequada consistente e que, e que tivesse um forte conteúdo da Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, coisa que não ocorre, é ok, acho que, essa é a minha opinião. Como a, como a, a sim e, e..., também seria o curso, seria dispensável, supérfluo se os pedagogos e os professores tivessem uma remuneração a altura, uma remuneração decente né, agora admito que, que haja, admito que há uma área da Psicologia, do curso de Psicologia, há uma área da Psicologia Educacional que é uma área apropriada relevante não é, é desde que essa Psicologia Educacional tivesse um vínculo explícito com o campo pedagógico, com o campo de ensino não é, resumindo uma formação pedagógica pro psicólogo no curso de Psicologia e uma formação psicológica pro pedagogo no curso de Pedagogia tornaria dispensável o curso de Psicopedagogia.

Mais alguma coisa?

Só isso.

Professor muito obrigada.

Acabou? **Acabou.**

É a minha crítica a Psicologia é a mesma crítica que eu faço da psicologização, assim como eu faço também a crítica da sociologização, eu sou contrário a toda forma e viés, não é, em relação à Pedagogia, não é. Como a Pedagogia é um campo que abrange várias ciências, a Pedagogia tem vários campos científicos auxiliares e tem que ter mesmo, porque o objeto da Pedagogia é objeto multifacetado, o ato educativo é ao mesmo tempo sociológico e psicológico, econômico, biológico né, então a natureza do ato educativo não é, é multifacetada não é, é..., por conta disso historicamente houve uma tendência de reducionismo de reduzir o pedagógico ao psicológico ou o

pedagógico ao sociológico ou pedagógico ao econômico e etc, né é uma tendência antiga, tanto é que na segunda metade do século XIX na Europa ocorreu um movimento fortíssimo né, de entender que a ciência básica da Pedagogia era a Psicologia e assim aconteceu durante muitos anos e essa herança persiste muito na cabeça dos psicólogos né, e na representação que os psicólogos tem de Pedagogia com a idéia de que o ato pedagógico se reduz ao desenvolvimento e aprendizagem, ou se quiser colocar também na personalidade né. Então eu, como eu sou pedagogo, eu defendo a especificidade psicológica da pedagogia né, quer dizer, primeiro a Psicologia define o seu objeto, o seu conteúdo, e aí ela vai buscar em quê que as outras ciências podem contribuir pra esclarecer, enriquecer esse objeto, não é?!, quer dizer então que, que a crítica que eu faço a Psicopedagogia é a mesma crítica que eu faço a psicologização do pedagógico, é isso que eu queria falar, eu acho que é um raciocínio importante né, quer dizer eu não desprezo absolutamente a Pedagogia né. Ah, perdão! Eu não desprezo a Psicologia e a contribuição dela pra Pedagogia só...

Mas como que é essa psicologização em que sentido?

O sentido é tornar o ato, o ato educativo exclusivamente individual, um problema individual, um problema interno.

Mas o senhor não desconsidera o lado psicológico?

Não desconsidero, que haja, que a Psicologia, eu considero que, que, toda, toda atividade individual é antes uma atividade coletiva, agora a realização do educativo é um ato individual né, tanto é que vão ensinar pra você didática, é..., é e vão ensinar pra sua colega didática é..., eu sei que a apreensão disto né, a internalização de um, de um processo de ensino de estudo, ela é individual né, as mentes das pessoas são diferentes, as experiências das pessoas são diferentes o, o modo como as pessoas se situam no mundo da cultura é diferente né.

O problema é achar que tudo é psicológico.

O problema é achar que o ato pedagógico se resume no psicológico isto eu acho que, isto que eu chamo de reducionismo, isto que eu chamo de viés e que foi uma, que foi uma tendência dominante na segunda metade do século XIX, e ao longo também do século XX né, e isto só começou a sofrer uma mudança quando ocorreu um fenômeno inverso que foi a sociologização do pedagógico, só que voltou-se pra outro viés, ocorreu

um outro tipo de reducionismo não é? Então eu penso que a Pedagogia é uma ciência unitária ela se ocupa da prática educativa e pra isso ela recorre a outras ciências pra poder explicitar, então aí a Psicologia entra naquilo que é próprio dela, compreender os mecanismos internos do desenvolvimento é..., e da aprendizagem não é, é..., sempre entendendo que esse indivíduo, ele é produto de uma cultura de uma sociedade, certo?

Certinho.

Então ta bom.

Foi ótimo. Muito obrigada!

ANEXO 4

ANEXO 5

ANEXO 6

Anexo 6

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por este termo, você é convidado(a) a participar como colaborador(a) em uma pesquisa de pós-graduação. Após ser esclarecido(a) conforme informações contidas neste documento, se aceitar participar, assine as duas vias no final. Uma delas é sua e a outra da pesquisadora responsável. Sua participação é voluntária.

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA

Título do Projeto: Representações Sociais do Psicopedagogo

Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Goiás –UCG

Orientadora: Prof. Dra. Joana Peixoto

Pesquisadora responsável: Miriam Gomes Avelar de Moraes

Telefones para contato: (062) 30863374 ou 9208-4020

Email: miriamgomes4m@hotmail.com

A partir desse estudo pretende-se compreender como os professores da Faculdade de Educação representam o psicopedagogo.

O procedimento adotado será a aplicação de entrevistas semi-estruturadas e todos os dados coletados serão inteiramente protegidos e sua privacidade resguardada nos seguintes termos abaixo:

- Quer escrevendo ou falando sobre esse estudo, jamais usarei seu nome ou quaisquer outros nomes e indicações que possam revelar sua identidade, salvo com sua expressa permissão
- Seu verdadeiro nome será substituído por outro quando da citação do mesmo nesse estudo ou em estudos posteriores
- Todos os dados coletados, tais como questionários, entrevistas e ou outros, escritos e gravados, também serão mantidos em sigilo mantendo sua identidade protegida.

Fundamental é a sua colaboração, porque sem a qual não ocorrerá o processo de pesquisa, mas ressalta-se que é facultada a sua participação. Se acatar a condição de voluntário (a), em qualquer momento poderá pedir informações ou esclarecimentos acerca do andamento da pesquisa e caso decida se retirar da mesma e não permitir a utilização de suas informações, isso poderá ocorrer a qualquer momento, desde que se manifeste para tal ato.

Atenciosamente,

Miriam Gomes Avelar de Morais _____
Mestranda Assinatura
Tels: (62)32615880/92084020 – e-mail: miriamgomes4m@hotmail.com

Profª. Drª. Joana Peixoto _____
Orientadora da Pesquisa Assinatura
Tels: (62)36094262/81746259 – e-mail: joanagyn@yahoo.com.br

Aceite do Voluntário

NOME POR EXTENSO

Data: ___/___/2009.

ANEXO 7

ANEXO 8

ANEXO 9

ANEXO 10